

Caminhos para a Paz



Índice

<i>Preâmbulo</i>	1
<i>Cantiga do fogo e da guerra</i>	3
<i>Natal de 1971</i>	5
<i>O soldadinho, a menina e a pomba</i>	7
<i>Uma decisão importante</i>	15
<i>Livre</i>	21
<i>O menino da sua mãe</i>	23
<i>Deste lado do mundo</i>	25
<i>Hiroshima no Pika</i>	27
<i>Um taco de bilhar</i>	33
<i>Os mil pássaros de Sadako</i>	35
<i>O menino que voltou a sorrir</i>	53
<i>Menino do bairro negro</i>	59
<i>Um gole de água</i>	61
<i>Lamentação</i>	65
<i>Cristo e Pirulito</i>	69
<i>Esta gente</i>	73
<i>Como os outros</i>	75
<i>Despacha-te</i>	79
<i>O noivo</i>	83
<i>O vírus do preconceito</i>	87
<i>Menina dos olhos tristes</i>	95
<i>Erva</i>	97
<i>Pim-Pam-Pum</i>	99
<i>Cantilena</i>	101
<i>Little Boy</i>	103
<i>Palavras em vão</i>	105
<i>Cantiga do ódio</i>	109
<i>Uma palavra difícil</i>	111

<i>Soneto anticolonialista</i>	115
<i>História de Robert</i>	117
<i>Chuva em Ypres</i>	127
<i>Notícias do bloqueio</i>	129
<i>O balde</i>	131
<i>A sombra do quadrante</i>	133
<i>Balada do país que dói</i>	135
<i>Li Na e o Imperador</i>	137
<i>A Guerra e o irmão</i>	145
<i>Foge, Élie!</i>	153
<i>Os bigodes do leão</i>	159
<i>Uma lição para reis</i>	161
<i>Levantar o céu</i>	165
<i>Os rebentos do umbuzeiro</i>	167
<i>Os paus da discussão</i>	171
<i>Olhar o inimigo de frente</i>	173
<i>Buda impede uma guerra</i>	175
<i>Manhã de Junho</i>	177

Preâmbulo

Nos difíceis tempos que são os de hoje, em que o desenvolvimento tecnológico tem aberto possibilidades não antes suspeitadas, torna-se mais do que nunca necessária uma pedagogia dos valores assente em bases sólidas, que oriente os mais jovens no sentido da tolerância, da generosidade e no respeito pela diferença, tão pouco tida em conta nesta época de fundamentalismos, de guerras onde não existem vencedores, e em que a mais pesada factura é sempre paga pelas crianças.

Por outro lado, de par com a devastação causada por tantos conflitos armados, surge, como inevitável, um cortejo de imagens televisivas diariamente enviado para as casas dos telespectadores, numa dessensibilizante rotina da exploração da dor humana e da destruição, que atrai a curiosidade de quem vê, mas que não esclarece nem convida a reflectir.

Transformadas as imagens de violência, reais e ficcionadas, em objecto de consumo e fonte de entretenimento, não é de surpreender que se tenha vindo a assistir, de forma generalizada, a um aumento da incidência de crimes violentos na sociedade cada vez mais laxista e permissiva que é a sociedade portuguesa, em que reinam a impunidade e a hipocrisia, em que o respeito pelos princípios morais é confundido com moralismo retrógrado, e em que a mediocridade e a grosseria se têm transformado em modelos de comportamento, sobretudo para os mais jovens.

Pretende-se, com esta antologia, proporcionar a quem a ler momentos de reflexão sobre o tema da violência, abrindo ao mesmo tempo alguns caminhos possíveis para uma paz assente no diálogo, na partilha e na compreensão, na capacidade de ouvir o que o outro tem para dizer, e na consciência de que a maldade que tendemos a ver nesse outro é, tantas vezes também, um reflexo da nossa própria maldade.



Cantiga do fogo e da guerra

Há um fogo enorme no jardim da guerra
E os homens semeiam agulhas na terra
Os homens passeiam co'os pés no carvão
que os deuses acendem luzindo um tição

P'ra apagar o fogo vêm embaixadores
trazendo no peito água e extintores
Extinguem as vidas dos que caem na rede
e dão água aos mortos que já não têm sede

Ao circo da guerra chegam piromagos
abrem grande a boca quando são bem pagos
Soltam labaredas pela boca cariada
fogo que não arde nem queima nem nada

Senhores importantes fazem piqueniques
churrascam o frango no ardor dos despiques
Engolem sangria dos sangues fanados
e enxugam os beiços na pele dos queimados

É guerra de trapos, do pulmão que cessa
do óleo cansado que arde depressa
Os homens maciços cavam-se por dentro
e o fogo penetra, vai direito ao centro.

Sérgio Godinho

Porto, Edições Afrontamento, 2001

Natal de 1971

Natal de quê? De quem?
Daqueles que o não têm?
Dos que não são cristãos?
O de quem traz às costas
as cinzas de milhões?
Natal de paz agora
nesta terra de sangue?
Natal de liberdade
num mundo de oprimidos?
Natal de uma justiça
roubada sempre a todos?
Natal de ser-se igual
em ser-se concebido,
em de um ventre nascer-se,
em por amor sofrer-se,
em de morte morrer-se,
e de ser-se esquecido?

Natal de caridade,
quando a fome ainda mata?
Natal de qual esperança
num mundo todo de bombas?
Natal de honesta fé,
com gente que é traição,
vil ódio, mesquinhez,
e até Natal de amor?
Natal de quê? De quem?
Daqueles que o não têm,
ou dos que olhando ao longe
sonham de humana vida
um mundo que não há?
Ou dos que torturam
e torturados são
na crença de que os homens
devem estender-se a mão?

Jorge de Sena

Porto, Campo das Letras, 2004

O soldadinho, a menina e a pomba

O soldado marchava de cá para lá, de lá para cá, na rua sem mais ninguém, diante da porta aberta do quartel. De farda especial e capacete, com a mão direita no punho da espingarda automática encostada ao braço, marchava vinte passos para lá; então parava, batendo com as botas no chão, para fazer meia-volta; e depois marchava vinte passos para cá, para fazer outra meia-volta e continuar a andar os mesmos vinte passos.

Estava de sentinela. De guarda ao quartel, era sua obrigação ver muito bem a entrada e a saída de militares e atender alguma pessoa estranha que por ali aparecesse.

Chegara no seu posto meia-hora antes, ainda quase de noite. Como então havia nevoeiro e muito frio, marchara muitas vezes de cá para lá, de lá para cá, batendo com as botas no chão, com muita força, para se aquecer. E, de vez em quando, metera-se dentro da guarita, aquela casota de madeira de onde, mais abrigado, podia continuar a ver tudo o que perto dele acontecesse. Dentro de nevoeiro, parado ou só podendo andar os tais vinte passos, o soldado fazia lembrar um peixe num aquário.

Agora lá andava ele, de um lado para o outro, diante da porta aberta do quartel, onde ninguém entrava e de onde ninguém saía. A rua estava deserta. Nem sequer o Sol, que decerto já tinha nascido, conseguira furar o nevoeiro que toda a noite tinha sido uma manta a embrulhar a cidade. Agora era como um lençol quase transparente, esburacado, mas ainda mal deixava ver muitas casas, algumas árvores e mesmo parte daquela rua.

Ora, a certa altura, o soldado ouviu um leve rumor e viu um pequeno vulto que se aproximava. Logo interrompeu a sua marcha, mesmo junto da guarita, e, com muita atenção, ficou a olhar e foi como se, de repente, a manhã tivesse finalmente começado a descer a larga rua do quartel. Uma menina de bibe branco, boina e sandálias vermelhas, com uma malinha às costas, vinha andando na direcção dele, pulando às vezes, às vezes parando; e, batendo as asas em volta dela, um pombo cinzento rosado, da cor da madrugada, vinha voando com a menina. Mas ela, após três ou quatro passos, parava: e o pombo, então, procurava-lhe as mãos, como se quisesse beijá-las. Assim de longe, lembrava uma borboleta a querer poisar numa flor que tivesse começado a andar.

O soldado estacara junto da guarita, imóvel, em posição de descanso, com as pernas afastadas, as mãos cruzadas à sua frente, a segurar o punho da espingarda automática que parecia agora adormecida ao colo dele.

Com a menina e o pombo já mais perto, percebia melhor o que estava acontecendo. A

pequenita trazia nas mãos um cartucho, donde tirava bagos de milho que o pombo lhe ia comendo na palma da mão. E, de súbito, veio correndo até junto do soldado e parou diante dele, com a ave empoleirada num dos ombros. Então disse:

— Bom dia!

Antes de responder, ele descruzou as mãos e ficou com a direita caída a segurar a arma ao longo do braço, e a esquerda muito esticada junto à coxa, ao mesmo tempo que unia os calcanhares, com um grande estalo das botas. Estava em sentido. E ia falar, quando o pombo começou a esvoaçar e a menina a rir.

Devia ter uns sete ou oito anos, muito pequeninos e alegres. Alguns caracóis de cabelo negro escapavam-se da boina vermelha, sobre uns grandes e lindos olhos verdes, num rosto de ar travesso, com um sinalzinho preto à esquerda do nariz arrebitado. E toda ela, desde a boina à boca, ria.

— É por mim que fazes isso? — perguntou, com o pombo empoleirado no outro ombro.

— Uma sentinela deve pôr-se em sentido quando fala com um civil — respondeu o soldado.

— Ai, eu sou um civil — exclamou ela, ainda a rir. — Pois não vês que sou uma menina?

— Bem vejo que é uma menina. Deseja alguma coisa?

— Sim. Quero saber se viste passar o meu avô.

— O seu avô? Não, não vi. Desde que aqui estou, ninguém entrou nem saiu. E há quase meia hora que ninguém passa por esta rua.

— Então, não viste o meu avô? — murmurou a pequenita, muito desgostosa.

E, enquanto tirava do cartucho um bago de milho para o pombo, lamentou-se:

— Sem o meu avô não sei como hei-de resolver o meu problema. Tu é que talvez possas ajudar-me...

— A menina precisa de ajuda?

Ela fez uma careta de impaciência:

— Ai, não faças tanta cerimónia! Porque é que continuas em sentido e a tratar-me por menina? Olha, eu sou a Renata. E esta é a Rita, acrescentou, dando à pomba outro bago de milho. E tu?

— Eu sou o 154.

— O 154? Ora! Trata-me por tu e diz-me o teu nome.

— Ernesto. Na tropa sou o 154, mas chamo-me Ernesto. Mas como é que a menina...

— Como é que tu...

— Está bem! Como é que tu sabes que é uma pomba?

— Como é que eu sei! — exclamou a pequenita, abanando a cabeça. — Sei porque sou muito amiga dela, porque fui eu que lhe pus o nome de Rita, porque é minha vizinha e porque anda a chocar uns ovos que eu quase a vi pôr. E esse é que é o problema!

— Que problema?

Então a Renata explicou qual o problema, acrescentando que era grave. A Rita andava a chocar os seus ovos, em breve ia ser mãe e precisava de comer muito bem, para poder criar uns pombinhos fortes e bonitos como ela. Por isso, todas as manhãs, antes de ir para a escola, costumava dar-lhe milho. Mas naquele dia acordara mais tarde e tinha-se visto obrigada a trazer a pomba com ela, porque a Rita estava habituada a comer bagos, um a um e pouco a pouco, nas mãos da sua amiga Renata. Ora ela tinha de ir já para a escola e só metera por aquela rua para encontrar o avô, que tinha vindo para ali poder dar à pomba o resto do milho...

E, com um ar muito contrariado, concluiu:

— Mas tu dizes que não viste o meu avô... Portanto, como não vejo aqui mais ninguém, só tu é que podes ajudar-me.

— Eu? Tenho muito pena, mas não pode ser. Eu estou de sentinela.

— Já sei! Mas tu mesmo disseste que ninguém tem passado por aqui. Por isso, ninguém pode ver. E eu não conto nada. Olha que já faltam poucos bagos — disse a Renata, dando mais um à pomba que não ficava quieta.

— Tenho muito pena...

— Ernesto, Ernesto! — exclamou a menina, olhando-o com uma expressão muito triste. — Pareces um rapaz muito simpático, mas afinal...

Ele tinha, de facto, um aspecto muito simpático. Baixo, loiro, de olhos azuis, corado e quase imberbe, era naturalmente risonho. Mas agora estava preocupado.

— Não posso, Renata. Se alguém me visse... Se o nosso sargento me apanhasse...

A pomba continuava a bater as asas, à roda do cartucho. A menina, abanando a cabeça, murmurava:

— E eu tenho de ir já para a escola! Tu bem podias, se quisesses... E agora?

Foi então que, vendo que duas lágrimas o espreitavam daqueles grandes e lindos olhos verdes, o soldado não resistiu mais.

— Pronto! Dá cá o milho e vai depressa para a escola. Eu cá trato da Rita... e seja o que Deus quiser!

Como o Ernesto se inclinava para ela, para melhor agarrar o cartucho, a menina pendurou-se-lhe ao pescoço e deu-lhe um grande beijo, dizendo:

— Eu juro que não conto nada a ninguém. Só hei-de dizer ao meu avô que encontrei hoje um soldadinho muito bom e muito bonito. Adeus, amigo Ernesto!

E deixando a pomba a esvoaçar em volta da sentinela, a Renata desatou a correr a caminho da escola, sem olhar para trás, mesmo de costas acenando adeus.

Risonho e pensativo, o soldado ficou a ver a menina desaparecer. Mas a pomba picava-lhe a mão... Despertou e só então desfez a posição de sentido, passando à de descanso: com a espingarda automática ao colo, as pernas afastadas e as mãos à frente, amparando o punho da arma... mas abertas, uma com o cartucho, a outra com a pomba.

Olhou à sua volta: ninguém! Até o nevoeiro parecia voltar de novo, a querer ajudá-lo. E o Ernesto deu à Rita mais um bago de milho.

De repente, vindo do quartel, um som de clarim estilhaçou o silêncio. Estremeceu, mas logo se acalmou, pensando: «É o toque do rancho, para o pequeno-almoço. Agora não é provável que alguém venha à porta.»

Continuou a dar o milho à Rita, contando os bagos que restavam: eram três. Pô-los na concha da mão, deitando fora o cartucho, logo arrastado pelo vento que acordara e desfazia os últimos farrapos de nevoeiro. O sol ia já doirando as coisas. E, quando havia um só bago de milho, o soldadinho, muito distraído, pressentiu de repente alguém que vinha já muito perto dele. Ao perceber quem era, quase desmaiou.

Como estava inclinado para a pomba, ao princípio só viu, pisando o chão, um par de botins ou botas altas. «Oficial ou sargento?» — pensou. Eram botas altas: «Oficial!». Depois, nos ombros, muitos galões amarelos, um largo e três estreitos: «Coronel! Coronel!». Por fim, um monóculo a faiscar ao Sol agora todo descoberto: «O nosso Comandante!»

Ora tudo isso, o que ele via e o que ele ia pensando, não demorou mais do que um segundo. E, nesse segundo, o soldado compreendeu que aquele oficial muito alto e magro, sempre sério e de monóculo, que estava quase junto dele, era nem mais nem menos do que o excelentíssimo senhor coronel Rijo, o Comandante do Regimento!

Imediatamente se pusera em sentido. A pomba, assustada com o bater dos calcanhares, afastara-se um pouco. E o último bago de milho, que não deixara cair no chão, não fosse o coronel vê-lo, ficara bem apertado pela mão encostada à perna esquerda. Mas agora, como o Comandante do Regimento tinha chegado ao quartel, era sua obrigação de sentinela dar um grito de alarme: «Às armas!»

Era assim: ele bradava às armas, a guarda vinha logo, a correr, e formava junto da sentinela; o

corneteiro tocava, de maneira que, em qualquer parte do quartel, toda a gente ficava sabendo que chegara o Comandante, e por isso devia pôr-se em sentido; e a guarda apresentava armas, o Comandante fazia a continência, e só então entrava.

Ora já ele ia abrindo a boca, pronto a gritar, quando o coronel fez com a mão um gesto muito claro e firme, a dizer-lhe que não, que se mantivesse calado. E ele ficou de boca aberta, atrapalhado, com a pomba, que voltara logo, empoleirada num ombro. Resolveu então fazer o movimento de «apresentar armas»: a espingarda vertical, com a ponta em frente do nariz, segura pela mão direita no punho e pela mão esquerda um pouco mais para acima. Já manejava a arma, quando novamente o Comandante lhe fez um sinal para ficar quieto. Obedeceu, retomando a posição de sentido. E, aproveitando a confusão dos seus próprios gestos, com a boca ainda aberta, para lá atirou o bago de milho.

«Se for preciso, engulo-o...», pensou.

Mas não foi preciso. O Comandante manteve-se por momentos parado diante da sentinela em sentido e com a pomba no ombro esquerdo. Depois disse, em voz baixa:

— Descansar!

O soldado hesitou um pouco... mas, como os comandantes é que mandam, executou o movimento. A pomba, essa, limitou-se a passar para o ombro direito. O coronel olhou-os mais uns segundos. Depois, sem uma palavra, dirigiu-se para a porta do quartel.

Na boca de Ernesto, o bago de milho era agora como um bago de chumbo. Por isso, empurrou-o com a língua, até o entalar entre os dentes. Mas, antes que tivesse tempo de soprá-lo para o chão, a pomba saltou-lhe do ombro e foi comer-lhe, na boca, aquele último bago.

Ora o Comandante, que ia mesmo a entrar, voltou-se nesse instante. E viu, junto da guarita, o soldado em descanso, de cabeça parada, com a pomba a tocar-lhe os lábios com o bico, exactamente como se estivesse a beijá-lo.

Então a sentinela agitou levemente as mãos (seria um gesto de adeus?) e a pomba voou para longe, no momento em que o Comandante entrava finalmente no quartel.

Leonel Neves

Manuela Fonseca e outros (org.)
Lá longe, a paz
Porto, Edições Afrontamento, 2001



Uma decisão importante

Quando, em 1933, os nazis sobem ao poder e começa a perseguição aos cidadãos judeus, os pais de Anna e Max consideram que o mais seguro será fugir. Neste excerto, Anna e Max vivem num hotel, na Suíça, onde travam amizade com Vrenelli e com Franz, os filhos dos donos, até ao dia em que chegam duas crianças alemãs. De início brincam todos juntos, mas essa situação não se prolonga por muito tempo.

Brincavam todos juntos à apanhada. Antes nunca tinha sido muito divertido, porque eles eram só quatro. (Trudi não contava, porque, como não conseguia correr depressa, era logo apanhada e depois gritava sempre). Mas as duas crianças alemãs eram muito velozes e, pela primeira vez, a brincadeira era mesmo emocionante. Vreneli acabara de apanhar o menino alemão e ele apanhou Anna, por isso agora era a vez da Anna apanhar alguém, e ela correu atrás da menina alemã. Elas corriam às voltas pelo pátio da hospedaria, aos ziguezagues, para trás e para a frente, pulando sobre as coisas, até que Anna julgou que estava quase a apanhá-la – mas uma senhora alta e magra, com uma expressão desagradável, barrou-lhe subitamente o caminho. A senhora apareceu tão de repente, como que saída do nada, que, por pouco, Anna não tinha tempo de parar e quase chocou com ela.

— Desculpe — disse Anna, mas a mulher não lhe respondeu.

— Siegfried! — chamou, com voz estridente. — Gudrun! Já disse que não quero que brinquem com estas crianças!

Agarrou a menina alemã e arrastou-a consigo. O menino seguiu-as, mas quando a mãe não estava a olhar, olhou para Anna, fez uma cara engraçada e acenou com as duas mãos, como que a pedir desculpa. Depois desapareceram os três no interior da hospedaria.

— Que mulher tão mal-encarada! — disse Vreneli.

— Ela deve pensar que nós somos mal-educados — disse Anna.

Tentaram continuar a brincar sem os meninos alemães, mas a brincadeira assim já não prestava. E acabou na confusão do costume, com Trudi em lágrimas, por ter sido apanhada.

Anna só voltou a ver os meninos alemães ao fim da tarde. Eles devem ter andado às compras em Zurique, porque cada um deles trazia um embrulho e a mãe trazia vários, grandes. Quando estavam quase a entrar na hospedaria, Anna pensou que aquela era a sua oportunidade de mostrar que não era mal-educada. Com um salto, passou-lhes à frente e abriu-lhes a porta.

Mas a senhora alemã não parecia estar, de todo, agradada.

— Gudrun! Siegfried! — disse ela, empurrando rapidamente os filhos para dentro. Depois, com um ar carrancudo e mantendo-se o mais afastada possível de Anna, comprimiu-se ela própria para passar. Foi difícil. Os embrulhos quase tapavam a entrada. Finalmente, ela lá entrou e desapareceu. «Sem sequer dizer obrigada», pensou Anna. «A senhora alemã é que é mal-educada!»

No dia seguinte, Anna e Max tinham planeado ir ao bosque com os meninos Zwirn, no segundo dia choveu e no terceiro dia foram com a mãe a Zurique para comprar meias – por isso não voltaram a ver os meninos alemães. Mas depois do pequeno-almoço, na manhã seguinte, quando Anna e Max saíram para o pátio, lá estavam eles outra vez a brincar com os meninos Zwirn. A Anna correu logo em direcção a eles.

— Vamos brincar à apanhada? — perguntou.

— Não — respondeu Vreneli, meio-corada. — E tu nem sequer podes brincar.

Anna ficou tão admirada que, por alguns momentos, não conseguiu pensar em nada para dizer. Será que Vreneli tinha outra vez o menino ruivo na cabeça? Mas ela já não o via há tanto tempo...

— Porque é que a Anna não pode brincar? — perguntou Max. Franz estava tão envergonhado como a irmã.

— Nenhum de voçêspode — respondeu e, apontando para os meninos alemães, acrescentou: — Eles dizem que não podem brincar convosco.

Pelos vistos, não só tinham sido proibidos de brincar com eles, como também de lhes falar, porque o menino parecia querer dizer alguma coisa, mas acabou por fazer apenas a mesma cara engraçada, com ar de quem pede desculpa, e encolheu os ombros.

Anna e Max olharam um para o outro. Nunca se tinham visto numa situação daquelas. Então Trudi, que tinha estado à escuta, começou a cantarolar:

— A Anna e o Max não brincam! A Anna e o Max não brincam!

— Oh! Cala-te! — disse Franz. — Vamos! — e começou a correr com Vreneli em direcção ao lago, com os meninos alemães atrás deles. Durante um momento Trudi ficou surpreendida. Depois cantarolou um último e desafiador «A Anna e o Max não brincam!» e, com as suas curtas perninhas, rompeu em correria atrás deles.

Atrás, ficaram especados Anna e Max.

— Porque é que eles não podem brincar connosco? — perguntou Anna, mas Max também não sabia. Parecia nada mais haver a fazer do que voltar para a sala de jantar, onde o pai e a mãe ainda acabavam de tomar o pequeno-almoço.

— Pensei que estívésseis a brincar com o Franz e a Vreneli — disse a mãe.

Max explicou o que sucedera.

— Isso é muito estranho — disse a mãe.

— Talvez a mamã pudesse falar com a mãe deles — disse Anna. Ela acabara de reparar na senhora alemã e num homem, que certamente era o marido, sentados numa mesa ao canto.

— Com certeza que falo — disse a mãe.

Nesse preciso momento, a senhora alemã e o marido levantaram-se para sair da sala de jantar e a mãe de Max e de Anna foi ao encontro deles. Estavam muito longe para que Anna pudesse ouvir o que diziam, mas a mamã ainda só tinha dito algumas palavras quando a senhora alemã respondeu alguma coisa que a fez mãe corar de raiva. A senhora alemã disse mais qualquer coisa e fez tenções de ir embora, mas a mamã agarrou-lhe o braço.

— Ai não, não é! — gritou a mãe numa voz que ecoou por toda a sala. — Não é o fim, não senhora. — E rodou sobre os calcanhares, voltando para a mesa, enquanto a senhora alemã e o marido saíram, cabisbaixos.

— Toda a sala te ouviu — disse o pai zangado, quando a mãe se sentou. Ele odiava cenas.

— Ainda bem! — disse a mamã num tom tão alto que o papá sussurrou:

— Chiu! — e acenou para a acalmar.

Ter de falar baixo fez com que a raiva da mãe aumentasse ainda mais, a ponto de mal conseguir falar.

— Eles são nazis — disse ela por fim. — E proibiram os filhos deles de brincar com os nossos, porque os nossos são judeus — o tom da voz dela aumentava com a indignação. — E tu queres que eu fale baixo?! — gritou de tal modo, que uma velha senhora ainda a acabar de tomar o pequeno-almoço ficou tão assustada que quase entornou o café.

O pai cerrou os lábios e disse:

— Eu também jamais permitiria que a Anna e o Max brincassem com filhos de nazis. Por isso não vejo qualquer problema.

— Então, e Vreneli? E Franz? — perguntou Max — Isso significa que se eles brincam com os meninos alemães não podem brincar connosco?

— Eu acho que Franz e Vreneli terão de decidir quem são os amigos deles — disse o pai. — A neutralidade suíça é muito boa, mas pode ir longe demais — e levantou-se da mesa. — Agora sou eu quem vai falar com o pai deles.

Pouco depois, o pai voltou. Ele dissera ao senhor Zwirn que os seus filhos tinham de decidir se queriam brincar com Anna e Max ou com os visitantes alemães. Eles não podiam brincar com os

dois. O pai pediu-lhes que não decidissem apressadamente, mas que lhe transmitissem a decisão nessa noite.

— Acho que nos vão escolher a nós — disse Max. — Afinal de contas, nós vamos continuar aqui depois de aqueles meninos se irem embora.

Mas foi difícil saber o que fazer com o resto do dia. Max foi para a beira do lago com a cana de pesca, minhocas e pedaços de pão. Anna não sabia o que havia de fazer. Por fim decidiu escrever um poema sobre uma avalanche que engolira uma cidade inteira, mas não se saiu muito bem. Quando chegou ao desenho ficou tão aborrecida com a ideia de ter de pintar tudo de branco, que desistiu de o fazer. Max, como de costume, não pescou qualquer peixe. A meio da tarde estavam os dois tão deprimidos que a mãe lhes deu meio-franco para irem comprar chocolates – apesar de já ter dito que eram demasiado caros.

No caminho da loja de doces para casa, viram Vreneli e Franz a falar com um ar muito sério à entrada da hospedaria e a seguir passaram por eles com uma expressão embaraçada, olhando em frente, o que os fez sentir pior do que nunca.

Então, Max voltou para a sua pescaria e Anna decidiu ir tomar banho para tentar salvar alguma coisa do dia. Flutuou de costas, coisa que aprendera muito recentemente, mas nem isso a animou. Parecia tudo tão absurdo. Porque é que ela e Max e os meninos Zwirn e os meninos alemães não podiam brincar todos juntos? Porque é que era preciso toda esta história das decisões e de tomar partidos?

De repente, ouviu-se um chape na água ao lado dela. Era Vreneli. As suas tranças compridas estavam atadas num totó no cimo da cabeça, para não se molharem, e o rosto comprido estava mais cor-de-rosa e mais preocupado que nunca.

— Desculpa por esta manhã — disse Vreneli sem fôlego. — Decidimos que preferimos brincar convosco, mesmo que isso signifique não podermos brincar com o Siegfried e a Gudrun.

Depois apareceu Franz na margem.

— Olá Max — gritou. — As minhocas estão a gostar do banho?

— Eu teria apanhado um peixe enorme agora mesmo, se tu não o tivesses espantado com o barulho que fizeste — disse Max, muito satisfeito mesmo assim.

Nessa noite, ao jantar, Anna viu os meninos alemães pela última vez.

Eles estavam sentados, muito direitos, com os pais na sala de jantar. A mãe falava com eles, pausada e insistentemente, e nem mesmo o menino se voltou para olhar para Anna e Max, uma única vez que fosse. No final da refeição, ele passou pela mesa deles, como se os não visse. Toda a família se foi embora na manhã seguinte.

— Lamento que tenhamos feito perder alguns clientes ao senhor Zwirn — disse o papá.

A mãe estava triunfante.

— É uma pena — disse Anna. — Tenho a certeza de que aquele menino gostava mesmo de nós.

Max abanou a cabeça.

— No fim, já não gostava de nós. Depois da a mãe ter falado com ele, ele deixou de gostar de nós.

«É verdade», pensou Anna. Ela imaginou o que o menino estaria a pensar agora, o que a mãe lhe teria dito acerca dela e de Max, e como seria ele quando crescesse.

Judith Kerr

Manuela Fonseca e outros (org.)
Lá longe, a paz
Porto, Edições Afrontamento, 2001

Livre

Muitos jovens, como este rapaz, saíram para a guerra ou para um campo de concentração, e voltaram um dia a casa.

A porta acinzentada abriu-se. Velha, consumida, a cara da tia.

— Vieste.

Envolveu-o num abraço dorido.

O corredor, como dantes, com pouca luz. O bengaleiro pesadão. Como dantes, e, no entanto, diferente. Como alguma coisa com que sonhara.

— Entra, rapaz!

A voz da velha era dolorosa como o fora o seu abraço.

Parecia um estranho a olhar a passadeira de oleado às riscas. Também o cheiro da casa era adocicado como fruta demasiado amadurecida.

Entreaberta, a porta do quarto que fora o seu. Há séculos.

Abriu-a para trás com um empurrão do pé.

Encostado à ombreira contemplou o lugar dos sonhos da infância, da revolta do adolescente, das leituras nocturnas, dos segredos. Nada mudara. O chão limpo, o tapete de bordados, a cama de pau-castanho, o candeeiro na mesa-de-cabeceira, o cinzeiro, a estante de livros. E viu-se a tirar de lá livros. Viu a mãe de cara aflita, o pai a levar os livros para o fogão da cozinha.

— Queres descansar?

A voz lúgubre da tia fê-lo estremecer.

— Não, não quero.

A cara dela era o espelho no qual se viu a si próprio: «Estás tão magro, não pareces o mesmo. Estás velho, apesar de seres jovem. Os teus olhos trazem ódio».

Não passou o limiar da porta. Encaminhou-se para o fundo do corredor. Parou em frente do quarto dos pais. Tinham morrido. Quem lho dissera fora o abraço dorido da tia.

— Conta lá, tia.

As suas próprias palavras pareciam-lhe de outrem, virem de uma grande distância.

— A tua mãe ficou com a saúde abalada desde o dia em que te vieram buscar. Pouco depois, levaram o teu pai e nunca mais tivemos notícias dele. Ela não resistiu a tanto. Morreu ali, naquela

cama. Falou em ti até ao último suspiro. Se tivesse adivinhado que tu voltarias...

Atravessou a sala de jantar. O mesmo número de cadeiras que dantes: o lugar da mãe, o do pai, o seu.

— Passaram-se seis anos desde que te vieram buscar...

Seis anos? Como é que seis anos podem ser uma vida! Uma vida que separa o passado do presente por um abismo de sofrimento e ódio?

Tudo limpo, brilhante, arrumado. Para quê?

A sala de estar. Fria por falta de uso. Por detrás da janela, o carvalho, o permanente encanto da mãe. O sofá, a mesinha redonda, a cadeira de espaldar, as cortinas de croché.

O piano. Tudo esperou por ele. Até o abre-cartas de prata em cima da secretária. Tudo esperou.

Nesta cadeira a mãe costurava. Mais além o lugar do pai. Neste cinzeiro o pai pousava o seu cachimbo. O cenário do passado conservado com uma frieza mortal. Um palco abandonado pelos actores.

Aproximou-se do piano. Afastou o xaile de franjas. Levantou a tampa.

Os mortos contemplavam-no.

Um suor frio cobre-lhe a testa. Sentado em frente do piano, as mãos sobre os joelhos, os olhos cansados nos silenciosos antepassados de sempre.

Onde acaba o passado? Onde começa o presente?

No corredor, arrastam-se os passos da velha tia.

Ergue a mão. Fá-lo tocar um acorde hesitante, tímido, que aviva por instantes o cenário de tempos idos.

Depois caem-lhe os braços sobre o teclado. Uma desarmonia geme no espaço.

Enterra a cabeça nos braços e rompe em soluços.

Ilse Losa

Manuela Fonseca e outros (org.)
Lá longe, a paz
Porto, Edições Afrontamento, 2001

O menino da sua mãe

No plaino abandonado
Que a morna brisa aquece,
De balas traspassado
— Duas, de lado a lado —,
Jaz morto, e arrefece.

Raia-lhe a farda o sangue.
De braços estendidos,
Alvo, louro, exangue,
Fita com olhar langue
E cego os céus perdidos.

Tão jovem! Que jovem era!
(Agora que idade tem?)
Filho único, a mãe lhe dera
Um nome e o mantivera:
«O menino da sua mãe».

Caiu-lhe da algibeira
A cigarreira breve.
Dera-lhe a mãe. Está inteira
E boa a cigarreira.
Ele é que já não serve.

De outra algibeira, alada
Ponta a roçar o solo,
A brancura embainhada
De um lenço... Deu-lho a criada
Velha que o trouxe ao colo.

Lá longe, em casa, há a prece:
«Que volte cedo e bem!»
(Malhas que o Império tece!)
Jaz morto, e apodrece,
O menino da sua mãe.

Fernando Pessoa

Manuela Fonseca e outros (org.)
Lá longe, a paz
Porto, Edições Afrontamento, 2001

Deste lado do mundo

Deste lado é que se morre
com as mãos presas aos pés
deste lado é que se corre
o medo de lés a lés

Deste lado é que se grita
com a garganta em gangrena
deste lado é que se fita
o outro lado da cena

Deste lado é que se morre
com a garganta em gangrena
deste lado é que se corre
loucamente entrando em cena.

Fernando Martinho

Porto, Campo das Letras, 2004

Hiroshima no Pika

(O Clarão de Hiroshima)

Naquela manhã, o céu de Hiroshima estava azul e sem nuvens. O sol brilhava. Os eléctricos tinham começado o seu giro, apanhando as pessoas a caminho do trabalho. Os sete rios de Hiroshima deslizavam serenamente pela cidade. Os raios do sol estival cintilavam na superfície dos rios.

Houvera ataques aéreos em Tóquio, Osaka, Nagoya e em muitas outras cidades japonesas. A população de Hiroshima perguntava-se por que motivo a sua cidade fora poupada. Haviam feito o que podiam para se prepararem para um eventual ataque.

A fim de evitarem que o fogo se propagasse, tinham demolido os edifícios antigos e alargado as ruas. Tinham armazenado água e decidido onde deviam refugiar-se para escapar das bombas. Todos traziam consigo estojos de primeiros-socorros e, sempre que saíam de casa, usavam chapéus e capuzes para protegerem a cabeça dos ataques aéreos.

Mii tinha sete anos e vivia em Hiroshima com a mãe e o pai. Ela e os pais estavam a tomar o pequeno-almoço: batatas-doces, trazidas no dia anterior por uns primos que moravam no campo. Nessa manhã, Mii estava com muita fome e comentava como lhe sabiam bem as batatas-doces. O pai concordava que era um delicioso pequeno-almoço, embora não se tratasse de arroz, o seu alimento preferido.

Foi então que aconteceu. Um clarão terrível e repentino iluminou tudo à volta. A luz era de um cor-de-laranja claro, depois ficou branca, como se milhares de raios estivessem a cair todos ao mesmo tempo. Seguiram-se violentas ondas de choque, os edifícios estremeceram e começaram a desabar.

Momentos antes do Clarão, o bombardeiro *Enola Gay*, da força aérea norte-americana, sobrevoara a cidade e lançou um explosivo ultra-secreto. O explosivo era uma bomba atómica, que a tripulação do B-29 baptizara de “Little Boy”¹.

O “Little Boy” caiu em Hiroshima às 8:15 da manhã de 6 de Agosto de 1945.

Mii caiu por terra, inconsciente, devido ao impacto do Clarão. Quando acordou, tudo à sua volta permanecia silencioso e escuro. A princípio não conseguia mexer-se e ouvia barulhos de crepitação que a assustaram. Ao longe, na escuridão, via um reluzir vermelho. A voz da mãe

¹ Rapazinho

penetrou na escuridão, chamando-a.

Mii lutou para sair de debaixo das pesadas tábuas que lhe tinham caído por cima. A mãe precipitou-se para ela, puxou-a e abraçou-a.

— Temos de nos despachar — disse. — O fogo... o teu pai ficou preso nas chamas!

Mii e a mãe olharam para as chamas e começaram a rezar. Em seguida, a mãe saltou para as chamas e arrastou o marido até este ficar a salvo.

Mii viu a mãe a examinar o pai.

— Está gravemente ferido — disse. Desapertou a faixa do quimono e enrolou-a em volta do corpo do marido como uma ligadura. Em seguida, fez algo de espantoso. Pô-lo às costas e desatou a correr, levando Mii pela mão.

— O rio. Temos de chegar ao rio — disse de forma determinada.

Desceram os três aos tombos pela margem do rio até à água. Mii largou a mão da mãe.

— Mii-chan! Agarra-te a mim! — gritou a mãe.

Havia uma multidão de pessoas a fugir do fogo. Mii viu crianças com a roupa queimada, os lábios e as pálpebras inchados. Pareciam fantasmas, vagueando por ali, a chorar com voz fraca. Algumas pessoas, já sem forças, caíam de bruços e outras caíam-lhes por cima. Havia corpos empilhados por todo o lado.

Mii, a mãe e o pai continuaram a fuga e atravessaram outro rio. Quando alcançaram a margem, a mãe pousou o marido e caiu por terra, ao lado dele.

Mii sentiu uma coisa a passar-lhe aos pés. Hop... hop... Era uma andorinha. Tinha as asas queimadas e não podia voar.

Viu um homem a boiar rio abaixo. Atrás dele, flutuava o corpo de um gato.

Mii virou-se e viu uma mulher jovem a chorar, segurando um bebé.

— Conseguimos fugir até aqui e então parei para lhe dar de comer — disse ela. — Mas ele não bebeu o leite. Está morto.

Continuando a segurar o bebé, a mulher entrou pelo rio dentro. Avançou cada vez mais até que Mii deixou de a ver.

O céu foi ficando escuro e ouviu-se o ribombar de um trovão. Começou a chover. Embora se estivesse em pleno Verão, o ar tornara-se muito frio e a chuva era negra e viscosa.

Em seguida, apareceu no céu um arco-íris, afastando a escuridão. Resplandecia, brilhante, por sobre os mortos e os feridos.

A mãe de Mii voltou a pôr o pai às costas. Tomou Mii pela mão e recomeçaram a correr. O fogo vinha na direcção deles, a grande velocidade. Correram por entre montes de telhas partidas, por sobre postes e fios de telefone caídos. Havia casas a arder de ambos os lados. Chegaram a outro rio e, já dentro de água, Mii sentiu-se de repente cheia de sono. Antes mesmo de se dar conta, já tinha engolido imensas goladas de água. A mãe puxou-lhe a cabeça e manteve-a fora de água. Chegaram à margem e continuaram a correr.

Por fim, alcançaram a praia nos arredores de Hiroshima. Podiam ver a ilha de Miyajima envolta em neblina púrpura, do outro lado da água. A mãe de Mii tivera a esperança de poderem ir de barco até à ilha. Miyajima estava coberta por bonitos pinheiros e áceres e rodeada de água transparente.

Pensando que a segurança não estava longe, Mii, a mãe e o pai, caíram no sono.

O sol desapareceu. A noite veio e foi. O sol nasceu, voltou a pôr-se. Nasceu e pôs-se novamente. Nasceu pela terceira vez.

— Por favor, diga-me que dia é hoje — pediu a mãe a um senhor que passava e que tinha estado a examinar as pessoas deitadas na praia.

— É dia nove — respondeu.

A mãe contou pelos dedos.

— Quatro dias! — gritou, espantada. — Estamos aqui há quatro dias?

Mii começou a chorar baixinho. Uma mulher idosa, deitada junto dela, levantou-se, tirou uma tigela de arroz do saco e deu-a a Mii. Quando Mii lhe pegou, a mulher tornou a cair. Desta vez não se mexeu.

— Mii-chan! Ainda estás a segurar nos pauzinhos! — exclamou a mãe. — Dá-mos cá.

Mas a mão de Mii não se abria. A mãe abriu-lhe os dedos à força, um a um. Quatro dias após a bomba, Mii largou finalmente os pauzinhos.

Os bombeiros de uma aldeia vizinha vieram ajudar. Os soldados levaram os mortos. Uma escola, ainda de pé, fora transformada em hospital e foi para lá que levaram o pai. Não havia nem médicos, nem medicamentos, nem ligaduras. Era apenas um local de abrigo.

Com o pai tão a salvo quanto possível no hospital, Mii e a mãe decidiram voltar à cidade para ver se tinha restado alguma coisa da sua casa.

Não ficara nada em Hiroshima: nem erva, nem árvores, nem casas. Perante os seus olhos, uma terra devastada e queimada estendia-se a perder de vista. A única coisa que ficara para lhes lembrar que lá tinham vivido foi a tigela de arroz de Mii. Torcida e quebrada, continha ainda algumas batatas-doces.

Nesse dia, 9 de Agosto de 1945, enquanto Mii e a mãe olhavam para os destroços do que fora Hiroshima, uma bomba atômica era lançada em Nagasáqui. Aí, tal como em Hiroshima, milhares de pessoas morreram e as que sobreviveram ficaram sem casa. Além das vítimas japonesas, havia pessoas de outros países como a Coreia, a China, a Rússia, a Indonésia e os Estados Unidos.

A bomba atômica foi diferente de qualquer explosivo usado até então. A destruição causada pelo impacto era maior do que a de centenas de bombas convencionais explodindo ao mesmo tempo. A bomba também contaminou a área com radiações que durante muitos anos a seguir à explosão continuaram a causar mortes e doenças.

Mii nunca mais cresceu a partir desse dia. Muitos anos se passaram mas ela conserva ainda o mesmo tamanho que tinha aos sete anos.

— É por causa do Clarão da bomba — diz a mãe.

Às vezes, Mii queixa-se de que tem comichão na cabeça. A mãe afasta o cabelo, vê qualquer coisa a brilhar e tira-lha da cabeça com uma pinça. É uma fibra de vidro, que penetrara no couro cabeludo quando a bomba explodiu, há anos, e que veio à superfície.

O pai de Mii tinha sete feridas no corpo, mas estas sararam. Durante algum tempo, pensou que estava a ficar bom. Certo dia, no Outono a seguir ao Clarão, o cabelo caiu-lhe e começou a tossir sangue. Apareceram-lhe manchas púrpura por todo o corpo e acabou por morrer.

Muitas das pessoas que disseram: “Graças a Deus que as nossas vidas foram poupadas”, ficaram mais tarde doentes devido à radiação. Embora isto tenha acontecido em 1945, algumas destas pessoas encontram-se ainda no hospital. Não há cura para as suas doenças.

Todos os anos, a 6 de Agosto, os habitantes de Hiroshima escrevem em lanternas os nomes dos entes queridos que morreram devido à bomba. As lanternas são acesas e postas a flutuar nos sete rios que passam em Hiroshima. Os rios deslizam lentamente em direcção ao mar, levando as lanternas em memória dos que morreram.

Mii, que após todos estes anos ainda é como uma criança pequena, escreve “Pai” numa lanterna e “Andorinha” noutra. A mãe tem já o cabelo branco e olha com tristeza, enquanto a filha põe as lanternas a flutuar.

— Isto não volta a acontecer — diz — se ninguém deitar mais nenhuma bomba...

SOBRE O LIVRO

Em 1953, encontrava-me a fazer uma exposição com fotografias sobre a bomba atômica, “Genbaku no Zu”, numa pequena cidade em Hokkaido. Entre as pessoas que estavam na exposição, reparei numa mulher com uma expressão muito zangada, que fixava longamente as minhas fotografias. Algum tempo depois, dirigiu-se a mim.

— Primeiro — disse — passei ao lado da sua exposição porque pensei que estava a fazer um espectáculo do sofrimento. Estava decidida a não entrar. Mas agora estou aqui e vi as suas fotografias. Quero contar-lhe a minha história.

— Depois do Clarão, mudei-me para Hokkaido. As pessoas de Hokkaido não foram nem simpáticas nem compreensíveis em relação àquilo por que passei. Quando queria falar do Clarão, diziam que me estava a vitimizar ou que estava a exagerar a minha história. Passado algum tempo, deixei de querer contar a minha experiência fosse a quem fosse, e por isso nunca falei do Clarão.

Quando acabou de falar, a mulher cerrou os olhos. Em seguida, aproximou-se do microfone e começou a gritar:

— Vocês, que vieram até aqui, vão acreditar em mim. Por favor, acreditem em mim!

A chorar e a sufocar nas próprias palavras, voltou a contar a história de como tentara escapar ao Clarão, carregando às costas o marido ferido e levando a filha pela mão. As pessoas escutaram-na. Algumas choraram. Quando terminou disse simplesmente:

— Obrigada por me terem escutado.

A lembrança desta cena não me deixou durante muito tempo, tendo acabado por penetrar no meu coração e na minha memória. Este livro é baseado na história dessa mulher e nele está entretecido tudo o que vi e ouvi da experiência de outras pessoas com a bomba atômica.

* * *

Já fiz 70 anos. Não tenho nem filhos nem netos, mas escrevi este livro para os netos de toda a gente. Levei muito tempo a acabá-lo. É muito difícil contar aos jovens uma coisa terrível que aconteceu, na esperança de que, ao terem conhecimento dela, tudo façam para que não se repita.

Agradeço aos meus editores, os irmãos Chiba, pela sua ajuda e encorajamento. Também agradeço aos meus muito bons amigos. E quero expressar o meu especial reconhecimento ao Sr. Jitsuo Tabuchi, da cidade de Hiroshima, e ao Sr. Kanji

Kawade, director do serviço público da Companhia de Caminhos-de-ferro de Hiroshima, que me forneceram material valioso.

Toshi Maruki
Hiroshima no Pika
New York, Lothrop, Lee & Shepard Books, 1980

Um taco de bilhar

Antes de chegar à Farmácia, onde algumas vezes pedi: – um frasquinho de anis, se faz favor – para a pesca, passamos pela porta da Filarmónica que encostava, paredes meias, com os Bombeiros. No primeiro andar, havia o salão de jogos. Foi lá que, um dia, assisti à queda de um taco de bilhar.

Ao domingo, a manhã começava tarde e algo agitada com os preparativos para ir à missa. Quando na véspera tínhamos assistido à que se realizava na capela do velho Hospital, então a manhã era aproveitada para pôr o estudo em dia e esperar pelo almoço que, por ser domingo, era geralmente melhorado. O cozido à portuguesa foi um dos pratos mais concorridos da casa dos meus pais. Todos os seus condimentos eram, meticulosamente, partidos em pequeníssimos bocados e, depois de regados com o caldo do cozido, os fragmentos eram todos misturados para serem apreciados numa amálgama de cheiros e sabores. Em cada garfada, havia o treino mental suficiente para subdividir toda aquela mistura em elementos solitários, degustando um por um como quem consegue descrever todos as características de um vinho, ao provar apenas um gole.

Depois da refeição, esperava-se, calmamente, a vinda das três da tarde, hora a que abria a Filarmónica, pelas mãos do senhor António Louceiro, instalada num primeiro andar que se alcançava através de umas velhas escadas contíguas à oficina do meu avô. À entrada, um amplo salão albergava uma mesa de ping-pong, uns matrecos, um snooker e um bilhar livre. Com vinte e cinco tostões dava para jogar quase toda a tarde, em todas as modalidades.

Ao lado deste salão, estava a sala da televisão, local muito concorrido a partir das quatro, para ver o filme das tardes de domingo. O aparelho, um dos poucos na terra, estava encavalitado em cima duma mesa bem alta e, à sua frente, dispunham-se seis ou sete filas de bancos de madeira corridos, que rapidamente se enchiam de gente ávida de desfrutar da película. Nessa hora, fazia-se um silêncio sepulcral, apenas entrecortado pelos berros da malta que jogava matrecos, especialmente quando uma habilidade do Tó Claves enganava, mais uma vez, o guarda-redes adversário. Vinha logo à porta da sala da televisão o senhor António, o manda-chuva das instalações, baixinho e anafado, fazendo parar a algazarra com o seu olhar de respeito, para que o filme, lá dentro, pudesse decorrer com normalidade.

Numa dessas tardes, alguns dos mais velhos, que eu já não via há alguns anos, e de quem quase tinha esquecido os rostos, perdurando tão-somente os seus nomes, vieram ao salão, para uma partidinha de bilhar livre.

Lembro-me deles, cada um com o seu modo, mas ambos como que querendo esquecer o

inferno vivido em paragens distantes, a defender terras que não eram as suas, sentindo o cheiro da morte em cada dia que passava no além-mar.

Mesmo em frente ao salão da Filarmónica, vivia a mãe de um que se tinha esquecido de apanhar o barco de volta. Tinha sido atingido por uma bala, que impediu os seus olhos de continuar a ver as cores, os cheiros e os ruídos da vida. Na mesinha de cabeceira daquela mãe ficou uma fotografia, a preto e branco, do seu, para sempre, querido Camané.

Os tiques de um e a enganadora calma do outro pareciam querer dizer que a vida tinha recomeçado no dia em que desembarcaram do navio militar (era importante esquecer).

A partida de bilhar decorria com o silêncio que ninguém dispensava, quando se pegava naqueles tacos. Ouvia-se, de quando em vez, o deslizar do marcador de jogadas e um ou outro suspiro, antes de uma nova tacada. O barulho do giz, na ponta do taco, era dos ruídos que mais me incomodavam, por causa da semelhança com o ranger dos dentes, depois de se comer uma laranja. Felizmente, esses momentos eram curtos e raros.

Um dos jogadores teve, entretanto, necessidade de ir à casa de banho e, aproveitando o pequeno intervalo, alguém se lembrou de ligar o rádio para saber os últimos resultados da jornada de futebol.

O taco, agora sem dono, foi encostado à beira da mesa de jogo, aguardando o seu reinício.

Quando o jogador regressou, a porta bateu com força e a corrente de ar criou uma onda de choque que fez deslizar o taco. Os meus olhos acompanhavam o seu trajecto lento, que levaria à sua inevitável queda, no sobrado do primeiro andar.

Fez-se um estrondo e, num golpe mergulhante, vi o jogador deitar-se debaixo da mesa do bilhar, apertando a cabeça entre as mãos e quedando-se naquela posição fetal que muitos de nós gostamos de fazer, quando estamos no descanso do sono da noite.

Passaram-se vários minutos de um silêncio apenas interrompido por gemidos roucos vindo de debaixo da mesa do bilhar.

Só depois, o jogador concluiu que não se tinha tratado de um tiro e muito menos de uma granada. Fora, tão simplesmente, a queda de um taco, o seu taco, aquele que ele tinha encostado à mesa, enquanto foi à casa de banho.

Não foram necessárias palavras ou explicações.

Todos compreenderam como aquela guerra tinha sido dura para eles e como havia de ser dura para nós, os mais novos, mal chegasse a nossa hora de marchar.

Estávamos a quatro ou cinco anos de Abril.

António Marques Leal
Estórias sem história
Lisboa, Padrões Culturais Editora, 2003

Os mil pássaros de Sadako

Prólogo

O livro *Os Mil Pássaros de Sadako* é baseado na vida de uma menina que viveu no Japão de 1943 a 1955.

Sadako morava em Hiroshima quando a aviação americana largou uma bomba atômica sobre a cidade. Morreu dez anos depois, devido às radiações emitidas pela bomba.

Graças à sua coragem, Sadako tornou-se uma heroína para todas as crianças japonesas. Esta é a sua história.

Um dia de sorte

Sadako tinha nascido para correr. A mãe gostava de dizer que Sadako sabia correr mesmo antes de saber andar...

Nessa manhã de Agosto de 1954, no Japão, mal Sadako acabou de se vestir, desatou a correr para a rua. O sol nascente fazia realçar os reflexos de cobre dos seus cabelos pretos. Nenhuma nuvem escurecia o céu azul. «É bom sinal», disse para consigo Sadako, que estava atenta ao menor presságio.

De regresso a casa, viu que os irmãos ainda dormiam, deitados nos seus pequenos colchões. Sacudiu Masahiro, o irmão mais velho:

— Levanta-te, preguiçoso, é o Dia da Paz!

Masahiro resmungou e bocejou. Como qualquer rapaz de catorze anos, gostava de se levantar tarde. Só que a fome já apertava e da cozinha vinha um delicioso aroma de sopa de peixe. Masahiro levantou-se, seguido de Mitsue e Eiji.

Sadako ajudou Eiji a vestir-se. Eiji tinha seis anos mas, às vezes, ainda perdia uma meia ou a camisola interior. Em seguida, ajudada pela irmã, Mitsue, Sadako dobrou os colchões e arrumou-os no armário. Entrou depois na cozinha, como se fosse um turbilhão, e disse à mãe:

— Mamã, estou tão impaciente por ir ao carnaval! Será que poderíamos tomar o pequeno-almoço mais cedo?

A mãe de Sadako estava a cortar cuidadosamente rabanetes marinados, para servir com o arroz e a sopa. Lançou-lhe um olhar severo e ralhou com ela:

— Tens onze anos, minha filha. Na tua idade, já não devias chamar “carnaval” a este dia de recolhimento. Todos os anos, a 6 de Agosto, celebramos a memória daqueles que morreram quando a bomba atómica foi lançada sobre a nossa cidade.

O senhor Sasaki entrou pela porta das traseiras e secundou o que dissera a esposa:

— É verdade. Tens de mostrar respeito. A tua avó foi morta nesse dia funesto.

Sadako protestou:

— Mas eu respeito a avó. Rezo por ela todas as manhãs. Só que hoje estou tão contente...

O pai interrompeu-a:

— A propósito, é tempo de fazermos as nossas orações.

A família Sasaki reuniu-se em torno do pequeno altar onde se encontrava a fotografia da avó, colocada numa moldura dourada. Sadako ergueu os olhos para o tecto e perguntou-se se o espírito da avó estaria a pairar sobre eles.

O pai interpelou-a:

— Sadako!

A rapariga baixou a cabeça imediatamente. Dançou com os dedos do pé enquanto o pai rezava em voz alta. O senhor Sasaki pediu que o espírito dos seus antepassados estivesse em paz. Agradeceu o salão de cabeleireiro e os filhos maravilhosos que tinha. Rezou para que a leucemia, a chamada “doença da bomba”, não afectasse a família.

Muitos Japoneses ainda morriam devido a esta doença, embora a bomba tivesse sido lançada nove anos antes. A atmosfera tinha ficado saturada de radiações, e as pessoas, como que envenenadas para o resto das suas vidas.

Ao pequeno-almoço, Sadako engoliu a sopa e o arroz. Masahiro falou de raparigas que pareciam dragões esfomeados, mas a irmã nem o ouviu. Estava a pensar no que se tinha passado no ano anterior: os banhos de multidão, a música, o fogo de artifício. Ainda sentia o gosto do algodão-doce na boca.

Foi a primeira a acabar o pequeno-almoço e quase virou a mesa ao levantar-se. Era alta para a idade e as suas pernas compridas atravessavam-se no seu caminho.

— Anda lá, Mitsue, ajuda-me a lavar a louça, para podermos sair mais depressa.

Depois da cozinha limpa e arrumada, Sadako atou fitas vermelhas à ponta das suas tranças e saltitou junto à porta da entrada.

A mãe disse-lhe, num tom gentil:

— Sadako, só saímos às sete e meia. Senta-te e espera, sossegada, que estejamos todos prontos.

Sadako sentou-se na esteira. Os pais nunca estavam com pressa! De repente, uma aranha aveludada atravessou a sala. Era um bom presságio. Sadako tinha a certeza de que aquele ia ser um dia fantástico. Colocou a aranha na palma da mão e deitou-a fora com cuidado.

— Digam o que disserem, as aranhas nunca deram sorte! — disse Masahiro.

— É o que veremos! — respondeu-lhe Sadako, alegremente.

O Dia da Paz

A família Sasaki pôs-se a caminho. O dia estava quente e as ruas encontravam-se cheias de gente e de pó. Sadako correu ao encontro de Chizuko, a sua melhor amiga. Conheciam-se desde o infantário. Sadako sentia que iriam ser sempre muito boas amigas.

Chizuko fez-lhe sinal e aproximou-se, sem pressa. Sadako suspirou. Se ao menos a amiga fosse mais rápida.

— Que tartaruga! Despacha-te ou vamos perder tudo!

— Sadako, anda mais devagar por causa do calor — avisou a mãe.

Mas as raparigas já estavam no fim da rua. A senhora Sasaki franziu o sobrolho.

— A Sadako tem sempre tanta pressa que nunca pára para me ouvir.

— Já a viste caminhar, se podia correr, andar a pé coxinho, ou aos saltos? — perguntou-lhe o marido, orgulhoso da filha, que conseguia correr tão longe e tão depressa.

À entrada do Parque da Paz, as pessoas, em silêncio, fizeram fila indiana. Nas paredes do monumento aos mortos estavam expostas fotografias das vítimas, tiradas um pouco por toda a cidade devastada. A bomba atómica, também chamada “bola de luz”, transformara Hiroshima num deserto.

Sadako recusou-se a ver aquelas imagens assustadoras. Atravessou o edifício, apertando com força a mão de Chizuko.

— Lembro-me da “bola de luz” — murmurou Sadako ao ouvido da amiga. O céu parecia iluminado por mil sóis. O calor trespassou-me como se mil agulhas estivessem a espetar-me!

— Mas tu não passavas de um bebé! Como podes lembrar-te? — perguntou Chizuko.

— Claro que me lembro! — teimou Sadako.

Os sacerdotes budistas e o Presidente da Câmara pronunciaram discursos e depois alguém soltou centenas de pombas brancas, que fizeram um círculo em roda do templo de Genbaku.

Para Sadako, estas pombas simbolizavam as almas dos mortos a elevarem-se, livres, no céu. Logo que as cerimónias acabaram, Sadako encaminhou a família para a senhora que vendia algodão-doce. A guloseima ainda sabia melhor do que no ano passado. O dia passou depressa, como sempre! Sadako observou tudo o que estava exposto nas prateleiras e cheirou a comida deliciosa. Havia lojas que vendiam de tudo, desde bolos de soja a grilos.

Seria tudo perfeito se não tivesse de se cruzar com pessoas cheias de cicatrizes esbranquiçadas. Tinham ficado tão queimadas pela bomba que já quase não tinham aparência humana. Sadako não pôde impedir-se de virar a cara à primeira que se aproximou dela.

O barulho da multidão aumentava à medida que a noite caía. Logo que o brilho do último fogo de artifício se esbateu no céu, a multidão dirigiu-se para o rio Ohta com lanternas de papel na mão. O senhor Sasaki tivera o cuidado de acender as velas no interior dos seis lampiões, um para cada membro da família. As lanternas ostentavam os nomes dos familiares mortos pela “bola de luz”. Sadako escolheu pôr o nome da avó na sua. Quando todas as chamas iluminaram a margem, cada um depôs a sua lanterna no rio Ohta, que as conduziria ao mar, como se fossem milhares de pirilampos a flutuar nas águas escuras.

Nessa noite, Sadako demorou a adormecer. Tentou lembrar-se de tudo o que se tinha passado durante o dia. Afinal, Masahiro estava errado. No dia seguinte, Sadako iria dizer ao irmão que a aranha lhe tinha dado sorte.

O Segredo de Sadako

No início do Outono, Sadako recebeu uma notícia tão boa que mal podia esperar para a contar à família. Quando chegou a casa, descalçou os sapatos e abriu a porta com grande alarido.

— Cheguei!

A senhora Sasaki preparava o jantar na cozinha.

— Nem vais acreditar no que tenho para te dizer! Adivinha!

— Passam-se tantas coisas maravilhosas na tua vida, Sadako. Desisto.

— Lembras-te da corrida para a festa das escolas? Fui escolhida pela Turma Bambu para fazer parte da equipa de estafetas.

Sadako dançava na cozinha e fazia voltear a pasta.

— Se ganharmos, serei seleccionada para fazer parte da equipa do colégio!

É o que Sadako mais desejava na vida.

Ao jantar, o senhor Sasaki discorreu longamente sobre o orgulho e a honra familiares. Até

Masahiro se sentiu emocionado. Sadako, demasiado excitada para engolir o que quer que fosse, sorria extasiada.

A partir daquele momento, só pensava na corrida de estafetas. Treinava todos os dias e, às vezes, até vinha para casa a correr. Um dia, Masahiro cronometrou-a com o grande relógio do pai e o tempo de Sadako surpreendeu toda a gente. “Quem sabe”, sonhava, “se virei a ser a melhor corredora da escola?”

O grande dia chegou por fim. Uma multidão de pais, familiares e amigos foi assistir às provas. Sadako estava tão nervosa que temia que as pernas não lhe obedecessem. As colegas de equipa pareciam-lhe, de repente, mais pequenas e menos fortes do que as adversárias. A menina confiou os seus receios à mãe, que a tranquilizou:

— É natural que tenhas medo, filha. Mas não te preocupes. Quando estiveres na pista, vais sentir-te forte outra vez.

Chegou a hora da prova.

— Faz o melhor que puderes — disse o senhor Sasaki, pegando na mão da filha. — Temos muito orgulho em ti.

Graças aos ternos encorajamentos dos pais, Sadako sentiu-se menos receosa. “Não importa se ganho ou perco; a minha família gosta de mim”, pensou.

Quando deram o sinal de partida, Sadako concentrou-se. Logo que lhe entregaram o testemunho, correu até perder o fôlego. No fim da prova, o coração doía-lhe de tanto bater. Sadako sentiu-se mal. Tinha vertigens e quase não ouvia o anúncio da vitória da sua equipa. Em volta dela, toda a Turma Bambu aplaudia e gritava de alegria. Sacudiu a cabeça uma ou duas vezes e o mal-estar dissipou-se.

Sadako passou o Inverno a tentar melhorar o seu tempo. Tinha de treinar todos os dias se quisesse entrar na equipa do colégio. Às vezes, depois de ter corrido muito, sentia vertigens, mas decidiu não falar disso a ninguém. Tentou convencer-se de que tudo estava bem, e de que as tonturas iriam desaparecer tão depressa quanto tinham aparecido. Mas não melhorou. Cheia de medo, escondeu este segredo de todos, inclusive da sua melhor amiga, Chizuko.

Na véspera do ano novo, Sadako pediu que o seu mal-estar desaparecesse como por encanto. Tudo seria perfeito se não tivesse de carregar aquele fardo. À meia-noite, confortavelmente coberta com um edredão de penas, ouviu os sinos do templo. Dizia-se que, a cada badalada, os demónios do ano que findava eram expulsos para darem lugar ao novo ano. Sadako repetiu doze vezes o seu desejo.

Na manhã seguinte, como de costume, a família Sasaki juntou-se à multidão que ia homenagear os mortos. A senhora Sasaki estava muito elegante no seu quimono de seda com

flores estampadas. Prometeu a Sadako:

— Quando puder, hei-de oferecer-te um lindo quimono. Uma rapariga da tua idade deve ter sempre um no guarda-roupa.

Sadako agradeceu educadamente mas, naquele momento, ter um quimono era a menor das suas preocupações. Estava obcecada pelas corridas e pela equipa do colégio. No meio de tantas pessoas felizes, conseguiu, por instantes, esquecer o seu terrível segredo. A alegria daquele dia de Inverno afastou as suas inquietações. Ao regressar a casa, fez uma corrida com o irmão mais velho e bateu-o. A senhora Sasaki pendurou por cima da porta os símbolos de prosperidade, que protegeriam a casa ao longo do ano. Um ano que começava tão bem dificilmente acabaria mal.

Um segredo desvendado

Durante várias semanas, as orações e os sinais de bom augúrio pareciam surtir efeito. Sadako sentia-se bem e corria cada vez mais longe e mais depressa.

Mas o seu sonho terminou num dia de Fevereiro, frio e cruel. Sadako estava a correr no recreio da escola quando, de repente, começou a ver tudo à roda e caiu ao chão. Um professor precipitou-se para a ajudar.

— Penso...penso que estou um pouco cansada — disse-lhe Sadako, com uma voz fraca.

Quando tentou levantar-se, as pernas tremeram e cederam. O professor pediu a Mitsue que fosse para casa e prevenisse o senhor Sasaki.

Este fechou imediatamente o salão de cabeleireiro e levou a filha ao hospital da Cruz Vermelha. Ao entrar no hospital, Sadako sentiu muito medo. Uma parte do edifício era reservada às pessoas que sofriam da doença da bomba.

Alguns minutos mais tarde, Sadako foi admitida: uma enfermeira fez-lhe uma radiografia aos pulmões e tirou-lhe sangue para análise. O Dr. Numata examinou-lhe as costas e fez-lhe várias perguntas. Três outros médicos vieram também examiná-la. Um deles sacudiu a cabeça e passou-lhe a mão pelos cabelos.

Toda a família de Sadako foi visitá-la. Os pais falavam com o médico em voz baixa. De repente, a senhora Sasaki exclamou:

— Uma leucemia! Não pode ser!

Mal ouviu aquela palavra aterradora, Sadako tapou os ouvidos. Como podia ela sofrer da doença, se a bomba nem lhe tocara? Uma enfermeira, a senhora Yasunaga, acompanhou-a ao quarto e deu-lhe uma espécie de quimono feito de algodão. Mal Sadako se deitou, a família entrou no quarto.

A senhora Sasaki abraçou a filha.

— Tens de ficar aqui durante algum tempo — disse-lhe, num tom de voz que se esforçava por ser alegre. — Virei ver-te todas as noites.

— Nós... nós vimos depois da escola — prometeu Masahiro.

Assustados, Mitsue e Eiji assentiram.

— É verdade que tenho a doença da bomba? — perguntou Sadako ao pai.

O olhar do senhor Sasaki toldou-se, mas tranquilizou a filha:

— Os médicos querem fazer exames suplementares, é tudo! Penso que terás de ficar aqui duas ou três semanas.

Duas ou três semanas! Mas isso era uma eternidade. Já não iam aceitá-la no colégio. Pior ainda: já não ia poder fazer parte da equipa de estafetas. Com um nó na garganta, Sadako reteve as lágrimas.

A senhora Sasaki sacudiu as almofadas e ajustou a coberta. O pai tossicou.

— Precisas...precisas de alguma coisa?

Sadako abanou a cabeça. Do que ela precisava era de regressar a casa. Mas quando? Sente um nó no estômago. Ouviu dizer que muitas das pessoas que eram internadas nunca regressavam a casa.

A senhora Yasunaga disse que Sadako tinha de descansar e que a hora das visitas terminara. Depois de todos se irem embora, a menina enfiou a cara na almofada e chorou. Nunca se tinha sentido tão só e infeliz na vida.

A grua dourada

Na manhã seguinte, Sadako despertou devagar. Tentou ouvir os barulhos habituais da casa: a mãe a preparar o pequeno almoço...mas só lhe chegaram aos ouvidos os sons novos e diferentes do hospital. Suspirou fundo. Tinha desejado tanto que a véspera não tivesse passado de um sonho mau. Mas a chegada da senhora Yasunaga obrigou-a a encarar a realidade. Vinha dar-lhe a primeira injeção.

— As injeções fazem parte da vida no hospital — cantarolou a enfermeira roliça. — Tens de te habituar.

— Eu quero é ficar boa...para poder regressar a casa.

De tarde, Sadako recebeu a sua primeira visita: Chizuko. A amiga sorria misteriosamente e trazia algo escondido atrás das costas.

— Fecha os olhos — pediu Chizuko. Sadako obedeceu prontamente. A amiga colocou algumas folhas de papel e um par de tesouras em cima da cama.

— Já podes abri-los.

— O que é?

Chizuko sorria. Estava muito contente com a surpresa que acabava de fazer à amiga.

— Pensei muito naquilo que te faria sentir melhor — disse com orgulho. — Olha!

Cortou um grande quadrado de papel dourado e, depois de o dobrar algumas vezes, mostrou o pássaro magnífico que tinha feito: era uma grua.

— Mas como posso melhorar com um *origami*? — inquiriu Sadako, perplexa.

— Não te lembras da lenda das gruas? — perguntou-lhe Chizuko. — Diz-se que vivem mil anos. Se uma pessoa doente fizer mil, os deuses escutarão as suas preces e curá-la-ão.

Estendeu a grua à amiga.

— Ofereço-te a primeira.

Os olhos de Sadako encheram-se de lágrimas. Chizuko era tão gentil em lhe oferecer este talismã, logo ela que não acreditava em augúrios. Sadako pegou na grua dourada e formulou um desejo. Experimentou uma sensação esquisita no momento em que tocou no pássaro: devia ser um bom sinal!

— Obrigada, Chizuko. Nunca hei-de separar-me dela.

Sadako tentou fazer um pássaro, mas não era tão fácil quanto parecia. Chizuko explicou-lhe as partes difíceis. Em cima da mesa-de-cabeceira, ao lado da grua dourada, Sadako colocou os primeiros dez pássaros que fez. Não eram todos perfeitos, mas para começar...

— Já só faltam novecentos e noventa — disse Sadako.

Sentia-se bem com a grua-talismã junto dela. Dentro de algumas semanas, já teria certamente feito mil. Nessa altura, estaria pronta para regressar a casa.

Nessa tarde, Masahiro trouxe-lhe os deveres da escola. Quando viu todos os origami, exclamou:

— Mas estes pássaros estão a ocupar espaço demais. Deixa-me pendurá-los no tecto.

Sadako sorriu abertamente.

— Prometes que penduras todos os que eu fizer?

Masahiro prometeu.

— Muito bem! — disse Sadako, com os olhos a brilhar de malandrice. — Então vais ter de pendurar mil!

— Mil? Estás a brincar, espero — resmungou o irmão.

Sadako contou-lhe a lenda das mil gruas. Masahiro coçou a cabeça.

— Enganaste-me bem — disse, fazendo uma careta. — Mas vou cumprir a minha promessa.

Pedi fio e tachas à enfermeira e pendurou os primeiros pássaros. A grua dourada continuava na mesa-de-cabeceira. Quando a senhora Sasaki chegou, acompanhada de Mitsue e de Eiji, ficaram os três surpreendidos ao ver os pássaros no tecto. A mãe lembrou-se de um velho poema:

Em papel colorido

Aves entraram voando

Na nossa casa.

Mitsue e Eiji gostavam mais do pássaro dourado. A mãe escolheu o mais pequeno, feito em papel verde com guarda-sóis cor-de-rosa.

— Escolho este porque os mais pequenos são os mais difíceis de fazer.

Depois das visitas saírem, os doentes sentiam-se muito sozinhos no hospital. Para se manter ocupada e optimista, Sadako fez mais alguns pássaros.

Onze... Vou ficar boa depressa...

Doze... Vou ficar boa depressa...

Kenji

Todos punham pedaços de papel de lado para as gruas de Sadako. Chizuko trouxe-lhe o papel que a Turma Bambu tinha oferecido; o senhor Sasaki recuperava todo o papel que podia no salão de cabeleireiro. Até a senhora Yasunaga lhe oferecia embalagens de medicamentos. Conforme prometera, Masahiro pendurou todos os pássaros no tecto do quarto. Às vezes, ficavam vários suspensos do mesmo fio.

Durante os meses seguintes, Sadako sentiu-se um pouco melhor. No entanto, o Dr. Numata preferiu que ela continuasse no hospital. A menina sabia que estava com leucemia, mas também sabia que algumas pessoas se curavam. Tinha esperança de vir a ser uma delas. Nos dias que corriam bem, o tempo passava depressa entre os deveres da escola, as visitas que ela distraía com jogos, adivinhas e canções, e as cartas que escrevia a amigos e correspondentes. As noites eram consagradas às gruas de papel. Sadako já tinha mais de trezentas, impecavelmente

dobradas. Os seus dedos já se tinham habituado à tarefa: trabalhavam depressa e nunca se enganavam.

Nos dias que corriam mal, tinha dores. Pouco a pouco, a doença da bomba tirara-lhe todas as energias. Quando não estava prostrada, com enxaquecas horríveis que a impediam de ler e escrever, tinha a sensação de que os seus ossos estavam a arder. As vertigens, cada vez mais frequentes, mergulhavam-na num torpor imenso. Sentia-se fraca demais para fazer o que quer que fosse. Ficava então sentada junto da janela e olhava com inveja o ácer do pátio. Passava horas a observá-lo, com a grua dourada no regaço. Naquele dia estava particularmente cansada, mas a senhora Yasunaga insistiu em levá-la na cadeira de rodas até ao pórtico cheio de sol. Aí, Sadako encontrou Kenji pela primeira vez. Tinha nove anos e era pequeno para a idade. A cara era magra e os seus olhos negros brilhavam.

— Olá! Chamo-me Sadako.

Kenji saudou-a docemente, numa voz apagada. Em breve estavam a falar como se se conhecessem desde sempre. Kenji já estava no hospital há muito tempo, mas tinha poucas visitas. Era órfão e morava com uma das tias numa cidade próxima.

— É tão velhinha que só vem ver-me uma vez por semana — confessou a Sadako. — Passo a maior parte do tempo a ler.

Sadako virou a cabeça quando viu o rosto de Kenji ensombrar-se.

— Não é grave — suspirou o menino — porque vou morrer em breve. Tenho a doença da bomba.

— Mas isso é impossível — replicou Sadako. — Nem sequer eras nascido quando a bomba caiu.

— O veneno contaminou o corpo da minha mãe e ela transmitiu-mo.

Sadako gostaria de o reconfortar, mas nem sabia o que dizer. De repente, lembrou-se da lenda das gruas.

— Podias fazer origami como eu — sugeriu-lhe. — Ainda pode acontecer algum milagre!

— Já conheço a história das gruas — respondeu Kenji, tranquilamente — mas é demasiado tarde. Nem mesmo os deuses podem ajudar-me...

A enfermeira juntou-se a eles e perguntou ao menino, num tom severo:

— Kenji, como podes falar assim?

O rapaz lançou-lhe um olhar intenso:

— Não sou nenhum idiota! Além do mais, sei ler. Os resultados das minhas análises estão

cada vez piores.

A enfermeira ficou perturbada.

— Com essa tagarelice vais cansar-te ainda mais...

Levou Kenji de volta para o interior do hospital.

Quando Sadako voltou para o quarto, estava pensativa. Tentou imaginar-se doente e sem família. Achava que Kenji era um menino muito corajoso. Fez uma grua no seu papel mais bonito e lançou-a para dentro do quarto do menino, que ficava em frente ao seu. Será que o pássaro iria dar-lhe sorte? Sadako dobrou mais alguns origami para a sua colecção.

Trezentos e noventa e oito...

Trezentos e noventa e nove...

No dia seguinte, Kenji não estava no pórtico. Sadako tinha ouvido barulho no corredor a altas horas da noite, o barulho de uma cama a ser deslocada. A senhora Yasunaga veio anunciar-lhe a morte do amigo. Sadako virou-se para a parede e deixou correr as lágrimas. A enfermeira colocou-lhe suavemente a mão no ombro com gentileza.

— Vem sentar-te junto da janela para falarmos um pouco — convidou-a.

Sadako parou de soluçar e pôs-se a olhar o luar.

— Acha que o Kenji está lá em cima, no mar de estrelas?

— Onde quer que esteja, estou certa de que está feliz — respondeu-lhe a enfermeira. — Já se libertou do corpo fatigado e doente. O seu espírito é agora livre.

Em silêncio, Sadako escutava o rumorejar das folhas do ácer.

— Sou eu a seguir, não sou?

— Claro que não! — respondeu-lhe a enfermeira, sacudindo energicamente a cabeça. — Trouxe-te um pedacinho de papel colorido. Vais fazer uma grua para mim antes de te deitares. Quando tiveres acabado os teus mil pássaros, já serás velhinha.

Sadako queria muito acreditar no que a enfermeira lhe disse e pôs-se a fazer mais pássaros.

Quatrocentos e sessenta e três... Vou ficar boa depressa...

Quatrocentos e sessenta e quatro... Vou ficar boa depressa...

Centenas de desejos

Chegou o mês de Junho e com ele os aguaceiros. Dia após dia, uma chuva tão cinzenta como o céu fustigava as janelas. A água escorria ao longo das folhas da árvore do pátio. O

quarto começou a cheirar a mofo. Até os lençóis estavam húmidos.

Sadako empalidecia a olhos vistos e perdera totalmente as forças. As únicas visitas autorizadas eram as dos pais e as de Masahiro, o irmão mais velho. A turma ofereceu-lhe uma boneca *Kokeshi* para a animar. Sadako gostava muito do sorriso melancólico da boneca de madeira, bem como das rosas vermelhas pintadas no quimono. Pô-la na mesa-de-cabeceira, ao lado da grua dourada.

A senhora Sasaki sentia-se inquieta porque a filha não se alimentava devidamente. Um dia, trouxe-lhe uma surpresa, embrulhada num *furoshiki*. No quadrado de tecido vinha tudo aquilo de que Sadako mais gostava: paté imperial, frango e arroz, ameixas em calda e bolos de soja.

Sadako reclinou-se nas almofadas e tentou comer. Mas em vão: as gengivas inflamadas doíam-lhe tanto que não conseguia mastigar. Acabou por desistir. Afastou a comida com as mãos. Os olhos da mãe brilhavam como se fosse chorar. Sadako exclamou:

— Sou lenta como uma tartaruga.

Não queria que a mãe se sentisse mal. Sabia que a família não podia dar-se ao luxo de comprar comida tão cara. As lágrimas ardiam-lhe nos olhos, mas apressou-se a limpá-las.

— Não te aflijas — tranquilizou-a a mãe, abraçando-a. — Em breve estarás melhor. Nessa altura...

A senhora Sasaki leu poemas, com a filha aninhada no colo dela. Quando Masahiro chegou, a irmã estava mais tranquila e feliz. Masahiro contou-lhe as últimas novidades da escola e debicou o jantar-surpresa. Antes de se ir embora, disse:

— Já me esquecia! O Eiji manda-te uma prenda.

Enfia a mão no bolso e tira um pedaço de papel prateado e amarrotado.

— Diz que é para fazeres uma grua.

Sadako cheirou o papel.

— Hum...Cheira-me a açúcar cristalizado. Espero que os deuses gostem.

Desataram os três a rir. Há vários dias que Sadako não se ria. Era bom sinal. Será que a magia da grua dourada já tinha começado a fazer efeito? Alisou o papel e fez um pássaro. Quinhentos e quarenta e dois... Mas estava demasiado cansada para continuar. Estendeu-se na cama e fechou os olhos. Ao sair do quarto em bicos de pés, a senhora Sasaki murmurou um poema que recitava a Sadako quando esta era bebé:

Oh! Nuvem de gruas celestes
Protegei o meu filho
Com as vossas asas.

Os últimos dias

Naquele fim de Julho, o sol brilhava e fazia calor. Sadako parecia estar melhor.

— Já ultrapassei as quinhentas gruas — disse a Masahiro. Sinto que vai acontecer algo de bom.

Com efeito, o apetite voltara e as dores eram agora menos fortes. Contente com os progressos de Sadako, o Dr. Numata anunciou que Sadako ia poder ir passar uns dias a casa. Nessa noite, Sadako estava tão excitada que não conseguia dormir. Continuou a fazer gruas para que a magia perdurasse.

Seiscentas e vinte e uma...

Seiscentas e vinte e duas...

Que bom era estar em casa, com a família, a passar as férias grandes! Celebrava-se o *O Ban*, a festa dos mortos, que regressavam à terra para visitar os seus entes queridos. A senhora Sasaki e Mitsue limparam a casa com desvelo. Havia flores sobre a mesa. A grua dourada e a boneca também lá estavam. Cheirava às iguarias deliciosas dos dias de festa. No altar havia bolos de soja e bolas de arroz dispostos em pratinhos, para os espíritos que estavam de visita. Ao cair da tarde, a senhora Sasaki pendurou uma lanterna por cima da porta para que eles não se perdessem na escuridão. Sadako suspirou de alegria. Talvez não tivesse de regressar ao hospital.

Durante vários dias, os amigos e familiares visitaram-na continuamente. No fim-de-semana, a menina estava de novo pálida e cansada. Contentava-se em ficar sentada, sem se mexer, a olhar para os estavam à sua volta.

— A Sadako é agora uma menina muito educada — disse o pai. — A avó deve estar contente ao ver a neta comportar-se tão bem.

— Como podes falar assim? — insurgiu-se a esposa. — Dava tudo para ter de volta a nossa filha irrequieta.

Precipitou-se para a cozinha enquanto enxugava as lágrimas.

“Estão todos tristes por minha causa”, pensou Sadako “Gostava tanto de voltar ser com dantes. A mamã ficava tão contente!”

Como se lesse os pensamentos da filha, o senhor Sasaki disse-lhe num tom sacudido:

— Então, vá lá... Não te preocupes. Depois de uma boa noite de sono, vais sentir-te melhor.

No dia seguinte, Sadako teve de voltar ao hospital. Pela primeira vez, sentiu-se feliz por regressar à tranquilidade do seu quarto. Os pais ficaram com ela durante muito tempo. De vez em quando, Sadako mergulhava numa estranha sonolência.

— Quando morrer — pediu-lhes — prometem que colocam os meus bolos de soja preferidos no altar, para acolherem o meu espírito?

Demasiado emocionada para falar, a senhora Sasaki apertou com força a mão da filha.

— Chut... — murmurou o pai, numa voz estranha. — Ainda falta muito tempo para que isso aconteça. Não desistas, filha. Só faltam algumas centenas de cruas.

A enfermeira trouxe calmantes. Antes de fechar os olhos, Sadako tocou ao de leve na grua dourada.

— Em breve estarei boa — sussurrou à boneca — e um dia vou correr tão depressa como o vento.

O Dr. Numata fazia-lhe transfusões e dava-lhe injeções quase todos os dias.

— Sei que tens dores, mas não podemos baixar os braços.

A menina anuiu com a cabeça. Nunca se queixava, apesar das dores quase permanentes. Um sofrimento ainda mais horrível a dominava: o medo da morte. Felizmente que a grua dourada a ajudava a resistir, lembrando-lhe de que era preciso manter a esperança.

A senhora Sasaki passava cada vez mais tempo no hospital. Todas as tardes, Sadako ouvia o barulho familiar dos sapatos de plástico que as visitas do hospital tinham de calçar. Os da mãe faziam um barulho particular. Sadako tinha consciência da profunda inquietação da mãe.

As folhas do ácer estavam revestidas de tons de ferrugem e ouro quando os Sasaki vieram fazer uma das últimas visitas a Sadako. Eiji entregou à irmã um embrulho em papel dourado, atado com uma fita vermelha. Sadako abriu-o lentamente e encontrou um quimono em seda estampada com flores de cerejeira. É a prenda que a mãe tanto queria oferecer-lhe. A menina ficou os olhos cheios de lágrimas.

— Nunca vou poder usá-lo e é tão caro!

— Sadako — disse-lhe o pai, num tom de voz doce — a tua mãe deitou-se ontem muito tarde para acabar de o coser. Que tal se o experimentasses, para ela ver se te fica bem?

Sadako teve muita dificuldade de sair da cama. A mãe ajudou-a a enfiar o quimono e a colocar a banda à cinta. A menina ficou contente por ninguém ver as suas pernas inchadas. Atravessou o quarto num passo hesitante e foi sentar-se no sofá junto da janela. Todos se extasiaram diante daquela bela princesa.

Chizuko entrou nesse momento. O Dr. Numata deu-lhe permissão para uma curta visita.

— Fica-te melhor do que o uniforme da escola! — exclamou.

Todos se riram, incluindo Sadako.

— Então, quando estiver melhor, levo-o todos os dias para a escola — brincou.

Mitsue e Eiji riram-se da ideia. Todos tinham a impressão de reviver os bons momentos passados em família. Entretiveram-se com jogos de letras e trautearam as canções favoritas de Sadako. Esta nem se mexia no sofá e tentava por tudo esconder-lhes o seu sofrimento.

A presença deles valia o sacrifício. Quando se foram embora, os pais pareciam quase alegres.

Antes de adormecer, Sadako só conseguiu fazer uma grua. Seiscentas e quarenta e quatro...Seria a última.

Correr tão veloz como o vento

Enquanto enfraquecia a olhos vistos, Sadako pensava cada vez mais na morte. Será que iria viver numa montanha celeste? Será que morrer doía? Será que apenas adormecíamos?

“Se ao menos pudesse deixar de pensar na morte”, disse Sadako para consigo mesma. Mas isso seria como impedir a chuva de cair. A menina não conseguia concentrar-se em nada muito tempo seguido: a morte vinha-lhe constantemente à ideia.

Em meados de Outubro, Sadako começou a perder a noção do tempo. Quando acordou uma manhã, viu a mãe a chorar.

— Não chores, peço-te.

Sadako gostaria de a reconfortar, mas não conseguia mexer nem a boca nem a língua. Uma lágrima deslizou-lhe pela face. A família sofria tanto por sua causa! Talvez bastasse dobrar mais algumas gruas e esperar por um milagre? Ainda pegou num quadrado de papel, mas os seus dedos inchados já não conseguiam fazer nada. “Sou mesmo uma tartaruga. Nem um pássaro consigo fazer.” Sadako tentou dobrar o papel, antes de desfalecer.

Alguns minutos, que pareceram horas, mais tarde, o Dr. Numata entrou e pôs-lhe a mão na testa. Tirou-lhe o papel das mãos com cuidado. Sadako já quase não o ouviu dizer:

— Tens de descansar. Amanhã continuas.

A menina disse que sim com a cabeça. Amanhã...Como amanhã vem longe...

Quando acordou, a família estava reunida em volta dela. Sadako sorriu-lhes. Sentia que fazia e faria sempre parte daquele círculo cheio de amor e carinho, e que isso nunca iria alterar-

-se. De repente, começou a ver luzes a dançar diante dos olhos. Estendeu uma mão trémula em direcção à grua dourada. As forças fugiam-lhe, mas o pássaro de papel transmitia-lhe uma grande energia.

Sadako ergueu os olhos para todas as guas suspensas do tecto. Nesse mesmo instante, uma ligeira brisa de Outono fê-los ondular. Pareciam vivas e dir-se-ia que queriam sair pela janela. Que beleza! Que liberdade! Sadako suspirou e fechou os olhos.

Para não mais os abrir.

Epílogo

Sadako Sasaki morreu a 25 de Outubro de 1955. Os seus colegas de turma dobraram trezentas e cinquenta e seis guas para que ela fosse enterrada com mil pássaros. O seu desejo de viver longamente foi assim, de alguma forma, realizado, uma vez que viverá para sempre no coração de todos.

Depois das exéquias, a Turma Bambu publicou um livro com as cartas de Sadako, e intitularam-no *Kokeshi*, em memória da boneca que lhe tinham oferecido no hospital. O livro viajou por todo o Japão e celebrizou a história de Sadako e dos mil pássaros de papel. Os seus amigos sonhavam construir um monumento que eternizasse a memória de Sadako e de todas as crianças mortas pela bomba atómica. Jovens de todo o país uniram esforços e ajudaram-nos a recolher fundos para esse projecto. Em 1958, o seu sonho tornou-se realidade: no Parque da Paz, em Hiroshima, foi descerrada uma estátua de Sadako, que aparece no topo de uma montanha celeste em granito, com uma grua de ouro nas mãos.

Um clube de guas feitas em *origami* foi fundado em sua honra e, todos os anos, no dia 6 de Agosto, os seus membros depõem junto da estátua milhares de guas em papel. Nesse dia, o Dia da Paz, aproveitam para formular um desejo. Esse desejo encontra-se gravado na base da estátua:

Eis o nosso clamor

Eis a nossa prece

Para construir a paz no mundo.

Eleanor Coerr
Les mille oiseaux de Sadako
Toulouse, Éditions Milan, 2003



O menino que voltou a sorrir

Guardavida era um país onde outrora as pessoas tinham gostado de viver. Tanto o clima como a geografia pitoresca, bem como a boa disposição dos seus habitantes, tinham lá atraído, fosse Verão ou Inverno, muitos viajantes provenientes de todos os países. Mas, não se sabe bem porquê – tendo sido a inveja, sem dúvida, uma das razões – Guardavida conheceu em poucos meses uma das piores catástrofes que um país pode sofrer: os homens tornaram-se inimigos uns dos outros!

O pequeno reino de Guardavida foi, primeiro, saqueado e destruído por duas potências rivais, que o disputaram entre si. Conheceu, seguidamente, uma horrível guerra civil, que acabou por arruinar tudo o que restara do conflito anterior. Depois do ódio e da miséria terem cumprido o seu papel, os habitantes mergulharam num profundo desespero. O rei perdera a esposa e três filhos nos conflitos, e decretou luto nacional por tempo indeterminado.

Que turista queria agora visitar as cidades arrasadas, os campos devastados e as estâncias balneares destruídas? Quem poderia rir ou divertir-se com uma população de refugiados, desencantados e resignados, que se havia até esquecido de que a felicidade existia?

Acontece que, uma noite, uma sentinela encarregada de vigiar as praias orientais de Guardavida se apercebeu de uma sombra estranha no declive de uma duna. De arma na mão, aproximou-se, sem fazer barulho, e ficou estupefacta com o que viu.

Deitado na cratera que uma bomba deixara na areia, estava um menino vestido de farrapos. O soldado rastejou até ao local e viu, apesar da escuridão, que a criança estava viva. De mãos atrás da nuca, com os joelhos flectidos, o menino sorria ao contemplar o enorme céu negro, no qual despontavam um crescente de lua e as primeiras estrelas.

O guarda observou a cara do menino durante um longo minuto e, depois, com a rapidez de um relâmpago, saltou para junto dele, apontando-lhe a arma.

— Alto lá! — gritou a sombra debruçada sobre a criança que, entretanto, se pusera de joelhos, com o coração a bater fortemente.

— Alto lá! — gritou de novo o soldado, como se o menino fosse fugir. — Põe-te de pé, seu malandro! Há mais de um minuto que te vejo a sorrir!

— Eu... eu não estava a fazer nada de mal — balbuciou a criança.

— Toca a andar! Não passas de um pequeno verme sorridente! — gritou o soldado, batendo-lhe com o bastão nas costas.

— Não... não sou um inimigo, não sou um estrangeiro — tentava explicar a criança, que

caminhava agora rapidamente, com as mãos no ar.

— De Guardavida não és, porque sorris de noite, às escondidas. És um malandro que não respeita o nosso luto nacional, um foragido que troça da nossa mágoa e dos nossos mortos!

— Mas... mas... eu estava a sorrir sem me dar conta — dizia o menino, já sem fôlego. — Sorria por causa do primeiro crescente de lua: os meus lábios imitaram a sua forma. Sorria porque a areia está morna e a noite é suave...

— Como? Morreram milhares de Guardavianos nestas praias, a defender a sua pátria. Estas dunas, crivadas de bombas, de balas e de granadas, ficaram juncadas de cadáveres!

E o soldado bateu com força na cabeça do menino, que caiu por terra. Mas em breve se levantava, segurando um punhado de areia na mão.

— Veja, veja como esta areia é morna e suave e...

Quando o soldado se preparava para bater de novo na criança, ela atirou-lhe a areia aos olhos e desatou a fugir.

O menino correu pela noite dentro até ao alvorecer. Embora estivesse há muito fora do alcance do soldado, sentia-se inquieto. Resolveu refugiar-se durante o dia numa pequena floresta de bétulas prateadas, e voltar à estrada ao anoitecer.

Começou a avançar pela floresta dentro, guiado pelo murmúrio da água que deslizava sobre os seixos. Acabou por se sentar na margem de um pequeno riacho que se divertia a serpentear por entre os salgueiros. A luz desta manhã de Abril penetrava através das folhas cor de amêndoa e fazia brilhar os troncos das bétulas. Milhares de estrelas reluziam na superfície da água.

A criança, que, em silêncio, desfrutava do espectáculo sempre novo da água, do ar e da luz, maravilhou-se com o aparecimento fulgurante de um guarda-rios. Era como se quatro anos de guerra tivessem poupado este pequeno paraíso no coração de Guardavida. Como se as andorinhas, os tentilhões e os chapins, que chilreavam e saltitavam, nunca tivessem ouvido o troar dos canhões, o zunir das balas, o estertor dos moribundos e as queixas dos sobreviventes. Aqui, a água que brotava de uma nascente pura e corria sobre os seixos continuava a ignorar a cor do sangue.

A criança, exausta, deitou-se no musgo e acabou por adormecer, embalada pelo canto dos pássaros. Enquanto dormia, sorria para os anjos do céu azul.

Desta vez, não foi uma sentinela mas uma patrulha inteira que o acordou, em sobressalto. Através do sol ofuscante do meio-dia, a criança conseguiu distinguir seis rostos ameaçadores debruçados sobre ela.

Momentos depois, de mãos atadas e boca amordaçada, o menino foi conduzido à cidade

mais próxima e atirado para um calabouço sombrio.

Passaram-se dois dias e duas noites intermináveis, durante os quais, a criança, cheia de fome e com o corpo pisado, só não sucumbiu ao desespero porque pôde respirar o cheiro de uma glicínia, que se estendia pela parede exterior da prisão.

Na manhã do terceiro dia de prisão, trouxeram-lhe finalmente um pouco de pão e água, e fizeram-no comparecer, em seguida, perante os juízes. Numa sala enorme, com paredes de pedra, três homens com vestes compridas debruadas a arminho branco estavam diante dele, enquanto uma multidão cinzenta e agitada murmurava nas suas costas.

— Estrangeiro! — começou um dos juízes. — É acusado de ter entrado ilicitamente no nosso país, de ter agredido um dos nossos guardas fronteiriços e, sobretudo, de ter desrespeitado, por duas vezes, o luto nacional decretado pelo nosso soberano, mostrando assim o seu desprezo pela dor e mágoa dos nossos concidadãos. É uma ameaça à paz do nosso reino e incorre na pena capital, reservada aos traidores da pátria. Reconhece todos estes factos?

— Mas — respondeu a criança — eu nasci em Guardavida, há dez anos, mais ou menos, e...

— Admito que pareces conhecer a nossa língua — interrompeu o segundo juiz, sentado à direita do primeiro. — Mas quem pode provar que és um Guardaviano, se não encontramos nenhum documento de identificação na tua roupa esfarrapada?

— Todos os meus haveres foram-me roubados há dias, enquanto dormia ao relento. Os meus pais deviam ter o que procurais, mas foram mortos num bombardeamento há três meses.

— Mentos! — interrompeu secamente o terceiro juiz. — Se os teus pais tivessem morrido num bombardeamento, não sorririas durante o sono.

A multidão soltou uma exclamação de espanto.

— Mas eu senti uma grande dor quando os meus pais foram mortos, e continuo a sentir uma pena imensa. Às vezes, choro sozinho, com o estômago contraído, e cerro os punhos para não gritar...

— Quando tentaram prender-te na costa oriental, a sentinela assegura que sorrias sozinho e que troçavas da morte recente dos teus pais!

— É que, quando penso nos passeios que dei com o meu pai, quando me lembro das suas brincadeiras, quando revejo os olhos da minha mãe e me dou conta do tesouro que eram os beijos que me dava antes de dormir, o meu rosto ilumina-se de felicidade.

— Não negas, então, que és incapaz de respeitar o nosso luto. Seis testemunhas ajuramentadas viram-te sorrir para os anjos, no dia a seguir ao teu primeiro delito!

— Estava contente — disse a criança — por ouvir os pássaros cantar e o rio murmurar por entre os seixos. A descoberta dos primeiros lírios de água, o perfume de uma flor selvagem, aqueciam o meu coração. Às vezes, esqueço-me da minha tristeza quando vejo o sol brilhar na água ou brincar com as nuvens. Gosto de ver o vento acariciar as ervas ou dançar nos ramos dos salgueiros...

Um longo murmúrio elevava-se agora da multidão, como se as suas palavras tivessem despertado nas pessoas surpresa, consternação e cólera.

— Basta! — disse o primeiro juiz, batendo com o martelo na secretária. — Esta criança clandestina que reconhece os seus crimes perturba a ordem pública. Condenamo-la à forca, como fazemos a todos os traidores de Guardavida!

Segundo os costumes de Guardavida, todos os condenados à morte eram conduzidos diante do soberano, na véspera da execução, a fim de beneficiarem, eventualmente, de um perdão real. Infelizmente para o menino, o rei, depois que perdera a família, nunca mais acordara um perdão a nenhum acusado. Era como se a dor tivesse destruído nele, para sempre, qualquer sentimento de compaixão. Se ainda aceitava participar nesta cerimónia macabra, era mais para respeitar um costume instituído pelos seus antepassados do que para salvar a vida de algum miserável.

De facto, quando o rei se dignava olhar para alguns dos condenados, via sobretudo neles os assassinos da sua família. Se pudesse, em vez de lhes conceder algum perdão, ele mesmo lhes cortaria o pescoço.

Foi pois com uma esperança assaz diminuta que a criança foi conduzida diante dele, acompanhada por uma dúzia de prisioneiros.

Sentado numa grande sala do palácio, num trono de ébano, o rei estava absorto nos seus pensamentos sombrios.

A sua única filha ainda viva estava sentada a seu lado e acariciava os cabelos dourados de uma boneca de porcelana.

Quando os condenados entraram e foram conduzidos até ele, o rei levantou os olhos, e o seu rosto imóvel foi-os olhando, um a um, sem trair a menor emoção. Era como se os olhasse sem os ver.

De repente, ao pousar o olhar sobre o menino, o seu corpo ficou hirto, soltou um grito de cólera e os seus olhos revelaram um furor terrível.

— Insolente! Traidor! Anarquista! Como ousas, diante de mim, desprezar as minhas leis, violar o nosso luto e profanar a memória da minha própria família?

— Perdoai-me, Senhor, perdoai-me. Não queria ofender-vos nem faltar-vos ao respeito, mas a vossa filha...

— Como te atreves? — espumava o rei.

— A vossa filha tinha um ar e uns olhos tão tristes, que não pude evitar sorrir-lhe quando os nossos olhares se cruzaram... É mais forte do que eu, vem-me do mais profundo da alma e...

Mas o rei deixara de o ouvir. Observava, maravilhado, a filha, o seu único descendente vivo, a sua única consolação, uma prisioneira da tristeza há já tanto tempo. A filha sorria para a criança que ia morrer.

Passou-se uma eternidade, e todos, guardas, senhores e condenados, ficaram suspensos da reacção do rei.

O que viram então foi um autêntico milagre!

O rei, desarmado, estupefacto e hipnotizado, não conseguia desviar o olhar do rosto da filha. Pouco a pouco, começaram a ver os seus lábios a tremer e uma lágrima a correr do seu olho direito. Sorriu, emocionado, para a princesa.

Um murmúrio percorreu a assembleia, e logo uma alegria muda tomou o lugar do mais profundo desespero. Um sorriso partilhado e tranquilo emergiu da dor e das mágoas e contagiou todos quantos estavam presentes na sala.

Epílogo

O fim do luto nacional foi decretado naquela mesma noite; os treze condenados à morte, entre os quais a criança, foram agraciados e soltos.

A história não diz o que aconteceu ao rei, à princesa e ao menino. Sabe-se apenas que Guardavida se tornou de novo um país hospitaleiro e acolhedor, onde dá gosto viver. Sabemos também que não há dor nem desgosto tão intensos e violentos que não possam vir a ser consolados, que não possam ser redimidos pela vida sempre nova e apaixonante que nos espera.

Jean-Hugues Malineau

Menino do bairro negro

Olha o sol que vai nascendo

Anda ver o mar

Os meninos vão correndo

Ver o sol chegar

Menino sem condição

Irmão de todos os nus

Tira os olhos do chão

Vem ver a luz

Menino do mal trajar

Um novo dia lá vem

Só quem souber cantar

Virá também

Negro bairro negro

Bairro negro

Onde não há pão

Não há sossego

Menino pobre o teu lar

Queira ou não queira o papão

Há-de um dia cantar

Esta canção

Olha o sol que vai nascendo

Anda ver o mar

Os meninos vão correndo

Ver o sol chegar

Se até dá gosto cantar

Se toda a terra sorri

Quem te não há-de amar

Menino a ti

Se não é fúria a razão

Se toda a gente quiser

Um dia hás-de aprender

Haja o que houver

Negro bairro negro

Bairro negro

Onde não há pão

Não há sossego

Menino pobre o teu lar

Queira ou não queira o papão

Há-de um dia cantar

Esta canção

José Afonso

Um gole de água

A expressão “beber um gole” designa uma actividade mecânica e comum que leva cerca de quinze segundos. E, quando se trata de água, não se pensa mais nela do que no ar que se respira. No entanto, naquele ano de 1992 em que a guerra rebentou, quiseram os acontecimentos que este simples gesto se tornasse consideravelmente mais difícil para os habitantes de Sarajevo.

A cidade, situada num vale, viu-se, um belo dia, cercada e sitiada. Os atacantes tinham decidido cortar todos os abastecimentos de gás, electricidade e água. Por quatro anos seguidos, deixaram Sarajevo sob um dilúvio incessante de ferro e de fogo. Atiradores emboscados controlavam todos os cruzamentos visíveis a partir das colinas, e os obuses caíam vinte e quatro horas por dia, arrebatando vidas e semeando a morte, o que, com o passar do tempo, se tornou algo de quotidiano e de totalmente banal. Os bombardeamentos foram tão violentos durante os quatro anos de cerco que os habitantes da cidade se habituaram a dizer: “Há um obus destinado a cada um de nós, é só uma questão de tempo.”

Sitiada, sem luz, sem água, sem aquecimento, quase sem alimentos, mas debaixo de tiros incessantes, a cidade ficou em breve reduzida a um buraco negro, separada do mundo, entregue a si própria e constatando esporadicamente, à luz das explosões intermitentes, que ainda se encontrava viva.

Mas, no fundo desse buraco negro, a luta pela vida, ou melhor, pela sobrevivência, era tão impiedosa, encarniçada e inexorável como aquele dilúvio de ferro e fogo. Os alimentos entravam a conta-gotas pelo túnel cavado sob a pista do aeroporto, única saída para o mundo exterior. Mais tarde, quando o aeroporto foi reaberto, a distribuição da ajuda humanitária recomeçou... Mas, mesmo nessa altura, nunca corremos o perigo de engordar. As pessoas utilizavam o menor torrão de terra, mesmo nas varandas e peitoris das janelas cobertas de floreiras, para ao menos plantarem alguns legumes. Cada qual se desenvencilhava conforme podia. Era preciso habituarmo-nos a viver sem gás e sem electricidade. Claro, não é muito agradável tactear na escuridão. As pessoas não são morcegos. Mas a falta de água é uma calamidade à qual ninguém pode habituar-se.

Arranjar água tinha-se tornado um problema crucial naquela luta pela vida. Os atacantes controlavam quase todos os recursos de Sarajevo em matéria de água, e metade da cidade ficara limitada a abastecer-se em cerca de quarenta torneiras, o que era muito pouco para cento e cinquenta mil habitantes.

Que trabalhos para “beber um gole” naqueles anos de 92–95! Esse gesto, anteriormente

banal, exigia agora uma boa dose de coragem, força, tenacidade, paciência e imaginação, e também muita sorte e tempo! Mas tínhamos tanto tempo que nem sabíamos o que fazer com ele! Dir-se-ia que estava suspenso sobre as nossas cabeças.

Para “beber um gole” era preciso, em primeiro lugar, que o dia estivesse calmo, isto é, que não houvesse lançamento de obuses nem de granadas. O que não queria dizer que se estivesse completamente em segurança, porque as hostilidades podiam recomeçar a qualquer momento. Mas era preciso decidirmo-nos, porque a sede não espera. Levávamos, por vezes, cinco horas para percorrermos os dois, três ou quatro quilómetros que separavam o nosso domicílio do ponto de distribuição da água, onde cada qual vinha recolher algumas gotas de vida.

Era preciso também arranjar recipientes vazios para a água. Os mais práticos eram os garrafões, os bidões e os tonéis. Havia-os de todas as formas e tamanhos. É evidente que, uma vez cheios, não era muito cómodo levá-los às costas ou nos braços durante vários quilómetros. A força e a resistência humanas têm, apesar de tudo, os seus limites. Era necessário, portanto, inventar um meio de transporte não motorizado, porque, naquela época, não havia gasolina suficiente nem para encher um dedal. Foi assim que se lembraram da roda, aquela preciosa invenção locomotora da espécie humana. No Inverno, o veículo mais eficaz era o trenó, pelo menos para quem o possuía. Mas os mais afortunados eram os donos de uma bicicleta, e isto por várias razões. Primeiro, em cima de uma bicicleta, pode-se transportar uma grande quantidade de água; em seguida, percorre-se mais rapidamente a distância entre a torneira e a casa (e vice-versa), de tal forma que é possível ir e vir várias vezes por dia. E quanto mais depressa se atravessar os cruzamentos “vigados” pelos atiradores furtivos, menos risco de vida se corre.

Os donos de carrinhos de mão também conseguiam desenvencilhar-se: claro, o meio de transporte é mais lento e a sua capacidade menor, mas o que interessa é que ande! Quem não tivesse bicicleta nem carreta era obrigado a arranjar rodas para fazer à mão um transporte improvisado. Se alguém tivesse dificuldade de as arranjar, podia sempre recorrer à imaginação: é possível, de facto, fabricar-se rodízios a partir de diversos materiais. À falta disso, restavam as mãos, as costas e as pernas, o que não era nada recomendável, porque o destino de um ser humano comum, obrigado a carregar diariamente grandes quantidades de água, é pouco invejável, sem contar com o facto de que uma bala é sempre mais rápida do que um peão.

Por conseguinte, munido atempadamente de garrafões, tonéis, veículos com rodízios e bons músculos, o indivíduo X, uma vez chegado à torneira, tem ainda de pôr à prova a sua paciência de anjo e os seus nervos de aço. Estarmos na fila uma hora ou duas, quando não três, nada tem de agradável. Sobretudo se essa fila é constituída por um conjunto de pessoas tão extenuadas, enervadas e febris como nós. E, claro, é impossível fazermos fila com a nossa preciosa bicicleta ou carreta. Deixamo-la em qualquer lugar por perto, juntamo-nos à multidão febril, e

esperamos, esperamos pacientemente. Depois de nos termos enfadado várias horas, enchido os recipientes com o precioso líquido, e se, entretanto, nenhum obus nos tiver caído em cima, estamos prontos para regressar a casa a toda a velocidade, contanto que, bem entendido, ninguém nos tenha roubado o nosso meio de transporte.

Quando, finalmente, entramos em casa a são e salvo, toda a família se apressa a matar a sede. E eis que surgem novas solicitações: um banho, uma barrela, uma refeição a preparar... A necessidade de água é constante!

Mal se teve tempo de descansar depois daquele trabalho esgotante e já os recipientes começam a alinhar-se diante da porta. Vazios. É preciso recomeçar tudo.

A bem dizer, ao fim de quatro anos de repetição forçada, tudo isto acaba por tornar-se uma actividade mecânica e banal. É preciso que se saiba que, para “beber um gole de água”, cada habitante de Sarajevo investiu em média, no decurso dos quatro anos que durou a guerra, quatro mil trezentas e oitenta horas, isto é, cerca de cento e oitenta e dois dias completos.

Aida Ademović

Traduzido do bósnio (servo-croata) por Marianne Costa, com a colaboração da autora.

**Atelier Post-Scriptum
Une guerre en Europe
Paris, Hachette Jeunesse, 1999**

Lamentação

Com ligações infindas e perfeitas,
a cadeia da vida continua.
À margem dela, despegado e torto,
O Homem-Rei-da-Criação!
— Tu, Senhor morto
do reino da misérrima ambição!

Como no fim das guerras que fizeste,
das trágicas fogueiras que acendeste,
dos festins de ti mesmo que te deste,
– pelos campos bravios, insepultos,
os destroços de ti!
São teus olhos cansados de chorar,
tuas bocas cansadas de chamar,
e a brancura duns ossos a apontar
o caminho que já não passa ali.

Miguel Torga

Lisboa, Pub. Dom Quixote, 2000



Cristo e Pirulito

Pirulito é um dos Capitães da Areia, meninos de rua que, nesta história do escritor brasileiro Jorge Amado, escondem os furtos de ocasião num trapiche – armazém grande, junto ao cais. Aí, os conflitos sucedem-se. A solidariedade do padre José Pedro ajuda o rapaz a sentir-se menos cruel. Um dia, numa loja, vê uma imagem do Menino Jesus, solto nos braços da Mãe, e leva esse Cristo com ele, tão pobre um como o Outro.

Pirulito fora a grande conquista do padre José Pedro entre os Capitães da Areia. Tinha fama de ser um dos mais malvados do grupo, contavam dele que uma vez pusera o punhal na garganta de um menino que não queria lhe emprestar dinheiro e o fora enfiando devagarinho, sem tremer, até que o sangue começou a correr e o outro lhe deu tudo que queria. Mas contavam também que outra vez cortou de navalha a Chico Bardia quando o mulato torturava um gato que se aventurara no trapiche atrás dos ratos. No dia que o padre José Pedro começou a falar de Deus, do Céu, de Cristo, da bondade e da piedade, Pirulito começou a mudar. Deus o chamava e ele sentia sua voz poderosa no trapiche. Via Deus nos seus sonhos e ouvia o chamado de Deus de que falava o padre José Pedro. E se voltou de todo para Deus, ouvia a voz de Deus, rezava ante os quadros que o padre lhe dera. No primeiro dia começaram a mofar dele no trapiche. Ele espancou um dos menores, os outros se calaram. No outro dia o padre disse que ele fizera mal, que era preciso sofrer por Deus, e Pirulito então dera a sua navalha quase nova ao menino a que espancara. E não espancara mais nenhum, evitava as brigas e se não evitava os furtos era que aquilo era o meio de vida que eles tinham, não tinham mesmo outro. Pirulito sentia o chamado de Deus, que era intenso, e queria sofrer por Deus. Ajoelhava horas e horas no trapiche, dormia no chão nu, rezava mesmo quando o sono o queria derrubar, fugia das negrinhas que ofereciam o amor na areia quente do cais. Mas então amava Deus-pura-bondade e sofria para pagar o sofrimento que Deus passara na Terra. Depois veio aquela revelação de Deus-justiça (para Pirulito ficou Deus-vingança) e o temor de Deus invadiu o seu coração e se misturou ao amor de Deus. Suas orações foram mais longas, o terror do Inferno se misturava à beleza de Deus. Jejuava dias inteiros e sua face ficou macilenta como a de um anacoreta. Tinha olhos de místico e pensava ver Deus nas noites de sonhos. Por isso conservava seus olhos afastados das nádegas e seios das negrinhas que andavam como que dançando ante os olhos de todos nas ruas pobres da cidade. Sua esperança era um dia ser sacerdote do seu Deus, viver só para a sua contemplação, viver só para ele. A bondade de Deus fazia com que ele esperasse consegui-lo. O temor de Deus vingando-se dos pecados de Pirulito fazia com que ele desesperasse.

E é esse amor e esse temor que fazem Pirulito indeciso ante a vitrina nesta hora de meio-dia,

cheia de beleza. O sol é branco e claro, as flores desabrocharam no jardim, vem uma calma e uma paz de todos os lados. Mas mais belo que tudo é a imagem da Conceição com o Menino, que está na prateleira daquela loja de uma só porta. Na vitrina, quadros de santos, livros de orações em encadernações luxuosas, terços de ouro, relicários de prata. Mas dentro, bem na ponta da prateleira, que chega até à porta, a imagem da Virgem da Conceição estende o Menino para Pirulito. Pirulito pensa que a Virgem está a lhe entregar Deus, Deus criança e nu, pobre como Pirulito. O escultor fez o Menino magro e a Virgem triste da magreza do seu Menino, a mostrá-lo aos homens gordos e ricos. Por isso a imagem está ali e não se vende. O Menino, nas imagens, é sempre gordo, um ar de menino rico, um Deus Rico. Ali é um Deus Pobre, um menino pobre, mesmo igual a Pirulito, ainda mais igual àqueles mais novos do grupo, exactamente igual a um de colo, de poucos meses de idade, que ficou abandonado na rua no dia que sua mãe morreu de um ataque quando o levava nos braços, e que João Grande trouxe para o trapiche, onde ficou até o fim da tarde (os meninos vinham e espiavam e riam do Professor e do grande, afobados para arranjar leite e água para o bebé), quando a mãe-de-santo Don'Aninha viera e o levava consigo, recostado ao seu seio. Só que aquele era um menino negro e o Menino é branco. No mais a parecência é absoluta. Até uma cara de choro tem o Menino, magro e pobre, nos braços da Virgem. E esta o oferece a Pirulito, aos carinhos de Pirulito, ao amor de Pirulito. Lá fora o dia é lindo, o sol é brando, as flores desabrocham. Só o Menino tem fome e frio neste dia. Pirulito o levará consigo para o trapiche dos Capitães da areia. Rezará para ele, cuidará dele, o alimentará com seu amor. Não vêem que, ao contrário de todas as imagens, ele não está preso nos braços da Virgem, está solto nas suas mãos, ela o está oferecendo ao carinho de Pirulito? Ele dá um passo. Dentro da loja só uma senhorita espera os fregueses, pintando os lábios com uma nova marca de baton. É fácilimo levar o Menino. Pirulito estende o pé noutro passo, mas o temor de Deus o assalta. E fica parado, pensando.

Ele tinha jurado a Deus, no seu temor, que só furtaria para comer ou quando fosse uma coisa ordenada pelas leis do grupo, um assalto para o qual fosse indicado por Pedro Bala. Porque ele pensava que trair as leis (nunca tinham sido escritas, mas existiam na consciência de cada um deles) dos Capitães da Areia era um pecado também. E agora ia furtar só para ter o Menino consigo, alimentá-lo com carinho. Era um pecado, não era para comer, nem era para cumprir as leis do grupo. Ia furtar para ter o Menino consigo, alimentá-lo com seu carinho. Era um pecado, não era para comer, para matar o frio. Deus era justo e o castigaria, lhe daria o fogo do Inferno. Suas carnes arderiam, suas mãos que levassem o Menino queimariam durante uma vida que nunca acabava. O Menino era do dono da loja. Mas o dono da loja tinha tantos Meninos, e todos gordos e rosados, não iria sentir falta de um só, e de um magro e friorento! Os outros estavam com o ventre envolto em panos caros, sempre panos azuis, mas de rica fazenda. Este estava totalmente nu, tinha frio no ventre, era magro, nem do escultor tivera carinho. E a Virgem o oferecia a Pirulito, o Menino estava solto nos braços dela... O dono da loja tinha tantos Meninos, tantos... Que falta lhe faria

este? Talvez nem se importasse, talvez até se risse quando soubesse que haviam furtado aquele Menino que nunca tinha conseguido vender, que estava solto nos braços da Virgem, diante do qual as beatas, que vinham comprar, diziam horrorizadas:

— Este não... Ele é tão feio, Deus me perdoe... E ainda por cima solto nos braços de Nossa Senhora. Cai no chão e pronto. Esse não...

E o Menino ia ficando. A Virgem o oferecia ao carinho dos que passavam, mas ninguém o queria. As beatas não queriam levá-lo para os seus oratórios, onde havia Meninos calçados de sandálias de ouro, com coroa de ouro na cabeça. Só Pirulito viu que o Menino tinha fome e sede, tinha frio também e quis levá-lo. Mas Pirulito não tinha dinheiro e tão pouco tinha o costume de comprar as coisas. Pirulito podia levá-lo consigo, podia dar ao Menino que comer, que beber, que vestir, tudo tirado do seu amor a Deus. Mas se o fizesse, Deus o castigaria, o fogo do Inferno comeria, durante uma vida que nunca acabava, suas mãos que levassem o Menino. Então Pirulito lembrou-se que só o pensar já era pecado. Que se pecava só de pensar em cometer o pecado. O frade alemão dissera que muitas vezes se estava pecando e nem se sabia, porque estava pecando com o pensamento. Pirulito estava pecando, sentiu que estava pecando, teve medo de Deus e deitou a correr para não continuar a pecar. Mas não correu muito, ficou na esquina, não pôde se afastar para longe da imagem. Olhou outras vitrinas, assim não pecava. Meteu as mãos no bolso (prendia as mãos...), desviou o pensamento. Mas agora os homens que volviam ao trabalho após o almoço passavam na sua frente e um pensamento o assaltou: dentro em pouco os outros empregados da loja voltariam e então seria impossível levar o Menino. Seria impossível... E Pirulito voltou para a frente da loja de objectos religiosos.

Lá estava o Menino e a Virgem o oferecia a Pirulito. Um relógio deu a primeira hora da tarde. Não tardariam a voltar os outros empregados. Quantos seriam? Mesmo que fosse somente um, a loja era tão pequena que ficaria impossível levar o Menino. Parece que é a Virgem que está lhe dizendo isso. Que é a Virgem a lhe dizer que se ele não levar o Menino agora não poderá levar mais, parece que ela está mesmo dizendo isso. E com certeza foi ela, sim, foi ela, quem fez com que a senhorita entrasse pela cortina que tem no fundo da loja e a deixasse sozinha. Sim, foi a Virgem, que agora estende o Menino para Pirulito o quanto podem seus braços e o chama com sua doce voz:

— Leve e cuide dele... Cuide bem...

Pirulito avança. Vê o Inferno, o castigo de Deus, suas mãos e sua cabeça a arder uma vida que nunca acaba. Mas sacode o corpo como que jogando longe a visão, recebe o Menino que a Virgem lhe entrega, o encosta ao peito e desaparece na rua.

Não olha o Menino. Mas sente que agora, encostado ao seu peito, o Menino sorri, não tem mais fome, nem sede, nem frio. Sorri o Menino como sorria o negrinho de poucos meses quando se

encontrou no trapiche e viu que João Grande lhe dava leite às colheradas com suas mãos enormes, enquanto o Professor o sustinha encostado ao calor do seu peito. Assim sorri o Menino.

Jorge Amado

Manuela Fonseca e outros (org.)
Lá longe, a paz
Porto, Edições Afrontamento, 2001

Esta gente

Esta gente cujo rosto

Às vezes luminoso

E outras vezes tosco

Ora me lembra escravos

Ora me lembra reis

Faz renascer meu gosto

De luta e de combate

Contra o abutre e a cobra

O porco e o milhafre

Pois a gente que tem

O rosto desenhado

Por paciência e fome

É a gente em quem

Um país ocupado

Escreve o seu nome

E em frente desta gente

Ignorada e pisada

Como a pedra do chão

E mais do que a pedra

Humilhada e calcada

Meu canto se renova

E recomeço a busca

Dum país liberto

Duma vida limpa

E dum tempo justo

Sophia de Mello Breyner Andresen

José Fanha (org.)
De palavra em punho

Como os outros

Queria tanto ser como os outros! Roubar compotas e biscoitos, ser comilão e travesso, intrépido e endiabrado. Esta ideia tornou-se uma obsessão para mim. Ao acentuar permanentemente as diferenças entre mim e os outros, os adultos só reforçavam o meu desgosto.

Um dia, quando íamos às compras, a minha mãe parou a falar com uma vizinha, no passeio estreito da padaria. Uma daquelas “cavaqueiras amenas” que eu detestava e que duravam horas.

Armado de toda a paciência, começava por admirar a montra. Mas uma pessoa cansa-se rapidamente dos croissants, dos pães com chocolate e dos *palmiers*. Se ao menos tivéssemos parado em frente da loja de brinquedos da rua da República! Puxei pela mão da minha mãe, que fez de conta que não era nada com ela, tão absorta na conversa que estava.

— O seu filho tem um ar tão bem-comportado! — admirou-se a vizinha, que recusava aperceber-se da minha impaciência. — Não é como o meu, um verdadeiro tornado! Não consegue estar quieto um segundo. Tem de estar sempre a correr e a saltar. Vê-se logo que é um rapaz!

“Também sou um rapaz”, pensei, enquanto olhava as nuvens a fazerem uma corrida no céu, para ver qual delas seria a primeira a tapar o sol. Tinha de me ocupar enquanto elas conversavam.

Finda a conversa, a minha mãe conduziu-me na direcção do talho, enquanto concluía:

— É verdade, o Éric é muito calmo.

O talhante, achando-se muito esperto, interpelou-me:

— Um bife para o nosso jovem? A carne vermelha é boa para os músculos e ajuda-te a ser homem.

Olhei para os meus pulsos magros e suspirei. Seria algum dia um homem? Tinha as minhas dúvidas. Quando tinha distribuído os músculos, a natureza esquecerá-se de mim.

Alguns passos mais e, diante da mercearia, uma senhora fez-me uma festa na cara:

— É tão gentil este menino. Tão doce. O meu mais velho é terrível. Só aprecia os desportos violentos. Vai ser como o pai, forte e desportivo.

Detestava estas ternuras falsas. Não era um animal que se elogia. Às vezes, virava a cabeça para escapar à mão enluvada que aprisionava as minhas narinas num odor de perfume enjoativo ou recuava a cara para escapar à marca que uns lábios carmesins iriam deixar-lhe e que nem

com saliva sairia.

Já devia estar habituado a estas situações. Era sempre a mesma coisa. A minha candura, a minha doçura e a minha pele aveludada atraíam as carícias.

— O Éric é muito dócil, é um sonhador. Nunca será um desportista — defendia-me a minha mãe, algumas lojas à frente, onde parara para conversar com alguém que não via há uma eternidade.

As mulheres são tão faladoras! Para comprar pão, carne, esparguete ou manteiga têm de estar sempre a falar: da ementa da véspera, das doenças dos filhos, das plantações do jardim ou das asneiras do cão.

— Que elegante que ele está, de calças e casaco. Nunca posso vestir o meu filho como deve ser, porque se enfia na lama mal sai de casa. É um lutador. Os rapazes são terríveis. Enfim, mostram que têm carácter.

O orgulho destas mães em relação aos seus rebentos insuportáveis exasperava-me. As suas reflexões insinuavam-se na minha mente e provocavam verdadeiros estragos. Para agradar às mães, era preciso gostar de andar à pancada! Eis uma conclusão catastrófica.

A minha mãe reiterou:

— O Éric não é endiabrado.

Acaso haveria uma certa pena na sua voz? Decepção? Estava farto de ser diferente. As mães davam-me como exemplo para fazerem boa figura, mas nas minhas costas chamavam-me medroso, ou pior, “um betinho”.

Mas que culpa tinha eu de gostar de jogos calmos? De estar quase sempre na lua? De não me divertir a sujar-me de propósito?

Até agora tinha vivido feliz no meu casulo de miúdo sonhador, mas, de repente, via-me obrigado a colocar-me certas questões desagradáveis. Será que devia comportar-me como os outros? Parecer-me com eles? Decalcar as minhas atitudes nas deles? Será que não tinha direito à diferença?

Era impossível forçar-me a ser o que não era ou a provocar uma luta. Mas, e se a mamã se sentisse decepcionada por não ter como filho um verdadeiro rapaz, um desportista? Ela tinha o direito de se sentir orgulhosa de mim. Se ter carácter era gostar de se sujar e andar à pancada, havia de lhes mostrar que também eu tinha carácter.

Da próxima vez que a minha mãe se cruzasse com uma vizinha, levantaria a cabeça com orgulho e diria:

— O Éric também tem uma personalidade forte. Ontem veio coberto de nódoas negras...

Durante alguns dias, dediquei-me à resolução deste dilema delicado: como obter um ar de “verdadeiro” rapaz. Não era fácil: é preciso ter nódoas, arranhões, canelas esfoladas, ossos partidos, cabelos hirsutos, ranho no nariz, dedos sujos, palavrões prontos a sair.

Um rapaz é um durão. Eu era um mole, conhecia os meus limites. Era inútil provocar um grandalhão sempre pronto para a bulha: deitava-me ao chão com uma estalada. Mas também estava fora de questão atacar um rapaz mais fraco: era ir contra o meu código de honra.

Eu tinha sentido moral. O sentido moral impede-nos de nos tornarmos uns crápulas, mesmo que isso signifique a nossa salvação. É uma barreira que quereríamos transpor, mas não o fazemos porque não é correcto. Bastava-me atacar o pequeno Marc para me sentir um fortalhaço. Porém, o meu sentido moral opunha-se a tal. Tinha de encontrar outra solução. Pela minha mãe.

Subitamente, tive uma ideia. Lutaria contra mim mesmo. Só tinha de pensar como o faria. Era uma forma de me assegurar de que não faria mal a ninguém e de que não receberia muitos sopapos.

Delineei um plano.

Às quatro e meia, à saída das aulas, fiquei para trás. Dirigi-me, num passo decidido, para uma poça de lama que rodeava a caixa de areia. Saltei para dentro dela e depois, para tornar o resultado mais espectacular, atirei-me ao chão e chafurdei à vontade. Que horror! A lama colou-se-me ao blusão, penetrou-me nos sapatos, salpicou-me a cara e empastou-me os cabelos. Quem diz luta diz golpe. Puxei pelo tecido dos calções. Com não conseguia rasgá-lo, agarrei numa pedra pontiaguda e rompi-os.

Faltava o mais difícil. Arranjar algumas mossas. Reflecti longamente neste problema, mas não havia soluções ideais. Era mesmo preciso levar pancada.

Escalei um muro de pedra e atirei-me para o chão. Que queda! Vieram-me as lágrimas aos olhos. Nada de choradeiras. Limpei a face com os dedos sujos de terra. Tinha dores. Um dos meus joelhos sangrava, o outro estava bem esfolado. Coxeava e apertava a ferida para tentar parar as fisgadas de dor que sentia.

Para compor o quadro, decidi roçar o pulover vermelho que a minha avó Marie me tinha oferecido no meu aniversário na roseira da entrada da escola. Arranhei as mãos e estraguei a camisola. Estava num lindo estado!

Será que devia aplaudir a minha transformação? Não sabia. Sentia-me infeliz. Mas não podia lamentar a minha sorte, já que outros faziam isto por prazer. Era, finalmente, um verdadeiro rapaz!

Saí a correr da escola: estava sujo, roto, pisado, ensanguentado, mas tinha o aspecto do

macho, do herói, do justiceiro.

Quando entrei em casa, gritei:

— Olha, mamã, andei à pancada como os outros!

A minha mãe não me felicitou. Antes me agrediu com palavras:

— Quem te pôs nesse estado? É uma vergonha. Vou falar com a mãe desse brutamontes. Não precisas de provocar os grandalhões...O pulover da avó está bom para o lixo... E os calções também...Vem cá, vou tratar do teu joelho. Assoa-te e lava a cara.

Nem uma só palavra para dizer que apreciava o meu novo estado de arruaceiro. Fiquei decepcionado.

O que iria ela contar à vizinha quando nos cruzássemos no passeio? As mulheres são complicadas. Como lhes agradar? Desisto. Eu nunca seria um durão!

Anne-Marie Desplat-Duc
Le Minus
Toulouse, Éditions Milan, 2002

Despacha-te

— Despacha-te — disse a minha mãe enquanto abria as portadas do meu quarto. — São oito horas!

Bolas! Estava a ter um sonho maravilhoso.

Sobre quê? Já não me lembro bem.

Este despertar sobressaltado apagara da minha memória as imagens idílicas. Estava tão bem...Estava no mar...Ah! Havia um grande veleiro branco.

Enfiei a cabeça nos cobertores e fechei os olhos, numa tentativa de encontrar a continuação deste filme fantástico. Era capitão de uma escuna que vogava rumo a terras maravilhosas, cheias de sol; terras onde as crianças brincam, pescam e nadam de manhã à noite...Mais alguns segundos e gritaria aos meus marinheiros: “ Preparar para atracar!”

— Éric, despacha-te! — insistiu a minha mãe, metendo a cabeça pela porta do meu quarto.

Abri os olhos, espreguicei-me, bocejei, pus um pé no chão, depois outro. Tudo isto muito devagar, para não ter de abandonar os mares do Sul depressa demais. Maquinalmente, enfiei os braços no roupão e dirigi-me à cozinha para tomar o pequeno-almoço. O meu olhar fixava ainda as palmeiras ao longe.

Dentro da minha tigela, o café com leite esperava-me.

Peguei nas torradas e mergulhei-as no líquido odorífero. Observei as crateras que se formavam à superfície, e que se aproximavam ou afastavam conforme os movimentos do meu pulso. Pus-me depois a imaginar os primeiros passos de um astronauta no seu café-lua. Cortei em seguida o pão em pequenos barcos, que fiz voltear com a minha colher, como se um ciclone os tivesse apanhado. Vagas enormes e castanhas submergiam o pão e transbordavam da tigela.

Tendo decidido que não haveria sobreviventes, engoli, uma a uma, as minhas embarcações.

Neste mesmo instante, uma abelha aventurou-se a explorar a compoteira. Com a boca cheia e uma colher em riste, observei-a, imóvel, enquanto ela se deleitava com o açúcar tingido de morango que escorria pelo bocal de vidro abaixo.

Detestava os insectos que picavam, que rastejavam, que zumbiam. O avô tinha-me ensinado que as abelhas só atacam se forem provocadas, mas eu não me sentia muito seguro.

Nem mexi uma sobrancelha.

Tudo me assustava.

Os insectos, os cães, as tempestades, os ruídos, uma sombra a mexer-se na parede, um rumorejar de folhas no bosque.

Estava em permanente alerta.

É claro que se fosse mais espadaúdo, teria menos medo.

Os corpulentos não têm medo de nada.

— Éric, já acabaste? — perguntou a minha mãe. — Despacha-te!

Apanhado em falta, fiz um gesto brusco e a abelha escapuliu-se pela janela.

Uf!

Molhei os lábios na bebida e fiz uma careta: já estava fria, como todas as manhãs.

A natureza inteira conspirava contra mim e fazia-me demorar. Um dia, uma mosca veio alisar as asas no rebordo da mesa e pôs-se a tricotar com as patinhas da frente. Que espectáculo! Um outro dia, um bando de pardais obrigou-me a levantar para arbitrar uma disputa entre eles. Tudo me chamava a atenção, fosse a cerejeira em flor que, na Primavera, agitava as mangas brancas por detrás da vidraça, ou o sol, que luzia cores de fogo, ouro, rosa e malva por detrás da colina de Prahines. Eu tinha todas as desculpas possíveis para não me poder despachar.

A culpa não era minha. Era preciso procurar outro culpado.

Não era que eu não me quisesse despachar: a verdade é que não sabia.

Para mim, rápido e lento não eram antónimos mas antes sinónimos (uma palavra nova que aprendi este ano, nas aulas). Eu não andava “devagar”. Andava como andava, sem poder ir mais depressa, já que não me dava conta de que ia devagar.

O tempo é o que é. Escoa-se sempre ao mesmo ritmo e eu vivo ao ritmo do tempo.

Ninguém diz à Terra: “Anda mais depressa”, mesmo quando queremos que o Inverno passe depressa. Ninguém diz à árvore: “Cresce mais depressa”, mesmo se queremos colher as cerejas no ano em que as plantamos. Porquê condenarmo-nos a andar depressa?

O meu espírito funcionava assim: sempre que me vinha uma ideia, os meus gestos detinham-se.

Por exemplo: uma manhã, a minha luva, cheia de espuma untuosa, já tinha passeado por metade da minha cara (sem todavia ter descido até ao pescoço, esforço especial que reservava só para os domingos) quando, subitamente, me pus a pensar nas férias. Centenas de projectos eclodiram na minha cabeça, impedindo a luva de se passear pela outra metade da cara. Estava a duzentos quilómetros da casa de banho, a construir uma cabana de ramos com o avô Ernest, que sugeria que atapetássemos o chão com folhas e que fizéssemos uma chaminé para o caso de

querermos assar castanhas, quando a minha mãe gritou:

— Despacha-te!

A bola de sabão do meu sonho estourou e enxaguei o sabão-chantilly que ornamentava uma das faces, sem ter lavado a outra.

Um minuto depois, ao colocar o dentífrico na escova, veio-me uma canção aos lábios.

Ora, não é possível lavar os dentes e assobiar ao mesmo tempo.

Estão a ver, a culpa não é minha!

Se esta melodia não me tivesse entrado na cabeça, tinha lavado os dentes em cinco minutos. Mas um refrão aprisionado na cabeça não se sente feliz e tive de lhe dar livre curso.

A minha mão direita esperava que ele fosse embora para poder escovar os minúsculos dentes de leite, evitar os buracos deixados pelos que haviam já desaparecido, e aflorar o dente grande que emergia da gengiva.

— Despacha-te! — repetiu a minha mãe.

Nem me penteiei. Também não era preciso: era impossível domar a espiga que se erguia no cimo da minha cabeça.

Para me “despachar”, corri para o quarto para me vestir. De gatas, procurei as peúgas debaixo da cama, da cómoda ou do armário. Debaixo deste, descobri o berlinde que pensava ter perdido.

Que boa surpresa!

Mirei-o e remirei-o para admirar a cor.

Juro que já não me lembrava do seu reflexo azul tão vivo.

Além do mais, este berlinde dava-me sorte. Ia pô-lo na pasta, quando a minha mãe ralhou:

— Éric, não é possível! Fazes de propósito! Ainda nem sequer estás vestido!

Não, não fazia de propósito.

Os elementos conspiravam contra mim.

Era culpa minha se, naquele preciso momento, tinha encontrado o meu berlinde caprichoso?

E enfim, entre as oito e as oito e meia, decorrem trinta pequenos minutos que têm um prazer malicioso em se escoar a toda a velocidade, enquanto que, durante as aulas de matemática, esses mesmos minutos se colam uns aos outros, contando e recontando os seus sessenta segundos.

Para evitar um novo sermão, tentei acelerar os movimentos, o que deu um péssimo resultado.

Meti os dois pés na mesma perna da calça, abotoei a camisa ao contrário, enfiei o pullover de trás para a frente.

Enervei-me, praguejei, enfureci-me.

Andar depressa faz-me perder tempo e obriga-me a recomeçar tudo duas ou três vezes. Se fizesse tudo no meu ritmo, conseguia à primeira.

Não há pressa!

Pus-me diante do espelho e ensaiei algumas caretas destinadas a impressionar alguns gandulas que as faziam bem piores. Mas, mesmo esticando os lábios, alisando o nariz, ou fazendo um olho estrábico, não consegui um ar feroz. Tentei piscar os olhos, gesto às vezes útil nas aulas, mas só conseguia fechar os dois ao mesmo tempo.

Finalmente, enfiei o blusão e beijei a minha mãe, que me empurrou dizendo:

— Despacha-te!

Desatei a correr. Depois, caminhei pelo passeio fora, a olhar em frente. De repente, sem querer, o meu passo abrandou, e tornei-me sonhador e ocioso à medida que me afastava de casa.

Comecei a respirar melhor.

Todo o meu ser se distendia.

O meu olhar ia de uma árvore em flor para uma nuvem estranha no céu. Parei para acariciar com a mão um carro estacionado e um gato a fazer a sua higiene junto de um portão.

Relaxava no espaço-tempo que era finalmente meu.

De repente, pareceu-me ouvir: “Despacha-te!”

Virei-me. Não havia ninguém.

Suspirei e desatei a correr, com a pasta a balouçar nas minhas costas.

Anne-Marie Desplat-Duc
Le Minus
Toulouse, Éditions Milan, 2002

O noivo

Oito escritores da ex-Jugoslávia e oito escritores dos Países-Baixos e da Bélgica travaram relações de amizade entre si e em conjunto escrevem contos e poemas
O noivo conta a história de um rapaz que foge com a mãe da guerra na Bósnia.

Se vivesse num país devastado a ferro e fogo, não conseguiria compreender que uma história me entrasse assim, sem mais nem menos, pela janela do meu quarto. Como uma espécie de visão vinda de um outro mundo. Ficaria com certeza espantado. Talvez já nem me lembrasse que existiam outros países, e pensasse apenas na minha própria terra. Por isso esta minha história tem de ser uma boa história.

Alem andava no segundo ano do primeiro ciclo quando a guerra começou, não começou assim simplesmente, mas rebentou – e quando a guerra rebenta, ela dispara tiros para todo o lado, para pessoas e edifícios, incendeia casas e árvores e envenena a água. A guerra leva as pessoas a defenderem-se da melhor maneira que puderem. Leva-as a fugirem, a esconderem-se, a gritarem. Faz com que pessoas morram antes de ter chegado para elas a altura própria.

No abrigo subterrâneo a tia Biba deitava por vezes as cartas à luz da candeia, porque a guerra também faz com que falhe a luz eléctrica. Todos queriam que Biba visse nas cartas se continuariam a viver.

Não sou Deus! — dizia-lhes Biba. — Não é isso que quero ver para vocês nas cartas. E só hei-de deitá-las àqueles que estão interessados no amor. Cada um de vocês tem de me dizer com franqueza o que quer saber. Mas tem de dizer respeito ao amor ou à paixão, claro.

Era isto que Biba dizia. Todos os que vinham vê-la para que lhes adivinhasse o futuro diziam que queriam saber isto ou aquilo... mas a verdade é que só pensavam se eles próprios ou os que lhes eram queridos sobreviveriam à guerra.

Alem pediu a Biba que indagasse se ele seria feliz quando casasse, e se a sua futura mulher ia ser linda.

Biba olhou para ele e disse:

— Ora vejam-me bem como isto anda, então tu não sabes que idade tens? Ainda és um catraio e já pensas em casar!

— Por favor, tia Biba — disse Alem — gostava tanto de saber! Gostava tanto de ter uma mulher bonita!

— Está bem, meu filho — suspirou Biba, e começou a deitar as cartas. Alem arregalou muito os olhos e observava as cartas como se também fosse muito entendido nessas coisas.

— A tua mãe há-de achar uma rapariga bonita para ti e há-de arranjar o vosso casamento. Vais viver para o estrangeiro. Hás-de ter uma data de filhos — disse-lhe Biba.

Alem exultou de felicidade. E todos no abrigo subterrâneo se riram dele.

Nesse instante, decidiu no seu foro interior: Eu hei-de um dia ter filhos, ora isso quer portanto dizer que vou ser adulto. E que continuo a viver.

— Vou sobreviver. Hei-de continuar a viver. E a jogar futebol...

A partir de então passaram a chamar-lhe o noivo.

A mãe metia-se com ele:

— Ora olhem bem para este meu noivo...

Alguns dias mais tarde faleceu o seu avô. Ia de bicicleta, quando uma mina explodiu perto dele. O choque foi tal que o fez cair da bicicleta. Em redor do seu corpo sem vida acharam batatas, que trazia para os netos num cesto.

Quando a mãe de Alem soube disso, tomou a decisão de fugir com os filhos daquele inferno. Porque a guerra é o inferno aqui na terra.

Por vezes, a mãe deixava Alem e o seu irmão Amir sozinhos no abrigo. Ia então de repartição em repartição pedir autorização para sair do país com os filhos e ir para um lugar onde não matassem pessoas.

Nessas alturas, Alem e Amir ficavam o tempo todo de orelhas arrebitadas à espera. E perguntavam-se a si mesmos se a mãe já teria conseguido arranjar alguma coisa. Imploravam a Deus que ela não fosse atingida por uma bala. Passados uns meses receberam os papéis para partirem para o estrangeiro. Foram de camioneta. Ouviam-se disparos de tiros e explodiam bombas. Depois cessaram os tiros. Estavam em território livre. Continuaram a viagem, cansados e ensonados.

De repente, apareceu algo de resplandecente: uma princesa muito, muito alta veio ter com Alem. Era tão bela como a sua mãe. Retirou a mão que até então mantivera sob o véu branco e transparente, e acariciou-lhe o cabelo.

— Tu vais ser o meu favorito. Aqui tens uma bola dourada. Vamos fazer uma equipa completa para ti com os melhores jogadores. Vocês vão jogar desafios de futebol em todos os estádios do mundo. E hão-de ganhar sempre.

— Mas, princesa, eu prefiro uma bola normal, uma igual àquela com que o meu amigo Mário

e eu jogávamos tantas vezes. Até chegámos a jogar no apartamento dele, havia lá na parede um quadro com a figura de Jesus, e então eu olhava para o quadro e tinha medo que déssemos cabo de alguma coisa. Mário piscava-me o olho, a mim e a Jesus. Mário morreu quando a mãe ia com ele ao médico para uma consulta. Ele andava com muita tosse. Dá-lhe de novo a vida, princesa. Foi com ele que mais gostei de brincar.

Alem olhou para o céu, onde, lentamente, um grande tapete voador se punha em marcha. Estava a abarrotar de gente.

— Quem são vocês? — perguntou-lhes quando reparou que ele próprio também estava a voar.

— Somos os habitantes de uma cidade sitiada. Da tua cidade.

Alem olhou com mais atenção, e viu no outro extremo o seu amigo Mário, sentado...

— Alem, Alem — era a mãe a chamá-lo. Tinham de mudar de camioneta. Tinham de atravessar mais uma ou outra fronteira...

Bisera Alikadić

Manuela Fonseca e outros (org.)
Lá longe, a paz
Porto, Edições Afrontamento, 2001

O vírus do preconceito

A primeira vez que vi Mustafá foi no hospital onde acabava de fazer o meu trabalho de jornalista: entrevistar pessoas. A guerra terminara há pouco.

Entrou passo a passo na sala de reabilitação. Andava muito devagar, com dificuldade, e parecia bem mais velho do que os seus cinquenta anos.

Sentado em cima de um colchão de espuma, com as costas direitas, começou os exercícios: levantar acima da cabeça pequenos halteres de ferro fundido. O esforço era tão grande que os olhos se lhe enchiam de lágrimas. A respiração ofegante ressoava no silêncio da sala. Ao ver aquelas pernas rígidas e sem vida, como dois pedaços de madeira que faziam ângulo recto com o seu corpo, pensei numa marioneta desarticulada.

Apresentei-me e perguntei-lhe se aceitaria responder às minhas perguntas e dizer-me como tinha ido parar à ala dos deficientes motores do hospital Koševo de Sarajevo.

— Com certeza — respondeu-me a sorrir.

Eis o que me contou:

Antes da guerra, era lixeiro. Quando os bombardeamentos começaram, ficou desempregado. A administração municipal não funcionava e, embora os recipientes do lixo se amontoassem nas ruas da cidade sitiada, ele deixara de ter possibilidades de fazer o seu trabalho. Os combates intensificaram-se, e Mustafá passava a maior parte do seu tempo fechado em casa, com a mulher. Viviam no bairro do aeroporto, perto de uma linha da frente, onde a guerra estalara com uma violência muito particular. Para não arriscarem a vida, só saíam à noite.

Apesar dessas precauções, numa noite de Setembro de 1993, Mustafá foi atingido com uma bala nas costas à entrada do prédio. Tinha sido alvejado por um atirador.

— Tudo estava tão calmo — disse-me ele. — E de repente, pum! Deviam ser duas horas da manhã. O tipo que me fez isto tinha de certeza uma espingarda com infravermelhos. São práticas, permitem ver como em pleno dia. Acertou-me como se eu fosse um coelho, bem no meio das costas...

Voltei várias vezes ao hospital para ver Mustafá. Um dia, como lhe perguntasse o que tencionava fazer agora que a guerra terminara, olhou-me com ar incrédulo. A pergunta parecia-lhe absurda.

— A minha vida ficou estragada — respondeu-me. — A guerra deu cabo de mim.

Falava com uma voz monocórdica, como se fosse uma coisa evidente e não devesse

inspirar nenhum tipo de compaixão.

Enquanto conversava com Mustafá, não parava de pensar na bala de espingarda que retirara da parede do meu apartamento. Um dia, de regresso a casa, fui encontrá-la cravada na parede. Por mero acaso não atingira o alvo: é que eu tinha saído. Tratava-se de um pequeno pedaço de metal brilhante e pontiagudo, exactamente igual àquele que se tinha alojado na coluna vertebral do meu interlocutor.

Voltei-me para a janela e olhei o céu cor de cinza. Respirei durante um bom momento e, antes de me virar para ele, retomei o meu ar de jornalista, o meu rosto profissional, como que talhado na pedra. Era todos os dias a mesma coisa: a tristeza das pessoas, a tragédia renovada das suas histórias pessoais. Nas ruas, os prédios conservavam as marcas, as cicatrizes do desastre que acabara de acontecer. E, pouco a pouco, apesar dos meus esforços, a tragédia dos outros infiltrava-se em mim, como por osmose. Os meus colegas ou amigos estrangeiros perguntavam-me com frequência: “Houve algum momento em que tenhas sentido medo?” Algum momento?... Não me lembro de um instante em que não tivesse tido medo. E, em certa medida, ainda hoje tenho.

Porque as perguntas que me fiz a mim próprio durante esta guerra não tinham quase nada a ver com a história da Jugoslávia, nem com a política internacional, que é, no entanto, a minha especialidade. A verdadeira pergunta, aquela que me obcecava, era a seguinte: como pode um ser humano fazer isto a outro ser humano?

Trata-se apenas de uma pergunta, e quem não conheceu o desastre e o horror da guerra poderá julgá-la ingénua. Porém, depois de tudo o que passei, afirmo que esta é a única questão que merece ser colocada.

Não temos necessidade de ler livros ou relatos sobre a história dos Balcãs para compreender o que se passou na Bósnia. Não temos necessidade de falar bósnio ou servo-croata. Basta, por exemplo, pensarmos em Mustafá e perguntarmo-nos: “Como é possível que, numa noite de Setembro, um atirador furtivo o tivesse atingido com uma bala nas costas?”

A resposta dá-se numa palavra: preconceito.

O preconceito, aquela paixão cega que pode transformar qualquer um de nós num assassino, é uma doença social que existe provavelmente desde a origem das sociedades. Será necessário enumerar as suas terríveis consequências? Os campos de concentração nazis, o genocídio dos arménios, as violências étnicas no Ruanda, a violência religiosa na Índia, na Irlanda, na Indonésia, a violência urbana diária nos Estados Unidos.

Por toda a parte, seres humanos massacram outros seres humanos sob o pretexto de que a língua destes, a cor da pele, a religião, são diferentes das suas. E os homens políticos bem

podem proclamar “Nunca mais”, que o mal sempre regressa. Desta vez, na Bósnia. Este país – o meu país – fica doravante a fazer parte da lista daquelas regiões “malditas”, marcadas pelas devastações da guerra.

Vejo o preconceito como um vírus mortal que ameaça infectar todos os cérebros humanos deste planeta. O funcionamento do vírus é simples: precisa de um organismo onde possa desenvolver-se, e também precisa de vítimas.

Na Bósnia, as vítimas foram inumeráveis. O meu amigo Davor, por exemplo. Era estudante de medicina dentária quando o “vírus do preconceito” o atingiu. Era um bósnio croata, de religião católica. A família dele, tal como a minha, estava implantada em Sarajevo há quinhentos anos. A 8 de Outubro de 1994, soldados bósnio-sérvios dispararam tiros de metralhadora contra um eléctrico cheio de civis. Houve dois mortos e sete feridos, entre os quais Davor. Uma bala atravessou-lhe o braço direito, deixando-o paralisado e marcado com uma horrorosa cicatriz púrpura.

— Não percebi que estava ferido até ao momento em que vi a minha mão cheia de sangue — contava-me Davor. — E sabes uma coisa? Pior do que a dor, tinha uma pergunta a martelar-me a cabeça: porque é que eles me fizeram aquilo? Não estava no exército. Nem sequer os conhecia.

Ao evocarmos o fim da guerra, a “protecção” que a NATO tinha decidido conceder-nos, baixou a voz:

— Não tenho confiança nesta paz. Quero ir-me embora. Os meus pais recusam exilar-se, dizem que a nossa família se estabeleceu em Sarajevo há já muito tempo. Mas eu vou partir. Quero recomeçar a minha vida longe de tudo isto.

Não disse nada a Davor, mas perguntei-me se seria de facto possível encontrar uma terra prometida onde escapar ao “vírus do preconceito”. Recordo-me bem demais das minhas viagens ao estrangeiro. Daquele amigo australiano instalado em Londres, que me dizia: – Se vir um negro pôr um pé no meu relvado, dou-lhe um tiro. Ou daquela cena que testemunhei numa rua de Toulouse: dois rapazitos negros a perseguirem uma jovem, chamando-lhe branca mal-cheirosa... Por toda a Europa, a linguagem está contaminada pelo preconceito. Há o “negro”, a “mal-cheirosa”, o “judeu”, o “árabe nojento” ou o “chinoca”.

Antes da guerra, costumava encolher os ombros quando ouvia esta linguagem injuriosa. Dizia para comigo que as coisas eram assim mesmo, que muitas vezes as palavras ultrapassavam o pensamento, mas que, pelo menos na Europa, a situação nunca poderia degenerar. Mas pôde. Chegou até nós, na Bósnia, e também àquela pequena região que, não há muito, fazia parte do meu país: o Kosovo.

A guerra dos preconceitos faz vítimas em todo o lado. Deixa atrás de si feridos, estropiados para o resto da vida, e deixa também aqueles a quem se dá o nome de “refugiados”, um termo que se vulgarizou, e é usado para descrever o drama das pessoas que nunca mais poderão voltar para casa.

Lembro-me de Sandra, aquela jovem habitante de Sarajevo, de origem sérvia, que recusava todos os nacionalismos. Durante a guerra, os pais tinham deixado o apartamento deles no centro da cidade para se refugiarem no bairro de Grbavica, dominado pelo exército bósnio-sérvio, na esperança de escaparem às balas e aos obuses. Parece que estou a vê-la naqueles últimos dias de guerra, a tremer dentro de um velho casaco do exército, à espera de ser revistada pelos militares, para entrar no centro de Sarajevo e visitar os amigos do liceu que não via há três anos. Mal sabia o que o futuro lhe reservava. A família não podia ir viver para a Sérvia: sem dinheiro, sem parentes que os acolhessem, estavam condenados à errância.

— Hoje em dia, em Grbavica, as pessoas estão com medo — dizia-me. — Sentem-se ameaçadas. Não acreditam que o governo muçulmano vá protegê-las. Toda a gente está a fugir para as montanhas... Não sei o que fazer.

No dia seguinte, soube da notícia: os residentes sérvios de Grbavica tinham sido atacados por milícias sérvias nacionalistas, que lhes ordenaram que deixassem a cidade antes do governo bósnio voltar a tomar posse daquele bairro. Incendiavam os apartamentos e, sob a ameaça das armas, forçavam, uma vez mais, as famílias a exilar-se. O preconceito, nascido do medo e do pretexto de defender os interesses de um determinado grupo, estava a virar-se contra os seus próprios princípios! Nacionalistas sérvios destruíam casas sérvias e agrediam cidadãos sérvios para os “proteger”... de quê, na verdade? Do mal que lhes poderia fazer um governo de predominância muçulmana?

Julgo que aquele momento foi um *summum* de estupidez no meio de toda aquela loucura assassina...

Ainda hoje, a paisagem conserva as marcas: casas demolidas, aldeias inteiras riscadas do mapa, terras até há pouco cultivadas e de ora em diante desertas, campos fantasmas, infra-estruturas destruídas... O nosso país ficou mutilado como um ferido de guerra. Foi destruído, não por um ciclone ou um tremor de terra, mas pelo ódio dos homens.

E não consigo deixar de pensar em Mustafá.

Não tinha ligações políticas. Apesar da sua origem muçulmana, e tal como muitos muçulmanos da Bósnia, nem praticante era. Era apenas um lixeiro da Jugoslávia socialista que, depois da Bósnia ter proclamado a sua independência, estava prestes a ser um lixeiro da República da Bósnia.

Mas, um belo dia, um atirador cego pelo preconceito, transtornado pela ideia de que a identidade ou a fé do outro pudessem ameaçar a sua causa nacionalista, fez bascular o destino. Empunhou a arma, disparou e transformou Mustafá num enfermo.

No momento em que escrevo estas linhas, Mustafá deve estar a dormir na sua cama de hospital. Acordará amanhã de manhã, para fazer, como todos os dias, os seus dolorosos exercícios de reeducação. Mas, apesar de todos os esforços, nunca mais voltará a andar. Ficou paralítico para toda a vida.

Outra vítima de uma nação, mais uma, atingida pelo vírus do preconceito.

S. K.

Traduzido do inglês por Marianne Costa.

Atelier Post-Scriptum
Une guerre en Europe
Paris, Hachette Jeunesse, 1999



Menina dos olhos tristes

Menina dos olhos tristes,
O que tanto a faz chorar?
O soldadinho não volta
Do outro lado do mar

Senhora de olhos cansados,
Porque a fadiga o tear?
O soldadinho não volta
Do outro lado do mar.

Vamos, senhor pensativo,
Olhe o cachimbo a apagar.
O soldadinho não volta
Do outro lado do mar.

Anda bem triste o amigo,
Uma carta o fez chorar.
— O soldadinho não volta
Do outro lado do mar.

A Lua que é viajante,
É que nos pode informar.
O soldadinho não volta
Do outro lado do mar.

O soldadinho já volta
Está quase mesmo a chegar.
Vem numa caixa de pinho.
Desta vez o soldadinho
Nunca mais se faz ao mar.

Reinaldo Ferreira

Porto, Edições Afrontamento, 2001

Erva

Empilhem os corpos em Austerlitz e Waterloo.

Acamem-nos bem e deixem-me trabalhar –

Eu sou a erva; eu cubro tudo.

E empilhem-nos também em Gettysburg;

Empilhem-nos em Ypres e Verdun.

Acamem-nos bem e deixem-me trabalhar.

Dois anos, dez anos, e os passageiros perguntam ao motorista:

Que lugar é este?

Onde é que estamos?

Eu sou a erva.

Deixem-me trabalhar.

Carl Sandburq

Porto, Edições Afrontamento, 2001

Pim-Pam-Pum

PIM-PAM-PUM
cada bala mata um

Mas se a bala não matar
não há problema nenhum
podemo-los estrangular
com a fome ou com a prisão
com o frio
com o segredo
com o degredo
com a tristeza
com o bafio
ou
com o medo.

José Fanha

José Fanha (org.)
De palavra em punho

Cantilena

Cortaram as asas
ao rouxinol.

Rouxinol sem asas
não pode voar.

Quebraram-te o bico,
rouxinol!

Rouxinol sem bico
não pode cantar.

Que ao menos a Noite
ninguém, rouxinol,
ta queira roubar.

Rouxinol sem Noite
não pode viver.

Sebastião da Gama

Porto, Edições Afrontamento, 2001

Little Boy

Little Boy debateu-se com uma fúria tal
que à sua volta e até uma grande distância
todas as casas e árvores
e sonhos e ratos
e pessoas...
ficaram destruídos.

Assim lhe fora ensinado.

Adultos?

Não se pode deixá-los sozinhos um só instante
senão dão cabo de uma ou outra coisa.

Ou de alguém.

Daniel Billiet

O poema Little Boy contém referências implícitas à bomba atômica que caiu em Hiroxima em 1945.

Manuela Fonseca e outros (org.)
Lá longe, a paz
Porto, Edições Afrontamento, 2001

Palavras em vão

Um nobre dinamarquês levou muito tempo a regressar ao seu país, depois de uma peregrinação à Terra Santa. Na viagem soube de muitas histórias, entre as quais a da morte, na costa africana, de um nativo e de um marinheiro português. Aconteceu que, no contacto entre eles, as palavras lhes faltaram, e não entenderam os gestos um do outro. Então, em movimentos defensivos, mataram-se com as próprias armas.

Um dia (...) [o cavaleiro] teve desejo de ir mais longe, de ir até às terras desconhecidas que surgiam do mar. Então resolveu alistar-se nas expedições portuguesas que navegavam para o sul à procura de novos países. Veio a Lisboa e aí embarcou numa caravela que partia a reconhecer e a explorar as costas de África.

Seguiram das margens do Tejo para as Canárias, onde pararam alguns dias. Depois continuaram viagem, aproximaram-se da terra africana, dobraram o cabo Bojador e seguiram, à vista das costas desertas, queimadas pelo sol, sem árvores, e sem homens. Junto ao cabo Branco ancoraram o navio num abrigo formado por altos penedos. Então homens de pele sombria, envolvidos em mantos flutuantes e montados em camelos, vieram à orla da praia negociar com os portugueses. E as caravelas continuaram a navegar para o sul, muito para o sul. Uma brisa constante inchava as grandes velas e os mastros e os cabos gemiam docemente. Até que, para além das intermináveis costas nuas e vazias, sem árvores e sem sombra, surgiram as primeiras palmeiras. Depois começaram a aparecer espessas e verdes florestas que cobriam toda a terra desde as praias brancas até aos distantes montes azulados. E dessas florestas surgiram homens nus e negros que embarcavam em pirogas e rodeavam os navios. Os marinheiros portugueses traziam ordem de se entenderem com eles. Mas isto era difícil. Em geral as pirogas não chegavam ao alcance dos navios e outras vezes mesmo os negros desapareciam entre o arvoredo mal as caravelas ancoravam. Então os marinheiros que desembarcavam eram recebidos com flechas envenenadas dos homens escondidos.

Porém, havia paragens onde os africanos e os portugueses já se conheciam e negociavam. E às vezes, em lugares da costa onde nunca um navio tinha parado, acontecia serem acolhidos com festa e alvoroço. Então, bailando e cantando, os negros vinham ao encontro dos navegadores que, para corresponderem ao bom acolhimento, bailavam e dançavam também à moda da sua terra.

Mas o entendimento entre ambas as partes, muita vez, pouco mais avançava, pois uns e outros não entendiam as respectivas linguagens e mesmo os intérpretes berberes não conheciam a fala usada em tão longínquas paragens. Este desentendimento das línguas foi a causa de muitas mortes e combates. Assim um dia a caravela ancorou em frente duma larga e bela baía rodeada de

maravilhosos arvoredos. Na longa praia de areia branca e fina um pequeno grupo de negros espreitava o navio. Então o capitão resolveu mandar a terra dois batéis com homens para que tentassem estabelecer contacto com os africanos. Mas logo que os batéis tocaram na areia os negros fugiram e desapareceram no arvoredo.

— Talvez tenham tido medo por ver que nós somos muitos e eles são poucos — disse um português chamado Pêro Dias.

E pediu aos seus companheiros que lhe deixassem um batel e embarcassem todos no outro e se afastassem da praia. Mas os companheiros acharam este plano tão arriscado que não o quiseram aceitar. Porém, Pêro Dias insistiu tanto que eles acabaram por fazer como ele pedia e remaram para o largo.

O português, mal ficou sozinho, caminhou até meio da praia e ali colocou panos coloridos que tinham trazido como presente. Depois recuou até à orla do mar, encostou-se ao batel que ficara e esperou. Ao cabo de algum tempo saiu da floresta um homem que trazia na mão uma lança longa e fina e avançava negro e nu na claridade da praia. Avançava passo por passo, lentamente, vigiando os gestos do homem branco que junto do batel continuava imóvel. Quando chegou perto dos panos, parou e examinou com alvoroço a oferta. Depois ergueu a cabeça, encarou o português e sorriu. Este sorriu também e avançou uns passos. Houve uma pequena pausa. Depois, num acordo mútuo, os dois homens, sorrindo, caminharam ao encontro um do outro. Quando entre eles ficaram só seis passos de distância, pararam.

— Quero paz contigo — disse o branco na sua língua.

O negro sorriu e respondeu três palavras desconhecidas.

— Quero paz contigo — disse o branco em árabe.

O negro tornou a rir e tornou a repetir as palavras ininteligíveis.

— Quero paz contigo — disse o branco em berbere.

O negro sorriu de novo e mais uma vez respondeu as três palavras exóticas.

Então Pêro Dias começou a falar por gestos. Fez o gesto de beber e o negro apontou-lhe a floresta. Fez o gesto de comer e o negro apontou-lhe a floresta. Com um gesto de convite o marinheiro apontou o seu batel.

Mas o negro sacudiu a cabeça e recuou um passo. Vendo-o retrair-se o português, para voltar a estabelecer a confiança, começou a cantar e dançar. O outro, com grandes saltos, cantos e risos, seguiu o seu exemplo. Em frente um do outro bailaram algum tempo. Mas no ardor do baile e da mímica Pêro Dias ergueu no ar a sua espada, que faiscou ao sol. O brilho assustou o nativo, que deu um pulo para trás e estremeceu. Pêro Dias fez um gesto para o sossegar. Mas o outro começou

a fugir, e o navegador precipitou-se no seu encalce e agarrou-o por um braço. Vendo-se preso, o negro principiou a debater-se, primeiro com susto, depois com fúria. Com gritos roucos e sílabas guturais respondia às palavras e aos gestos que o tentavam apaziguar. Ao longe, no mar, os companheiros de Pêro Dias avistaram a luta e principiam a remar para a praia.

O negro viu-os a aproximarem-se, julgou-se cercado e perdido e apontou a sua lança. Pêro Dias com a espada tentou aparar o golpe mas ambos caíram trespassados.

Os portugueses saltaram do batel e correram para os corpos estendidos. Do peito do negro e do branco corriam dois fios de sangue.

— Olhem — disse um moço, o sangue deles é exactamente da mesma cor.

De bordo veio o capitão com mais gente e todos durante uma hora choraram o triste combate.

O sol subia no céu e aproximava-se o calor do meio-dia. Não sabendo quando voltariam a desembarcar, o capitão resolveu não levar para bordo o cadáver de Pêro Dias. Os dois corpos foram sepultados ali mesmo, na praia. E com a lança do gentio e a espada do cristão, os marinheiros fizeram uma cruz, que espetaram na areia entre os túmulos dos dois homens mortos por não poderem dialogar.

Chegado a este ponto da sua narrativa, o capitão flamengo calou-se uns momentos olhando o lume.

O negociante serviu de novo vinho aos seus hóspedes e até altas horas continuaram a ouvir o marinheiro da Flandres contando as longínquas viagens, as ilhas desertas, as árvores desconunais, as tempestades, as calmarias, os povos misteriosos.

No dia seguinte o Cavaleiro disse ao negociante que queria seguir por mar para a Dinamarca.

Sophia de Mello Breyner Andresen

Manuela Fonseca e outros (org.)
Lá longe, a paz
Porto, Edições Afrontamento, 2001

Cantiga do ódio

O amor de guardar ódios
agrada ao meu coração,
se o ódio guardar o amor
de servir a servidão.
Há-de sentir o meu ódio
quem o meu ódio mereça:
ó vida, cega-me os olhos
se não cumprir a promessa.
E venha a morte depois
fria como a luz dos astros:
que nos importa morrer
se não morrermos de rastros?

Carlos de Oliveira

Porto, Campo das Letras, 2004

Uma palavra difícil

Conheço trinta e cinco crianças que tentaram aprendê-la em todas as línguas do mundo. Escreviam-na diariamente, antes das aulas; escreviam-na à hora do intervalo, escreviam-na sozinhas.

Foi uma palavra vivida desde a raiz, isto é, desde a simples forma como se desenhavam as letras.

Primeiro, foi um jogo, depois já era uma curiosidade sem fronteiras, mais tarde o orgulho de se saber algo que não era acessível à maioria.

Um dia fizemos com ela um painel do tamanho da parede da sala. Do tecto esvoaçavam pombas de papel, nos armários pombas de barro, com ovinhos de plasticina, transmutavam-se em seres alados que aqueciam os momentos em que o programa a cumprir era mais árido, menos possível o sonho.

No fim do ano escolar, essa palavra tão simples e poderosa era utilizada como legenda e promessa, como fio invisível a ligar crianças de lugares distantes com estas aqui, as que foram as minhas últimas crianças, os meus últimos alunos.

Hoje, nessa tentativa sempre inacabada de deixar os papéis em ordem quando um final do ano se aproxima, encontrei alguns desses textos, lembrei-me dessa experiência. Parecia-me a mim que se essa palavra fosse quotidiana e sem mistérios; se meninos percebessem que em Portugal ela simbolizava o mesmo que na China, na Somália ou na Alemanha, a ideia de mundo e de fraternidade se alargaria. Foi uma experiência. Não resultou. Uma palavra não chega para remover as ambições dos poderosos, para anular o egoísmo dos que mandam, para destruir os tiranos, os medíocres, os indolentes, os oportunistas. Mas, sempre que oiço os noticiários, leio as reportagens, ainda sinto a secreta esperança de que essa pequena palavra, um dia, encha a Terra de abundância, risos e harmonia.

Não posso impedir-me de partilhá-la consigo, leitor.

Brinque com as suas letras, como os meninos fizeram. Pode escrevê-la de tantos modos! Veja:

*Pace Frieden Paix Thun-Lam Amahoro Laffi Filemu Yrede Hedzole Hòà Bính Pokój
Khotso Teraoi Kagiso Béke Nabab Paci Mip Diamm Santiphab Mup Baris Salaam
Eiphnh Rauha Peace Nutifafa Kagiso Suguru Siochàin Kuthula Nyilale Runyararo
Teraoi.*

Ou escreva apenas Paz.

Neste tempo de tantos embrulhos, tantos laços, tanta mentira em nome de Jesus, o tal que nasceu nas palhinhas para ensinar a humildade, em vez de gastar o seu dinheiro num cartão de Boas-Festas, igual a todos os outros, escreva com a sua letra, a sua paciência, estas palavras que aí lhe sugiro. E enquanto as escrever, num fim de tarde ou à noite, depois de preencher o totoloto, o totobola, os mil jogos que lhe prometem as riquezas da Terra, pense no que aconteceria se essa palavra se tornasse real, tocável, uma palavra para nós todos.

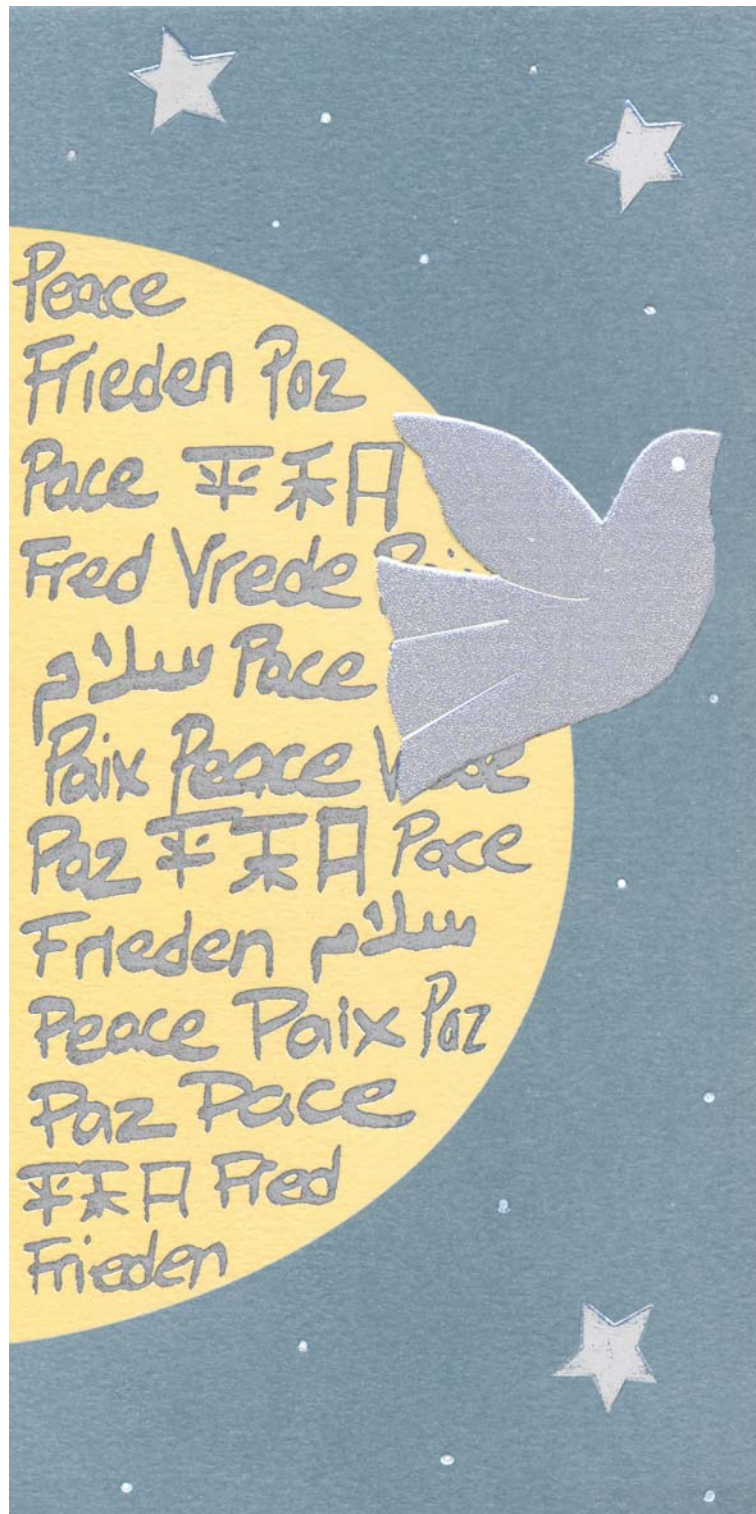
Deixe-se ser criança só por um bocadinho.

Afinal, Paz é uma palavra tão pequenina, tão clara. Descubra-lhe as sonoridades, pinte-a com a sua caneta azul, enfeite-a de flores, guarde-a depois no olhar, na voz, leve-a para o emprego, para a bicha do autocarro, use-a na lapela.

Vai ver, leitor, que a sua presença será como um pequeno Sol que aquecerá a manhã e, também, já que temos tão pouco em que acreditar, que mal fará se experimentar contagiar com ela os indiferentes, os adultos sem graça com que se cruza todos os dias?

Pode começar! Já!

Maria Rosa Colaço
Não quero ser grande
Lisboa, Editorial Escritor, 1996



Peace

Frieden Paz

Pace 平和

Fred Vrede

سلام Pace

Paix Peace

Paz 平和 Pace

Frieden سلام

Peace Paix Paz

Paz Pace

平和 Fred

Frieden

Soneto anticolonialista

Ah Diogo! Ah Cão! Em que de Zaire
pretendes colocar o teu padrão?
El-rei morreu. As naus de clarear
são agora de um povo nosso irmão.

Dispensámos as balas e os escravos
e mais para diante navegámos.
Negreiros não. Dissemos sim aos cravos.
O mar não dói. E a terra não tem amos.

Ah Diogo! Ah Cão! Que resultado
esperavas deste povo a ver morrer
o seu corpo na farda de soldado?

Esta Nau do futuro há-de vencer!
Mas há cães que só ladram o passado
porque o presente é duro de roer!

Joaquim Pessoa

Porto, Edições Afrontamento, 2001

História de Robert

Nasci no dia 11 de Novembro de 1929, onze anos após o dia oficial do fim da Primeira Guerra Mundial. A Segunda Guerra Mundial foi declarada quando eu ainda não tinha 10 anos e morava na cidade de Metz com os meus pais polacos, os meus dois irmãos e a minha irmã. O meu pai era caixeiro-viajante e a minha mãe cuidava dos quatro filhos. Em Metz, o nosso apartamento de cinco divisões não ficava situado no bairro judeu. Sempre que os habitantes de Metz falavam deste bairro, faziam-no de forma negativa.

Quando voltava de viagem, o meu pai trazia-nos drageias de chocolate Meunier. Curiosamente, não guardo nenhuma lembrança de gestos de ternura por parte da minha mãe. Não a revejo a inclinar-se para mim, não a revejo a dar-me alguma coisa, nem a partilhar comigo aqueles segredos que as mães partilham com os filhos. Mas sei que fui muito amado.

Em Outubro de 1939, Metz foi evacuada e toda a comunidade judaica, os praticantes e aqueles que não o eram, partiram. Embarcaram todos no mesmo comboio e cada um recebeu um queijo *camembert* e 5 francos. Passámos por Paris para irmos para La Rochelle. A nossa família reencontrou-se em Royan, onde ficámos onze meses. Depois da chegada dos alemães em Junho de 1940, fui tradutor nos grandes armazéns da cidade. Um dia, um nazi magro de óculos e rosto emaciado perguntou-me «onde tinha aprendido alemão». Respondi-lhe que era loreno. Ele disse-me: — És judeu.

Fugi e fiquei com muito medo.

Num outro dia, a polícia francesa disse-nos, como a todas as famílias judaicas da cidade, para juntarmos as nossas coisas e irmos para a estação. Fomos agrupados com outros judeus e enviados para a Dordogne com termo de residência.

A nossa família foi alojada numa quinta abandonada desde 1914, sem água, sem electricidade, sem casa de banho.

Recordo-me de ter vivido nesta aldeia da Dordogne os dois anos mais belos da minha infância, a partir de Outubro de 1940. Descobria a natureza, os animais, a vida simples. A água do poço estava sempre fresca e límpida. Pouco a pouco, o meu pai tornou-se camponês. Começou a revolver a terra diante da casa, plantou batatas, cenouras e alhos franceses. Eu ia à escola e ajudava-o na quinta. Havia árvores de fruto, flores, lilases; havia galinhas, patos e gansos a esgaravatar... Os meus pais eram pouco praticantes, mas rezavam.

A partir de 1942, era preciso usar a estrela amarela... À excepção de duas raparigas que me

perguntaram «o que os judeus tinham vindo cá fazer», a estrela não causava nenhuma reacção nos camponeses ou nos seus filhos. Muitos não compreendiam o que se passava. Nós morávamos dois quilómetros a norte da linha de demarcação¹. Numa noite de Outubro de 1942, às duas da manhã, a polícia veio dizer-nos que tínhamos três horas para prepararmos as nossas trouxas e que uma camioneta viria buscar-nos. Todas as famílias judaicas foram exemplarmente dóceis.

Chegados a Angoulême, juntaram 400 pessoas numa grande sala cujo chão estava coberto de palha. Ficámos ali quatro ou cinco dias. Alemães vestidos à civil recolhiam diariamente as nossas jóias, o nosso dinheiro, os nossos documentos, as nossas senhas de racionamento.

Uma noite, os alemães informaram-nos de que as crianças que tinham sido declaradas francesas deveriam ser separadas das outras na manhã do dia seguinte. Eu era o único da minha família nessa situação. O meu pai entregou-me um porta-moedas com o seu relógio de bolso, o relógio da minha mãe, as alianças deles, o canivete e todo o dinheiro que tinha com ele: 700 francos.

Chegou a manhã da separação. Éramos uma dezena de crianças de nacionalidade francesa. Curiosamente, os meus pais não tinham declarado os meus irmãos e irmã, que, ao que parece, não podiam ser salvos... Quis voltar para o meu pai, mas um tipo trajado à civil que gritava muito alto deu-me um violento pontapé no traseiro e disse: — Fica aí, porco judeu!

O meu pai chorava. Abriu os braços para mim... Gritou: — Robert, nunca te esqueças de que és judeu...

E eu comecei a rir. Porque nunca tinha visto o meu pai a chorar... Porque não me sentia nada bem... Hoje, sei que era um riso nervoso, mas sempre me perguntei se o meu pai teria visto aquele riso e percebido que não era bem um riso. E esta pergunta persegue-me. Pergunto-me que imagem guardou ele de mim... E a minha pergunta nunca terá resposta. Eu tinha treze anos. A minha irmã oito, os meus irmãos, quatro e seis anos. E nunca mais voltei a ver o meu pai, a minha mãe, a minha irmã ou os meus irmãozinhos.

Ainda conservo os 700 francos do meu pai; nunca lhes toquei. As duas alianças dos meus pais serviram para o meu casamento e, quando as coisas não correm bem, olho para a da minha mãe. Guardei o porta-moedas, mas há vinte e cinco anos que não o abro. Tenho a fotografia dos meus pais no dia do casamento e uma foto de passe do meu pai na época em que nos separámos. Ele tinha 49 anos... Mas não tenho nenhuma recordação da cara da minha mãe nessa altura.

Um pároco olhava pelas dez crianças que, como eu, tinham sido separadas dos pais.

¹ Até Novembro de 1942, esta linha – que ia de Bayonne à Suíça – dividia a França livre, onde se exercia a autoridade do governo de Vichy, da França ocupada pelos Alemães. Só podia ser atravessada com uma autorização das autoridades alemãs. Em Novembro de 1942, os Alemães invadiram a «zona livre»...

Recordo-me da minha pergunta: — Mas por que é que nos levam? Quando é que vamos voltar a vê-los?

E o pároco dizia-nos: — Vocês voltarão a vê-los, não se preocupem. Agora vão comigo porque me pediram que vos alojasse...

Fomos então com ele. Era um padre que se ocupava de casos sociais, de crianças cuja mãe falecera, ou cujo pai estava preso: crianças, todas elas, com histórias familiares difíceis. Tínhamos entre os 4 e os 15 anos.

Lembro-me de uma longa caminhada para chegarmos a umas barracas nos subúrbios de Angoulême. Levávamos as nossas roupas numa carreta. Eu andava com um saco às costas e guardava no bolso o porta-moedas do meu pai. Lembro-me de um conjunto de barracas que parecia um campo, onde havia irmãs trajadas à civil. O padre Le Bideau mostrou-nos o lugar onde íamos dormir e, de seguida, encontrámo-nos no refeitório. Recordo uma cena engraçada quando todas as crianças se levantaram à chegada do padre. Devíamos ser uns cinquenta ou sessenta e ouvi: «Bom dia, meu pai!²». Virei-me e disse para comigo: «Mas o que é que o meu pai tem a ver com isto?» Nunca tinha frequentado ambientes cristãos... Tínhamos de rezar antes das refeições e levantávamo-nos todos de manhã à mesma hora, para irmos à missa numa pequena capela improvisada.

Um dia, recebi uma carta dos meus pais. Já não tinha notícias deles há um mês... Na carta, que me entregaram já aberta, a minha mãe manifestava a sua indignação: *Robert! Como é possível? Deixámo-te dinheiro, estamos aqui neste campo, a passar fome (era em Drancy³), mandei-te três cartas com três vales de encomendas! Os teus irmãos não têm que comer. Choram todo o dia. Porque é que não nos mandaste as encomendas com o dinheiro que o teu pai te deixou?* Uma carta atroz. E no mesmo envelope vinha uma borboleta dactilografada: *Partiram para endereço desconhecido, não enviar nem cartas, nem encomendas.* Lembro-me de que senti algo em mim, como quando vamos vomitar. Como se o sangue deixasse de afluir à cabeça. Pus-me a gritar com o padre Le Bideau:

— Porque é que não me entregou as cartas e os vales? Tem consciência do que fez?

E ele disse-me:

— Mas nós nunca recebemos essas cartas.

Penso que ele não estava a dizer-me a verdade... Ainda hoje o responsabilizo por isso. Nas quarenta e oito horas seguintes fiquei com icterícia. Passei quase três semanas sem comer. Foi

² Em francês, no original, *père* tanto significa *pai* como *padre*. Apesar de não ser tão frequente, é também possível chamar-se pai a um padre, em português. Por isso, a opção tradutiva respeita a duplicidade do vocábulo. (N.T.)

³ Campo de internamento do governo de Vichy que funcionou como principal ponto de partida para os campos de concentração nazis: 67 dos 79 comboios de deportados judeus partirão de Drancy, cujo sobrenome era «antecâmara da morte».

um grande choque. Recebi, pouco tempo depois, uma última carta da minha mãe: era um pequenino cartão de visita num envelope. Ela tinha-o atirado de um vagão, e alguém o tinha apanhado e posto no correio... Neste cartão tinha escrito com uma letra minúscula: *Boubi, com a ajuda de Deus, espero que voltemos a ver-nos em breve. Não sabemos para onde vamos. Estamos com saúde, esperamos reencontrar-nos em breve.* Depois disto, nunca mais recebi nada.

O padre fazia-nos participar cada vez mais na vida religiosa da colectividade, até ao dia em que pegou em nós, nas dez crianças judias, e nos obrigou a confessar-nos. Fiquei em pânico...

Entre as coisas que o meu pai me tinha confiado, estava a morada do rabino Bloch, o famoso rabino que tinha organizado a nossa partida de Metz, e que era o que os rabinos costumam ser nas pequenas comunidades: um verdadeiro deus que tudo conseguia, tudo sabia, que para tudo tinha resposta... O meu pai tinha-me dito:

— No dia em que alguma coisa não correr bem, escreve ao rabino.

Escrevi então ao rabino Bloch, que morava em Poitiers. Quarenta e oito horas depois, chegou a secretária dele e levou-nos a todos, às dez crianças judias. Fomos para Poitiers e distribuíram-nos por famílias judias.

Mandaram-me para uma primeira família em Châtellerault. Fiquei lá relativamente pouco tempo, porque era muito infeliz. No entanto, eram pessoas ótimas, que me acolheram muito cordialmente. Mas o filho deles não suportou a minha presença. Obrigou-me a dormir no chão, escondeu as minhas coisas, disse-me que fizera chichi na minha escova de dentes... Escrevi imediatamente ao rabino Bloch, dizendo-lhe que não podia ficar mais nessa família e que, se não viessem buscar-me, não sabia o que poderia acontecer-me. Quarenta e oito horas depois, chegava a secretária, que me tirou daquela casa e me levou para outra família judia da qual o marido tinha sido levado, ao sair de casa, por não trazer a estrela. A senhora era cardíaca, uma pessoa extraordinária, muito calorosa, mas entevada. Era uma das famílias mais ricas de Châtellerault, uma família de peleiros, com muitos criados. Fiquei lá com outra criança, Eva Nadel.

Estávamos no Paraíso... Pus-me a estudar como um louco e a fazer os trabalhos de casa para recuperar o tempo perdido. No espaço de dois meses, acho que avancei dois anos. Era amigo de um outro rapaz judeu. Levávamos a estrela quando íamos para o liceu e vivemos juntos uma cena absolutamente incrível. Havia uma praça em Châtellerault que os judeus não podiam atravessar; para irmos para o liceu, tínhamos de fazer um desvio enorme, porque o liceu ficava do outro lado... Ficávamos muitas vezes num dos passeios em frente à praça e olhávamos para os carrocéis, encostados à montra de uma confeitaria... Um dia, passa uma senhora com um rapazinho, entra na confeitaria, sai e faz-nos sinal para a seguirmos...

Seguimo-la: levou-nos até uma ruela e deu um bolinho a cada um, dizendo:

— Comam depressa e deem fora os papéis.

Ficámos tão estupefactos que nem lhe agradecemos. Só depois é que corri atrás dela para lhe agradecer...

Fiquei em Châtelleraut, nesta segunda família, durante seis meses. Um dia, a polícia francesa veio buscar todas as crianças cujos pais tinham sido deportados, e transferiram-nas para o campo de Poitiers. Era um campo de reagrupamento... Passámos lá uns dias totalmente surpreendentes: éramos cerca de sessenta crianças judias que vinham de toda a parte... Nunca como naquele lugar brinquei tanto com os meus pequenos companheiros. Dormíamos em barracas imensas; comíamos muito mal, mas a Cruz Vermelha enviou-nos uns pacotes, nomeadamente, um barril de bombons. Estes bombons, sem papel, estavam todos colados uns aos outros. No princípio, conseguíamos raspá-los e comê-los; juntávamo-nos à volta do barril; mas, no fim, era preciso ir para dentro dele a fim de chegar aos do fundo. Recordo-me de ter entrado na pipa e de não ter conseguido sair até me puxarem pelos pés.

Juntaram-nos, de novo, alguns dias depois; meteram-nos em comboios e mandaram-nos para Paris, onde fomos acolhidos por responsáveis da UGIF⁴. Todo o grupo foi levado para um lar de crianças, em Lamarck. A rua Lamarck era ótima. É um facto que nos raparam o cabelo porque tínhamos piolhos, mas comia-se maravilhosamente bem; e a disciplina não era muito severa... Encontrei lá amigos da minha idade que tinha conhecido na Dordogne. Fiquei três ou quatro dias. Em seguida, como tinha mais de 13 anos, tive de partir, e mandaram-me para a escola profissional, no nº 4 bis, da rua de Rosiers. Guardo desta escola uma recordação horrível. Fui muito infeliz lá. Era um dos mais novos e os meus congéneres eram todos casos sociais. Alguns tinham roubado, outros tinham grandes dificuldades familiares. Juntavam assim os jovens a quem não sabiam o que fazer...

De manhã, havia aulas do curso geral e, de tarde, ensino profissional. Eu tinha escolhido a carpintaria. Vivi neste lar onde não havia calor humano algum, onde estavam sempre a ameaçar-nos que nos batiam e que iam deportar-nos...

Saí em 1944, nove meses mais tarde. Aprendi a lutar pela minha comida e pelo meu pão... Era uma luta permanente... A recordação que guardo deste período é a de uma espécie de nó no estômago, de um enorme vazio afectivo e de um sentimento de insegurança permanente.

Em Fevereiro de 1944, um senhor misterioso que pertencia a uma rede clandestina tomou conta de mim. Tinha marcado encontro comigo num outro lar de crianças e disse-me:

⁴ A *Union générale des israélites de France* foi um organismo criado pelo governo de Vichy, sob pressão dos nazis, para reagrupar numa única organização as obras de ajuda e assistência aos judeus.

— Já não voltas à escola profissional; é demasiado perigoso. Vais sair do circuito judeu, mudar de nome, ter novas senhas de racionamento e estudar. Mas, durante algum tempo, virei visitar-te regularmente para te informar do que vai acontecer-te.

Era um lar de crianças protestantes de que não guardo nenhuma recordação em particular... Comia-se bem, lavavam a nossa roupa. Fiquei um mês. Um belo dia, o mesmo senhor voltou e disse-me:

— Vens comigo, vou levar-te para uma nova escola, mas é preciso que saibas desde já que não te chamas Robert Frank, mas Robert François, e que nasceste em tal dia e em tal sítio.

Explicou-me que era uma câmara cujos arquivos tinham sido destruídos pelos bombardeamentos...

Não deveria dizer a ninguém o meu verdadeiro nome...

Entrei para o Instituto Voltaire.

Fui acolhido pela Sra. Vallon, a directora, juntamente com um outro rapaz judeu, também escondido. Quem tomou conta de nós foi uma organização clandestina, dirigida pelo doutor Milhaud e a mulher, que conseguiu salvar uma dezena de crianças que estavam comigo na escola...

A Sra. Vallon tomou-nos sob a sua protecção. Como era a directora da instituição, fomos normalmente às aulas até à Libertação. Em casa dela, continuei a chamar-me Robert François: não digo que ela tenha sido uma substituta da minha mãe, mas foi uma mulher de quem gostei muito; tinha um excelente coração; ligou-se muito a nós, e vivi com Georges Miliband em casa dela, como se fôssemos dois irmãos. Estávamos sob a sua protecção, ela velava por nós.

Tinha uma casa em Raincy onde organizava colónias de férias. Georges tinha-lhe sido confiado em Julho de 1942 para participar numa dessas colónias. De volta a Paris no final de Julho, não conseguiu encontrar a mãe e as duas irmãs, presas na altura do Vel d’Hiv⁵. O pai dele tinha morrido antes da guerra. Foi então que a Sra. Vallon o acolheu. Eu não saberia dizer quantas crianças judias lhe passaram clandestinamente pelas mãos; corria um enorme risco, e fazia-o de forma totalmente consciente...

Para mim, o facto de ter um nome que não era o meu foi, no início, uma espécie de jogo. Não sendo Robert Frank mas Robert François, achava que conseguiria esconder-me facilmente, que conseguiria esconder o que era, ou seja, mascarar as minhas dificuldades, a minha angústia, o meu vazio afectivo em relação aos outros. Este período não me permitiu, de forma alguma,

⁵ Abreviatura de Vélodrome d’Hiver, um estádio de competições de ciclismo, usado pela polícia francesa para juntar os 12 884 judeus presos na noite de 16 de Julho de 1942, em Paris e na região parisiense, e depois conduzidos para os campos de Drancy, Pithiviers e Beaune-la-Rolande, antes de serem deportados para Auschwitz.

expandir-me, mas apenas preservar-me tal como queria ser, Robert Frank, ou seja, o filho do meu pai e da minha mãe, guardando para mim a minha história dolorosa... Nunca falei disso na altura, e a minha máscara deu-me uma espécie de força, que perdi após a Libertação, sobretudo depois do fim da guerra, em 1945, quando foi necessário retomarmos os nossos verdadeiros nomes e ir à estação de Est acolher os que regressavam.

Foi aí que voltei a sentir esperança: voltava a ser Robert Frank; esperava por Max Frank, o meu pai, Betty Frank, a minha mãe, e pelos meus irmãos e irmã... Não sabia o que lhes tinha acontecido. Não se sabia nada de Auschwitz⁶, dos fornos crematórios... E eu esperava, ia à estação e dizia para mim próprio: «Um dia destes, vou vê-los chegar.»

Para mim, eles eram apenas prisioneiros. E os primeiros deportados chegaram... Foi então que a espera se tornou angustiante. Um dia, vi chegar Sylvain Kaufman, que vinha de Auschwitz. Era o filho do patrão do meu pai em Metz e conhecia toda a minha família. Não sei o que fez em Auschwitz, nem procurei saber, mas ele perguntou-me:

— Queres saber o que aconteceu à tua família?

Eu respondi:

— Claro que sim.

Disse-me que, à chegada, o meu pai tinha sido mandado para um lado e a minha mãe para outro. A minha mãe, os meus irmãos e irmã, foram directamente para a câmara de gás; o meu pai sobreviveu durante três meses, trabalhando arduamente. E um dia, como as suas pernas já não aguentavam, Sylvain Kaufman levou-o à câmara de gás juntamente com um grupo de pessoas... Não consegui acreditar nesta história; pensei que ele não queria dizer-me o quanto tinha sido mais terrível ainda. Não conseguia aceitar que eles tivessem morrido; conseguia aceitar a doença deles, o seu sofrimento, mas não o seu desaparecimento...

Muitos anos depois da guerra, eu ia ainda atrás de pessoas em quem pensava reconhecer o meu pai. O momento mais dramático, vivi-o em 1947, dois anos depois do fim da guerra, quando, tendo obtido o diploma da escola básica, a Sra. Vallon me disse:

— Como recompensa, vou oferecer-te uma viagem a Metz.

Era um desejo que eu tinha manifestado.

Fui a Metz sozinho, e dirigi-me à rua onde morávamos; vi o prédio, o apartamento no quarto andar, não me atrevi a subir; passei nos lugares que me eram familiares; sem pensar, fui ter ao lugar onde moravam os melhores amigos dos meus pais, a família Wiederspiel. Vi o

⁶ O mais conhecido dos campos de concentração criados pelos nazis, localizado a 60 Km de Cracóvia, na Polónia, e aberto em Junho de 1940. Três milhões de pessoas morreram aí: dois milhões e meio gaseadas e 500 000 de fome ou esgotamento. A partir de 1942, as câmaras de gás chegaram a matar 6000 pessoas por dia, essencialmente judeus.

nome deles na campanha de um prédio; louco de felicidade, toquei, mas ninguém respondeu. Deviam ser três horas da tarde; disse para comigo: «Vou dar um passeio, de certeza que foram a qualquer lado, e venho tocar de vez em quando.» E fui dar uma volta. A dado momento, deparei com uma campanha com o nome *Frank*. Pareceu-me reconhecer a letra do meu pai. Fiquei possesso e disse para comigo: «Não é possível que ele tenha voltado e não me tenha procurado! Como é possível ter voltado a Metz e ter-me deixado sozinho?» Toquei; ninguém respondeu. Voltei ao edifício dos Wiederspiel. Abriram-me a porta. Reconheceram-me e levaram algum tempo a convencer-me de que os Frank do bairro não tinham nada a ver com a minha família...

Levei muitos e longos anos até ficar convencido do desaparecimento dos meus pais... E foi um sonho que me libertou. Em 1957, estava já casado, levantei-me da cama em sobressalto; acordei a minha mulher e disse-lhe: — Olha, acabei de enterrar os meus pais. Sonhei que estava em Festalemps, naquela aldeia onde vivemos juntos os últimos momentos, e no pátio, entre o portão e a quinta, vi cinco círculos, cinco grandes círculos, com uma cúpula por cima. E acordei nessa altura, dizendo a mim próprio: «O que quererá isto dizer?»

Compreendi que o número cinco representava o meu pai, a minha mãe, o meu irmão, o meu outro irmão e a minha irmã. Tinha sofrido muito por não ter um túmulo para eles. Para mim, Auschwitz não fazia sentido. Morrer nos fornos crematórios é partir em fumo, enquanto que, no meu sonho, os tinha colocado num lugar que me era querido... E isso libertou-me, fez-me bem, porque, de seguida, senti-me bem, distendido, até recomeçar a colocar-me outras questões.

Nos meses que se seguiram à guerra, tornei-me órfão de guerra; tomaram conta de mim financeiramente, a nível de alojamento, estudos, roupa. Materialmente, deixei de ter problemas. Restava o problema afectivo, bem mais difícil de aliviar...

Penso que a história dos filhos dos deportados traz consigo uma dor terrível. É dramático perder os pais; horrível perder os irmãos e as irmãs. Quando se perdem por doença, por acidente, é terrível. Mas perdê-los da forma como nós os perdemos, brutalmente, de um dia para outro, sem entender porquê nem como, sem certezas, é medonho. Já não tinha tios ou tias; sentia-me completamente só. Estava furioso com os meus pais. Primeiro, senti-me abandonado. Depois, senti-me culpado por estar vivo; restava-me acusá-los por me terem abandonado. Hoje, compreendo que era uma forma de me defender da dor da separação. Pouco a pouco, compreendi que eles não tinham culpa nenhuma. Quando retomei os estudos, fiquei durante muito tempo ensimesmado, sem falar, sem contactar com ninguém; sentia-me desinteressante, como alguém que não podia ser «reconhecido».

Passei os meus dois exames de admissão à Faculdade. Nunca fui um aluno brilhante mas consegui desenvencilhar-me. Decidi tornar-me médico. Na altura das inscrições, conheci um

rapaz que me propôs, alguns meses mais tarde, trabalhar em parceria com ele. Pouco tempo depois, apresentou-me à mãe; disse-lhe que tinha estado em Châtellerault durante a guerra e ela contou-me então a seguinte história: — Um dia, em 1943, estava eu num passeio com o meu filho, quando vimos dois rapazes com a estrela de David. Entrei com o meu filho numa confeitaria, comprei alguns bolos e disse aos dois rapazes judeus que me seguissem e dei-lhes dois bolos...

A coincidência era impensável!... É claro que me tornei para ela mais um filho...

No final dos meus estudos, tornei-me dentista. Conheci a minha mulher em 1952 e casámos em 1954. Casei com uma mulher judia, psicóloga, e retomei, de alguma forma, uma vida em família.

Não posso dizer que seja uma pessoa fácil. Andei muito tempo deprimido, e ficava, por vezes, muitos dias sem abrir a boca, totalmente centrado em mim mesmo. Mas a minha mulher conseguiu fazer de mim aquilo que hoje sou. Quando me dizem demasiadas vezes que me amam, tenho alguma dificuldade de aceitar que isso seja verdade ou que tal se justifique. Além disso – e não estou agora a falar da minha mulher, falo sobretudo de todas as pessoas que me rodearam, que me ajudaram ou quiseram-me fazer bem – sempre tive um movimento de rejeição em relação às pessoas que foram boas comigo.

Hoje, sinto mágoa em relação a isso, porque foram pessoas que, espontaneamente, quiseram exprimir a sua compreensão e a sua afeição. Mas bastava que isso fosse um pouco em demasia para me tornar agressivo e me retirar, cortando qualquer relação.

Outras crianças escondidas conheceram as mesmas dificuldades: logo que alguém nos dava amor, logo que isso se tornava demasiado forte, a nossa forma de reagir era a ruptura. E a ruptura total. Evidentemente que hoje me penalizo muito por isso, mas é já demasiado tarde.

Tive duas filhas maravilhosas com a minha mulher; durante muito tempo, pouco falei com elas; é escasso o que sabem a respeito do meu passado; apenas os grandes momentos, os momentos importantes...

O meu sofrimento actual é de uma outra ordem. Tento imaginar o que os meus pais terão sentido antes de morrer... Não me atrevi, durante muito tempo, a imaginar aquilo que a minha família terá passado depois de nos termos separado. Tentei imaginar como teriam vivido a viagem até Auschwitz, através de tudo o que li sobre estes comboios e a descida dos vagões. Sei que estavam todos vivos quando desceram. Imagino os gritos dos SS⁷ e a cara da minha mãe, dos meus irmãos e da minha irmã; estava frio; era em Novembro de 1942. Imagino os cães, os uivos, a selecção. «Tu, para ali! Tu, para acolá!» Creio que o meu pai já não devia pensar muito

⁷ Abreviatura de *Schutzstaffel*: secção de protecção. Na origem, a guarda pessoal de Hitler; depois, tropas de elite fanáticas, dedicadas à guarda dos campos, ao extermínio e à «depuração» praticados pelo exército alemão.

em mim naquela altura, ao ver a mulher e os filhos ali, do outro lado. Imagino-os a despir-se. Imagino os meus irmãos e a minha irmã de pé, nus, indo para o duche. Vi o filme *Shoah*, vi como contaram as diferentes etapas, imaginei o meu pai nas barracas onde a mulher e os filhos desapareceram; é tenebroso. Imagino-o a trabalhar. Imagino-o a dizer para si mesmo: «Para quem, para quê?» Talvez para mim, Robert... Imagino-o a morrer de fome, de frio. Um dia, não se aguentando mais de pé, vejo-o a ser levado num carrinho de mão, não consigo imaginar os golpes, vejo-o, sabendo onde vai; é tudo. E tudo isto é novo. Neste momento, recordo esta trajetória quase todas as noites.

Robert

Jean-Pierre Guéno
Les enfants du silence.
Mémoires d'enfants cachés 1939-1945
Toulouse, Ed. Milan, 2003

Chuva em Ypres

Chove em Ypres
onde as ruínas se fixaram
para sempre nos teus olhos

Chove em Ypres
onde aqueles que caíram
são há muito as sombras dos vivos

Chove em Ypres
onde as pedras verticais
são a branca geometria da morte

Chove em Ypres
e os olhos se perdem
na planície arrumada como um verso
onde as raízes das papoilas
em balas e ossos se enovelam
e onde o silo da memória

guarda o cheiro a gás e a lama
e a carne apodrecida

João Pedro Mésseder

Homenagem do poeta a Ypres, uma cidade flamenga onde morreram milhares de pessoas, na Primeira Grande Guerra.

Manuela Fonseca e outros (org.)
Lá longe, a paz
Porto, Edições Afrontamento, 2001

Notícias do bloqueio

Aproveito a tua neutralidade,
o teu rosto oval, a tua beleza clara,
para enviar notícias do bloqueio
aos que no continente esperam ansiosos.

Tu lhes dirás do coração o que sofremos
os dias que embranquecem os cabelos...
tu lhes dirás a comoção e as palavras
que prendemos – contrabando – aos teus cabelos.

Tu lhes dirás o nosso ódio construído,
sustentando a defesa à nossa volta
– único acolchoado para a noite
florescida de fome e de tristezas.

Tua neutralidade passará
por sobre a barreira alfandegária
e a tua mala levará fotografias,
um mapa, duas cartas, uma lágrima...

Dirás como trabalhamos em silêncio,
como comemos silêncio, bebemos
silêncio, nadamos e morremos
feridos de silêncio duro e violento.

Vai pois e noticia como um archote
aos que encontras de fora das muralhas
o mundo em que nos vemos, poesia
massacrada e medos à ilharga.

Vai pois e conta nos jornais diários
ou escreve com ácido nas paredes
o que viste, o que sabes, o que eu disse
entre dois bombardeamentos já esperados.

Mas diz-lhes que se mantém indevassável
o segredo das torres que nos erguem,
e suspensa delas uma flor em lume
grita o seu nome incandescente e puro.

Diz-lhes que se resiste na cidade
desfigurada por feridas de granadas
e enquanto a água e os víveres escasseiam
aumenta a raiva

e a esperança reproduz-se.

Egito Gonçalves

José Fanha (org.)
De palavra em punho

O balde

Um velho camponês observava, descontente, um jovem que construía uma cabana perto do seu arrozal.

— Pergunto-me de onde veio — disse à mulher, nessa mesma noite. — Não é daqui da terra. A julgar pelas roupas, é originário das montanhas. Que vem fazer para aqui? Isto não me agrada nada. Isto não me agrada mesmo nada...

— Porque não vais cumprimentá-lo amanhã? — aconselhou-o a mulher. — Dá-lhe as boas vindas. De certeza que não conhece ninguém por estes lados.

— Nem penses nisso — ripostou o camponês. — Não sabes que os habitantes das montanhas são todos uns ladrões? Ignoremo-lo. Com sorte, talvez até se vá embora.

Todos os dias, o camponês trabalhava no arrozal. Com a água pela barriga das pernas, arrancava as ervas daninhas e punha-as num balde. Uma manhã, descobriu que o balde não estava no sítio do costume.

— Eu sabia — vociferava, enquanto levantava a cama e espreitava por detrás do armário. — Eu sabia. O homem roubou-me. Roubou o meu balde!

A mulher perguntou-lhe:

— Quem te roubou o balde?

— Ora quem! — sussurrou o homem — O montanhês!

— Ninguém te roubou nada — assegurou a mulher. — Sabes muito bem que passas a vida a perder tudo. Procura bem o balde e acabarás por o encontrar!

Mas o camponês não lhe deu ouvidos. Saiu de casa à socapa e foi espiar o vizinho. O jovem estrangeiro cuidava tranquilamente das suas tarefas, mas o camponês achou que ele tinha um ar suspeito.

— Não há dúvida — disse para consigo, semicerrando os olhos enquanto observava o montanhês. — Tem ar de ladrão de baldes, anda como um ladrão de baldes: é um ladrão de baldes!

— Bom-dia, vizinho — saudou-o o jovem, ao aperceber-se de que o camponês o espreitava por detrás de uma árvore.

O velho fugiu a correr. Quando chegou junto da mulher, disse-lhe, esbaforido:

— Estás a ver, até me cumprimenta para que não desconfie dele. É mesmo arrogante! Desafia-me! Ri-se de mim!

O camponês barricou-se em casa com a mulher, as dez galinhas e os três porcos.

— Meu pobre amigo — disse-lhe a mulher, abrindo a porta — perdeste mesmo a cabeça!

— Mas — gemeu o camponês — agora que tem o meu balde, vai querer tudo o que eu tenho. E ainda não te disse tudo — acrescentou o homem, batendo os dentes. — Quando não são ladrões, os montanheses são assassinos!

A mulher encolheu os ombros e foi dedicar-se às tarefas do dia.

Ao cair da tarde, o camponês saiu de casa para beber água do poço. E o que viu ele, pousado no parapeito do poço? O seu balde! Lembrava-se agora que tinha ido buscar água para dar de beber aos animais. Tinha-se esquecido completamente de pôr o balde no lugar.

— Mas — repetia para si mesmo, envergonhado — o montanhês tinha mesmo ar de ladrão...

Johanna Marin Coles; Lydia Marin Ross

A sombra do quadrante

Murmúrio de água na clepsidra gotejante,
Lentas gotas de som no relógio da torre,
Fio de areia na ampulheta vigilante,
Leve sombra azulando a pedra do quadrante,
Assim se escoia a hora, assim se vive e morre.

Homem, que fazes tu? Para quê tanta lida
Tão doidas ambições, tanto ódio, tanta ameaça?
Procuremos somente a Beleza, que a vida
É um punhado infantil de areia ressequida,
Um som de água ou de bronze e uma sombra que passa.

Eugénio de Castro

Balada do país que dói

O barco vai

o barco vem

português vai

português vem

o corpo cai

o corpo dói

português vai

português cai

o barco vai

o barco vem

português vai

português vem

o país cai

o país dói

o tempo vai

o tempo dói

português cai

português vai

português sai

português dói

Ana Hatherly

Li Na e o Imperador

Há muito, muito tempo, na longínqua China, vivia uma mulher idosa num pequeno barco ancorado no Rio Amarelo. Chamava-se Li Na e era calígrafa.

Li Na tinha trabalhado toda a vida para alcançar a perfeição na sua arte. Muitas pessoas sabem escrever, mas só um artista consegue exprimir a verdade através de alguns traços desenhados numa folha.

Por essa altura, vivia na capital da China um imperador. Habitava um imenso palácio, cuja entrada estava proibida às pessoas comuns. Era muito rico, muito poderoso e cruel. Até mesmo a mulher e os filhos tinham medo dele.

Em contrapartida, toda a gente gostava da velha calígrafa. Vinham de toda a parte admirar as suas obras de arte. — *Desenha o signo do amor!* — pediam-lhe. Ou então: — *Queríamos oferecer à nossa mãe um ideograma que lhe devolva a alegria.*

Li Na molhava o seu pincel na tinta preta e, com gestos elegantes, traçava sobre o papel o ideograma do amor ou o da felicidade. E todos regressavam a casa, felizes e com uma sensação de plenitude.

Felicidade, alegria, amor, amizade, perdão: Li Na experimentara todos estes sentimentos e podia, assim, exprimi-los através de um ideograma. Mas, às vezes, eram precisos dias ou semanas para que a velha calígrafa pudesse alcançar o sentido profundo de um signo.

Para traduzir a verdade de uma flor, fora preciso que Li Na se transformasse numa flor. Tinha tido de sentir o que sente uma flor quando o orvalho vem pousar sobre as suas folhas, ou quando a corola se abre lentamente. E também precisara de sentir o que a flor sente quando murcha e perde as pétalas. Pois Li Na exercia a sua arte com mestria.

A velha calígrafa tinha uma aluna, San Li, que vivia com ela no barco. San Li já conhecia a folha de papel adequada a cada ideograma. Também sabia preparar a tinta e tinha tido as primeiras aulas de caligrafia.

Certa manhã, uma grande agitação veio perturbar as margens do Rio Amarelo. O Imperador aproximava-se do barco da velha calígrafa. Cem guerreiros precediam o seu palanque incrustado de ouro, cem guerreiros seguiam-no e cem guerreiros protegiam os seus flancos.

O Imperador ordenou que parassem diante do barco de Li Na. Um criado chamou-a:

— O Imperador ordena que lhe traces um ideograma. Nele deves exprimir a grandeza do

seu império, a sua riqueza infinita e o seu poder inabalável!

Li Na empurrou a porta vacilante do seu barco e saiu. San Li, escondida atrás da porta, tentava avistar o Imperador. Mas as cortinas do palanque, tecidas em fio de prata, protegiam-nos dos olhares. A sua voz era forte e sonora.

— De quanto tempo vais precisar? — perguntou num tom imperioso que fez tremer San Li.

— O tempo necessário para compreender a natureza do vosso poder! — respondeu, num tom firme, a velha calígrafa.

San Li admirou o sangue frio da sua professora.

— Um criado virá buscar a caligrafia dentro de uma semana.

O Imperador bateu três vezes com o bastão da sua bengala na parede do palanque e partiu.

Cheios de medo, os habitantes da aldeia tinham-se escondido nas suas casas ou nos seus barcos. O Imperador raramente saía do palácio, e raros eram os que o tinham visto com os seus próprios olhos. Como resplandecia o palanque! Como pareciam invencíveis os guerreiros! Seguros do seu poder, ostentavam as armas, e o chão tremia devido ao peso dos seus passos.

Depois da visita do Imperador, a velha calígrafa tinha mergulhado num profundo silêncio. A ninguém dirigia a palavra, nem mesmo a San Li. Reflectia, sentada na ponte do barco. Como poderia ela medir a grandeza do império, se nunca tinha entrado no palácio imperial? Como poderia imaginar a imensidão das riquezas, se nada possuía? Como poderia compreender o poder, se nunca tinha mandado em ninguém?

Quando o sol se pôs sobre o Rio Amarelo, Li Na continuava sentada no mesmo sítio. Perdida nos seus pensamentos, fixava o rio. Não reagiu quando San Li lhe trouxe uma taça de arroz e um pouco de chá perfumado. Tinha adormecido e a lua fazia brilhar reflexos de prata nos seus cabelos.

Passou-se uma semana. Um criado do palácio veio buscar a caligrafia. Desolada, a velha abanou a cabeça:

— Lamento, mas não posso corresponder ao pedido do Imperador. Nunca entrei no palácio imperial, nada sei das cerimónias da corte. Império e poder são palavras que me são estranhas. Será que me podes trazer um objecto do palácio? Qualquer coisa em que o Imperador toque todos os dias.

O criado prometeu fazê-lo. Uma semana mais tarde, trouxe-lhe um tapete sumptuoso e uma taça em ouro. Como Li Na não estava visível, entregou-os à aluna. San Li recebeu os objectos, a tremer.

— Entrega-os à tua professora! — ordenou o criado do Imperador. — Mas aí de ti se os

sujares ou estragares. O Imperador mandava-vos às duas para a prisão!

Incapaz de proferir palavra, San Li abanou a cabeça.

— Volto dentro de uma semana! A caligrafia tem de estar pronta!

Passou-se uma semana e o criado voltou.

— Não consigo traduzir para o papel o poder do Imperador — disse a velha numa voz trémula. — Traz-me uma espada ou outra arma qualquer com a qual o Imperador exerça o poder sobre os seus inimigos.

— Verei o que posso fazer! — respondeu, o criado e afastou-se a cavalo.

Alguns dias mais tarde, trouxe uma espada pesada. Li Na estava sentada, imóvel e silenciosa. San Li cortava folhas de papel. Não havia vestígios de qualquer caligrafia, nem sequer de um esboço.

— De quanto tempo precisas ainda? — perguntou o criado.

Uma vez que a velha não respondia, dirigiu-se à aluna:

— Quando estará pronta a caligrafia? O Imperador está impaciente.

San Li encolheu os ombros.

— Não sei — disse timidamente.

O criado deixou passar três meses até voltar de novo à margem do Rio Amarelo. Desta vez a calígrafa entregaria o trabalho, pensava ele. Mas estava enganado.

— Li Na deu ordens para que não a perturbassem sob pretexto algum — anunciou-lhe a aluna. — Volta dentro de um mês e levarás a caligrafia do Imperador.

O homem ficou apavorado. Quando o Imperador ouvisse dizer que a caligrafia não estava pronta, culpá-lo-ia, decerto.

— Porque demora tanto tempo? — perguntou à rapariga.

— Li Na tem de compreender primeiro o poder do Imperador, antes de pegar no pincel.

San Li baixou os olhos.

— A encomenda do Imperador exige algo de completamente diferente daquilo que a minha professora pintou até agora — disse em voz baixa.

O criado abanou a cabeça, mostrando que compreendia. Mas será que o Imperador compreenderia? Mas o Imperador não compreendeu. Quando viu o criado voltar de mãos vazias, meteu-o na prisão. Como ousavam desafiar as suas ordens? Iria ele mesmo falar com a calígrafa e buscar o que lhe pertencia.

Vestido de forma magnífica, pôs-se a caminho com a sua comitiva. Quando viram os soldados aproximarem-se do rio, os habitantes da aldeia meteram-se nas suas embarcações. San Li escondeu-se, aterrorizada, na cozinha, quando o palanque do Imperador parou diante do barco de Li Na.

Acompanhado por quatro guardas, o Imperador entrou no quarto da calígrafa.

— Onde está a caligrafia que te mandei pintar?

Li Na aproximou-se. Tinha na mão um grande pincel, do qual escorria ainda tinta. Diante dela estava um rolo de papel. Sem proferir palavra, sem olhar para o Imperador, inclinou-se e, com alguns gestos precisos, traçou no papel o signo do poder.

Aterrado, o Imperador recuou. Os guardas desembainharam as espadas para o proteger. O signo do poder era violento e cruel, ameaçador e hostil, duro e gelado. Dir-se-ia que dominava o quarto todo.

Os guardas recuaram, a tremer. O Imperador empalideceu, mas esforçou-se por mostrar que não estava impressionado.

— Porque me fizeste esperar tantos meses se conseguiste fazer a caligrafia em tão pouco tempo? — perguntou, enfurecido, a Li Na.

— Precisei deste tempo para compreender o vosso poder — respondeu a velha calígrafa, numa voz doce mas firme.

Arrumou o pincel e olhou o Imperador nos olhos. Depois pegou no seu selo e imprimiu-o no papel de arroz, ao lado do trabalho.

Passaram-se vários minutos num silêncio absoluto. A tinta secou. Li Na fez sinal a dois guardas para pegarem no rolo de papel. Sem sequer esperarem pela autorização do Imperador, fizeram o que a calígrafa lhes ordenara. O Imperador compreendeu, então, que ela tinha captado a natureza do seu poder.

Apressou-se a enrolar o papel e levou-o para o palácio. Uma vez lá chegado, retirou-se para os seus aposentos privados e deu ordens para que ninguém o perturbasse. Nem mesmo a sua família ou os seus ministros.

Desenrolou no chão a caligrafia de Li Na e pôs-se a contemplá-la. Sentiu um frio imenso percorrer-lhe o corpo. A sua garganta parecia ter sido estrangulada. Era isso o frio glacial do medo. O punho de aço do pavor. O gosto amargo da crueldade. O poder da cupidez e da violência.

Reinava no palácio um silêncio de morte. Após uma longa espera, o primeiro guarda do Imperador aproximou-se, hesitante, da porta do quarto do seu senhor.

— Vossa Majestade não se sente bem? — perguntou, timidamente. Como não ouvisse resposta, abriu a porta, com prudência. O Imperador tinha os olhos cravados no chão, onde a caligrafia de Li Na se encontrava desenrolada. E chorava. O Imperador da China chorava! Sem soluços, sem gemidos. Nenhum som saía dos seus lábios. As lágrimas corriam silenciosas pelo seu rosto.

— É isto o poder do Imperador? Angústia e medo? Serei assim tão cruel? — murmurava.

Apercebeu-se da presença do guarda. Este, com um movimento lento da cabeça, assentiu:

— Sim, Vossa Majestade é cruel.

Falara num tom firme, com os olhos postos no Imperador. Este desviou os olhos da caligrafia e fixou o criado, estupefacto. Abanou o punho, ameaçador. A tremer de cólera, abriu a boca. Contudo, baixou o braço e, sem proferir palavra, começou a chorar.

No barco ancorado no Rio Amarelo, a velha calígrafa arrumava o seu material. Papel e pincel, pedra de tinta e selo, tinham voltado ao seu lugar. Para terminar, Li Na estendeu o tapete do Imperador no chão e colocou a taça de ouro numa prateleira. Num canto pôs a espada incrustada de pedras preciosas. Sorria. Nessa manhã, o criado do palácio tinha voltado.

— O Imperador dá-te estes objectos como paga pelo teu trabalho — explicou-lhe.

— Foste preso? — perguntou San Li, curiosa.

O homem abanou a cabeça:

— Sua Majestade libertou todos os que tinham sido injustamente presos. Desde que pendurou a caligrafia de Li Na, tornou-se um homem diferente.

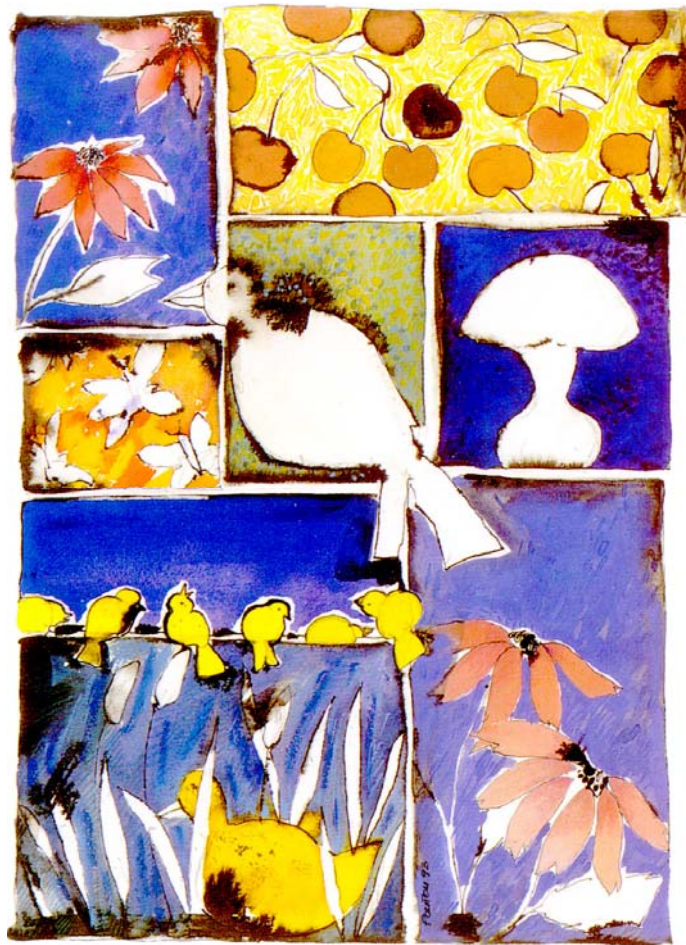
Quando o criado se foi, Li Na chamou a sua aluna.

— San Li, queres aprender o signo da verdade?

— Sim, quero! — respondeu a menina, com entusiasmo.

Excitada, olhou para a mão de Li Na que, calmamente, pegava no grande pincel.

Andrea Liebers
Li Na e o Imperador
Toulouse, Milan, 2002



A Guerra e o irmão

Quando a Guerra
alcançara já
uma idade avançada,

– ela sempre existira,
diziam as pessoas –

os poderosos do mundo recearam
que um dia ela pudesse acabar.

Juntaram-se
amigos e inimigos,
e planearam uns com os outros
o que seria de fazer.

Bem diferentes eram
as suas ideias,
mas num ponto concordaram:

sem Guerra não podia ser!

Após semanas atarefadas
de infindáveis conversas
e desconversas,
decidiram tudo fazer
para evitar

a morte da Guerra.

Daí em diante,
quando se falasse da Guerra,
ninguém poderia aludir
à sua idade avançada.
Seria retirada de todos os livros
e substituída
pelas honrosas palavras
“tradição gloriosa”.

Com as mais modernas armas
seria equipada.
Para tal, nem dinheiro nem esforços
se deveria poupar.

Às intenções seguiram-se os actos.

Os cavalos que até agora
puxavam os canhões para a batalha
foram substituídos por motores.

Os soldados que até agora
usavam armas simples,
foram munidos de metralhadoras.

A Guerra, que até agora
se travava em terra e na água
passou a travar-se também no ar.

Do céu caía fogo.
Bombas explodiam.
Aviões de guerra assobiavam em voo picado.
Aviões de baixo voo espalhavam terror e morte.
De um continente a outro,
mísseis sulcavam o céu
em direcção ao alvo.

A Guerra crescia em eficiência.
Ninguém mais estava a salvo dela,
nem mesmo os que ficavam em casa:
as mulheres com os filhos pequenos
e as pessoas de idade.

E como os poderosos não paravam
de modernizar a Guerra
foram inventados aviões cada vez mais rápidos
e eficientes bombas e mísseis.

O que muito agradava à Guerra.

Ela empenhava-se na grande corrida.

Porém, onde estaria a meta?

Bombas tinha ela que chegassem

para o globo inteiro

envenenar

e destruir.

Uma embriaguês apoderou-se dela,

Um enorme desejo a seduzia...

Mas...

onde estaria ela

quando a terra

deixasse de existir?

Pela primeira vez,

ao fim de milhares de anos,

a Guerra

sentiu pena

de ser a Guerra.

Gostaria

de ter sido uma outra pessoa.

E perpassou-lhe a estranha ideia

De, efectivamente, já ter sido

uma outra pessoa.

Mas, por mais que cogitasse

não conseguia lembrar-se

de quem tinha sido.

Tirou férias.

Deixou o relógio do tempo andar para trás

e para trás deixou

os mísseis,

as bombas,

os aviões de combate,

os tanques,

as metralhadoras,
os motores.

Montou de novo num cavalo
e, através dos séculos,
percorreu cidades cercadas, e burgos
armados com catapultas.

Usou escudo e lança,
espada e armadura.

E quando, a correr, atravessou os séculos
e não encontrou mais fábricas de armas,
nem oficinas de ferreiro,
quando nem ferro nem aço tinham sido ainda descobertos,
atirou com seta e arco
e com as mãos pedra lançou.

E continuava a não saber
quem na verdade fora
antes de Guerra ser.

Certa vez,
a partir de um pedaço duro de madeira,
começou a talhar
uma moça
com um sílex aguçado.

E, ao levantar os olhos do trabalho,
viu, a pouca distância,
um homem
que parecia observá-la.

Nunca a Guerra tivera
medo de ninguém.
Contudo agora atravessava-a um calafrio
muito semelhante ao medo.

“Quem és tu?”, perguntou a Guerra.

O desconhecido não respondeu.

Mas aproximou-se.

“Quem és tu?”,
perguntou novamente a Guerra.

“Quem és tu?”,
perguntou o desconhecido.

Soou como um simples eco,
e a Guerra assustou-se com aquela voz.

Deixou cair pedra e moça
e levantou-se
com os joelhos vacilantes.

O desconhecido
estava agora tão próximo
que cada um sentia
a respiração do outro.

“Quem és tu?”,
perguntou a Guerra pela terceira vez.

“Quem tu foste!”,
respondeu o outro.

“Mas o teu nome?”,
perguntou em voz baixa a Guerra.
“Não me lembro do teu nome...”

Mas o outro calou-se.

E atravessaram a charneca,
um ao lado do outro,
e nem uma palavra lhes saiu dos lábios.

Suspensa no ar, a névoa
roçava nas ervas

nas flores,
e, quando se dissipou,
viu que jazia ali um homem
e o seu sangue
tinha tingido
de vermelho
a terra
e a erva
e as flores.

“Abel! Meu irmão!”,
gritou a Guerra.
Caiu de joelhos.
Já não era a Guerra;
era – aquele que ela já tinha sido –
era irmão,
era Caim.
Não mais um desconhecido.

Lágrimas
não choradas durante séculos
tombaram como chuva
e limpavam todo o sangue.

E o irmão Abel levantou-se.

Juntaram lenha miúda,
deitaram ramos por cima
e fizeram uma fogueira.
Apanharam grãos
e toda a espécie de frutos doces.

À beira das brasas
prepararam,
uma refeição
que juntos comeram.

E Caim contou
o que viveu
em companhia dos poderosos do mundo.

Abel respondeu:

“Naquele tempo, quando tudo começou,
cada um estava sozinho junto da sua fogueira.
Se tivéssemos feito juntos as nossas oferendas,

Caim, meu irmão,
de certeza que não me terias matado.

E, assim, tudo
o que a seguir aconteceu
não teria acontecido no mundo.

Por isso, quero ir junto dos poderosos
e pedir-lhes
que se ajudem uns aos outros,
em vez de se destruírem
e matarem.”

Muito tempo
esperaram
os poderosos
pelo regresso da Guerra.
Por fim, pensaram
que a velha devia
ter morrido.

Quiseram prestar-lhe a última homenagem
e encomendaram uma enorme urna
de mil homens de comprimento
e trezentos e setenta e cinco de altura
e toda em aço
e no centro do campo de treinos
a colocaram.

Encheram a urna
com todas as coisas
que haviam sido mais queridas à Guerra:
tanques
e aviões de combate
e canhões

e mísseis
e metralhadoras,
os uniformes mais sumptuosos,
com todo o tipo de ordens e de medalhas de mérito,
e tudo a desfazer-se
para que coubessem muitas coisas.

De todos os países
vieram armas
e a urna começou a afundar-se com o peso,
a afundar-se cada vez mais,
e acabaram de encher a cova
com o ferro-velho que sobrara.

Depois, começou a marcha fúnebre.
Muito à frente caminhavam os poderosos,
aqueles que governam,
e os generais,
que faziam os planos de guerra,
e os donos das fábricas,
que faziam e vendiam armas,
todos em silêncio
e com o desgosto estampado na cara.
Depois deles, o povo,
e isto era engraçado de se ver.

Na cauda do cortejo, as pessoas aglomeravam-se
à volta de um homem
que dizia chamar-se “irmão”
e que contava
como a Guerra se tinha libertado.

Irmela Wendt
Der Krieg und sein Bruder
Düsseldorf, Patmos-Verlag, 1991
Texto adaptado

Foge, Élie!

*Para a Liane Krochmal, comboio 71.
Para a Liliane,
Para o Pierre,
Para o Philippe,
que nunca cresceram verdadeiramente.*

*Para todas as crianças escondidas
e aquelas que não tiveram a sorte
de o ser.*

Sáímos sem fechar a porta à chave.

A mamã chorava.

Era uma manhã de Junho, mesmo antes do fim das aulas.

Eu estava a jogar às damas com bocadinhos de pão, nos quadrados do oleado da cozinha.

O Sr. Perrier, o nosso vizinho que era polícia, veio bater à porta.

Sussurrou qualquer coisa ao meu pai.

Escutei: «Ralph... Yves».

Não conhecia ninguém com esses nomes.

O meu nome é Élie.

A mamã fez-me meter algumas roupas à pressa na pasta. Meti também o livro de Robinson Crusoe que tinham acabado de dar-me quando fiz sete anos.

— Vamos esconder-te no campo e depois vimos buscar-te.

— Depois de quê?

Tive de enfiar o sobretudo por cima da camisa cinzenta. Era quase Verão, estava quente. Percebi que era para que não vissem a estrela amarela que a mamã tinha pregado no dia 9 de Junho, o dia do meu aniversário.

Depois fomos a pé até à estação. Não apanhámos o autocarro. Logo que o comboio saiu de Paris, coleei o nariz aos vidros para contar as vacas nos campos.

O papá apertava os dentes. A mamã fungava.

À chegada perguntámos onde era a quinta do Sr. François. No final de um caminho, vimo-lo apoiado num portão ferrugento. Tirou uma beata amarelada da boca.

Não cheirava nada bem.

Eu não queria ficar ali. O papá pôs a mão no meu ombro. A mamã acariciou-me os cabelos:

— Vai ser como nas férias — disse-me ao ouvido.

Engoli as lágrimas.

Vi uma mulher que empurrava um carrinho de mão ao longo do pântano, e coelhos e patos, como no livro de leitura da escola.

Disfarçadamente, o papá entregou um envelope ao Sr. François.

Antes de partir, a mamã ajoelhou-se diante de mim.

Enquanto falava comigo, estava sempre a levantar a gola do meu sobretudo como se eu tivesse frio.

— Ouve bem, Élie. A partir de agora chamas-te Émile. Émile, estás a ouvir? E o Sr. e a Sra. François vão ser os teus tio e tia. É preciso que te portes bem. Nós voltamos.

Vi-os partir na curva do caminho. Com a pasta às costas, eu já desistira de me mexer.

A Sra. François fez-me entrar em casa. À minha frente, na longa mesa, pousou uma tigela de leite quente. Tinha nata, mas eu não disse nada. A mamã já não estava ali para ma tirar.

Uma mosca esticava as patas na toalha pegajosa. Vi que aqui não ia poder jogar às damas por causa dos horrorosos desenhos de raminhos de flores.

Mais tarde, subi ao sótão para me deitar. Ninguém me deu um beijo de boa noite. Tinha medo. Chorei durante muito tempo. Por fim, abracei-me ao livro do Robinson e adormeci.

Os cobertores picavam.

Tive um pesadelo. Estava numa ilha deserta. O Sexta-Feira vinha atrás de mim para me matar e eu corria em volta de um pântano lodoso.

De manhã fui acordado por gritos:

— Émile! Émile!

Lembrei-me que era eu. Tinha aulas.

O professor fez logo troça de mim diante dos outros por causa da minha pronúncia parisiense. Depois, fizemos um ditado.

Dei tantos erros que tive de enfiar as orelhas de burro até aos olhos, e a minha folha de ditado foi arrancada e pregada com um alfinete na minha camisa. Quase no mesmo sítio da estrela que a Sra. François tinha descosido a resmungar:

— Este ainda nos vai levar a todos para a prisão!

Nos dias seguintes, fiquei de castigo, sem recreio. Tive de copiar cem vezes:

— Não se escreve “Tens deportar-te bem”; escreve-se “Tens de portar-te bem.”

Em Paris, eu era o primeiro da turma e a minha caneta nunca esborratava.

Depois, chegaram as férias grandes. O papá e a mamã não vieram buscar-me. Durante todo o Verão, dei de beber aos animais e aprendi a levar as vacas até ao prado. A Capucine era a minha preferida. Contava-lhe tudo. Ela tinha um focinho branco e cor-de-rosa, quente e doce. Doce como o Totor, o meu urso, que deixei ficar em Paris.

Tinha lido o Robinson todo e já não tinha medo do Sexta-Feira. Mas, quando regresssei às aulas, ainda tinha medo do professor.

Mas tinha sobretudo medo de uma coisa: que fizessem mal ao papá e à mamã, que eles nunca mais pudessem vir buscar-me, que se esquecessem do lugar onde me tinham escondido, que não me reconhecessem porque eu tinha crescido muito.

Até tentei deixar de comer para parar de crescer, mas não consegui. Tinha muita fome. Os Françaõs diziam-me sempre que eu comia por quatro, que não tinha sido um bom negócio e que veriam o que fazer porque o envelope em breve ficaria vazio. Riam-se.

Um dia, disseram que a França estava cortada em duas. Noutro dia, também falaram de Ralph e de Yves. Eu rodava a manivela do moinho de café a fingir que era o comboio.

E, depois, deixou de haver café.

Voltou o Inverno. Tinha-me habituado a lavar-me na bomba. A água gelada esguichava na banca de pedra. Havia água quente na torneira do fogão a lenha, mas era reservada para o grande banho de domingo, antes da missa.

Para fazer chichi e o resto, era preciso ir lá fora, para cima do esterco, atrás do celeiro.

— E que ninguém te veja! — avisara-me o Sr. Françaõs. — Despachado como tu és, ainda nos levas a todos presos...

Mas ele não se preocupava nada.

Ao ver o meu espanto, a Sra. Françaõs acrescentou:

— É como com a estrela, quando chegaste cá a casa; tem a ver com a guerra...

Não percebia nada. Ainda não tinha feito oito anos.

Foi nessa altura que me apercebi que a velha vizinha dos Françaõs me andava a espiar. Aproveitava para o fazer enquanto lavava os bidões de leite antes da ordenha.

Um dia, fez-me sinal com o dedo adunco para que me aproximasse da cancela.

— Então, menino, esqueceram-se de ti na arrecadação? Os teus pais perderam a tua morada? Nem toda a gente a perdeu... Vais ver o que te espera!

Fugi a correr, cheio de medo. Tinha percebido que ela queria cortar-me qualquer coisa, mas não sabia o quê...

À noite, chamei pela mamã e pelo papá no meu colchão de palha. Só o Tommy, um cão da aldeia, me fez uma visita.

Um dia, vi a Mariette, a neta dela, que parecia má como uma bruxa. Tinha um canivete na mão. Pensei que tinha sido mandada pela avó para me matar, mas ela só queria brincar comigo. Achei-a bonita, com o seu laço vermelho nos cabelos.

Talvez estivesse escondida como eu e não pudesse dizê-lo. Talvez pertencesse à família deles e fosse simpática.

Decidimos brincar os dois.

No entanto, na aldeia, nunca nos tínhamos falado.

Construímos uma cabana. As paredes estavam atapetadas com jornais. A mesa era feita com toros de madeira, a cama com ramos.

Brincámos aos casamentos. Eu era o seu rei, ela a minha rainha.

Fizemos coroas. Mariette era um pouco maior do que eu, mas assegurava-me que não fazia mal, que nos casaríamos para sempre quando tivéssemos idade e a guerra acabasse.

Eu disse que sim. Tinha acabado de fazer oito anos.

Depois veio um Verão e um outro Inverno. A Mariette e eu brincávamos sempre juntos.

Em Abril, ela disse-me que tinha um segredo. Mas que não tinha o direito de mo contar por causa da avó.

— Eu também tenho um grande segredo.

Tinha muita vontade de lhe contar tudo: o falso Émile, a estrela amarela cosida e descosida, os Françaços e o envelope, e os meus pais que me tinham abandonado havia já dois anos.

Nessa quarta-feira tínhamos decidido brincar aos casamentos-quase-de-verdade na igreja, depois da escola. Tinha posto à Mariette uma coroa de papoilas. Entrámos dando as mãos. Numa mancha de luz vimos a avó a rezar. Levantou a cabeça e pregou os dois olhos no meio da minha frente.

Depressa, a Mariette puxou-me para fora. Ria como uma louca e tinha vontade de fazer

chichi. — Também eu — disse-lhe. Fomos para trás da igreja. Ríamos, eu de pé, ela agachada.

De repente, olhou-me com um ar estranho. Levantou-se, puxou as cuecas e, a tartamudear qualquer coisa, partiu como uma flecha deixando-me sozinho. Apertei a carcela e fui para casa.

Depois do jantar e da louça, voltei a sair, enquanto os François ouviam as notícias na rádio.

Perto da cavaliariça, por detrás do trigo, vi a mãe da Mariette a estender a roupa. Pedi para a ver e a mãe pôs-se a gritar:

— Não há mais Mariette! Acabou-se a Mariette! Chispa daqui! E não te chegues a ela, senão...

Fez um gesto com as mãos como se estivesse a degolar um frango.

— Ala! Como os teus pais! Como os da tua laia!

As molas caíram na relva. Corri para bem longe.

A noite caiu. Corri até mais não poder. Não queria voltar à quinta. Queria encontrar o papá e a mamã. Naquele instante.

Perto da estação, passei ao lado da casa grande, aquela onde diziam que havia todo o ano uma espécie de colónia de férias para crianças. O Tommy, o cão deles, apareceu. Tinha-me encolhido nos arbustos. Ele lambeu-me os braços e as pernas.

Eu estava todo arranhado.

Fui acordado por dois camiões.

Era de manhã.

No fosso onde me encontrava, vi tudo: os polícias e os soldados alemães com as suas armas.

Não me mexi nem respirei. Era óbvio que me vinham buscar. Alguém de casa da Mariette deveria ter-me denunciado, ou então, tinham sido os François, por causa do envelope que estava vazio.

Os ramos do pilriteiro estavam a arranhar-me.

Mas os polícias apontaram para a casa grande e entraram pelo terraço com os soldados. De espingarda em punho, fizeram sair todas as crianças em pijama, mesmo as mais pequeninas, que choravam. Atiraram-nas para os camiões, amontoaram-nas aos gritos de *Schnell! Schnell!*

Ouvi gritar:

— Liane, Liane, volta!

Foi então que vi a pequena, esbaforida por ter atravessado o prado. Quando me viu, teve

medo. De pé, por detrás do arame farpado, permanecia imóvel.

— Salta! — disse-lhe. — Chamo-me Élie.

Nesse momento chegou o Tommy, todo contente, a uivar. Pensava que estávamos a jogar às escondidas. Não queria calar-se.

— Anda, salta, Liane!

— Não consigo. Foge, Élie!

Não tive tempo de a ajudar. O barulho das botas aproximou-se.

— Não, o miúdo não — disse o polícia. — É o Émile, o sobrinho dos François. É da aldeia.

Então, o soldado pegou na pequena pelo braço. A Liane gritava, não queria, defendia-se com todas as suas pequenas forças.

— Tu, volta para a quinta. Mexe-te — mandou o polícia.

Alguns minutos mais tarde, os dois camiões cheios de crianças passaram por mim na descida. Deixaram uma nuvem de pó. Ouviam-se choros e cânticos através das coberturas fechadas dos camiões.

Sei que a Liane desapareceu para sempre no grande ventre da guerra. Partiram todos. Sim, sei-o. Compreendo. Estou quase a fazer nove anos.

Continuo à espera.

Será que a mamã virá coser-me uma estrela nova para o meu aniversário?

Élisabeth Brami; Bernard Jeunet
Sauve-toi Élie !
Paris, Seuil Jeunesse, 2003

Os bigodes do leão

Conto da Etiópia

Bizunesh, uma mulher das terras altas de África, casou com Gudina, um homem das terras baixas. Quando Bizunesh foi viver para casa de Gudina, descobriu que este tinha um filho chamado Segab. Segab era um rapaz muito triste porque a sua mãe tinha morrido de febre.

Bizunesh gostava muito de Segab e tentou ser uma verdadeira mãe para ele. Remendava todas as suas túnicas, consertava os seus sapatos e perguntava-lhe sempre de que comida gostava mais. Nunca se esquecia de guardar os melhores bocados de carne do guisado para ele. Mas o rapaz não lhe agradecia. Nem sequer lhe dirigia a palavra.

Bizunesh e o seu novo filho estavam frequentemente sozinhos na casa de Gudina. Gudina era mercador e viajava com caravanas para cidades distantes, que ficavam nas montanhas e nas planícies. Quando Bizunesh ficava sozinha com Segab, falava-lhe de forma gentil. Dizia-lhe coisas como “Sempre quis ter um filho e Deus mandou-me um. Gosto muito de ti.” E tentava muitas vezes beijá-lo.

Mas Segab fugia dela e gritava, zangado:

— Não gosto de ti. Não és a minha verdadeira mãe. A minha mãe morreu. Não gosto de ti. Odeio-te.

Bizunesh tentava cozinhar os pratos favoritos de Segab. Mas Segab não os comia. Remendava as roupas dele, mas ele rasgava-as de propósito nos espinhos. O rapaz chegava a atravessar o rio para estragar os sapatos novos que ela lhe tinha comprado. Sempre que Bizunesh tentava beijar Segab, este fugia. A mulher chorava muitas vezes sozinha no quarto e ansiava pelo dia em que o filho a amasse tanto quanto ela o amava.

Um dia, Segab fugiu de casa e ficou na floresta até o pai o encontrar. Quando regressou a casa, não deixou que a madrasta o beijasse. Bizunesh chorou a noite inteira.

Na manhã seguinte, Bizunesh foi até à caverna de um famoso sábio. Contou-lhe que o seu novo filho não a amava e pediu ao velho:

— Dá-me uma poção de amor mágica. Assim, o Segab gostará tanto de mim quanto gostava da mãe.

O sábio respondeu:

— Para fazer essa poção preciso dos bigodes de um leão velho e feroz, que habita o deserto

das rochas negras, por detrás do rio. Traz-me os bigodes e far-te-ei a poção.

— Mas como hei-de fazê-lo? O leão vai matar-me de certeza.

— Nisso não te posso ajudar. Só sei fazer poções de amor mágicas. Nada sei sobre leões. Tens de encontrar uma maneira.

Como Bizunesh amava muito Segab, decidiu tentar, apesar do medo. Atravessou o rio até ao deserto das rochas negras e observou o leão à distância. Era uma animal feroz. Quando o ouviu rugir, Bizunesh teve tanto medo que desatou a fugir.

No dia seguinte, voltou ao deserto com comida. Colocou-a numa rocha, a um quilómetro de distância do leão e fugiu.

Na manhã seguinte, a mulher levou novamente comida ao leão mas, desta vez, colocou-a só a meio quilómetro do animal. No dia seguinte, a distância já só era de um quarto de quilómetro.

Finalmente, ganhou coragem para se aproximar ainda mais do animal. O leão viu-a e rosnou de forma amigável. Bizunesh ficou perto do animal, enquanto ele comia. Na manhã seguinte aproximou-se mais e, finalmente, deu ela mesma de comer ao animal. Viu as suas mandíbulas enormes abrir e fechar num estrondo, e ouviu o som dos dentes a rasgarem a carne. Bizunesh sentiu um medo enorme, mas amava muito o enteado. Fechou os olhos, estendeu a mão e arrancou os bigodes do leão. Este mal notou a pequena dor que sentiu ao perder três dos seus bigodes. Bizunesh correu até à caverna do velho sábio.

Estava ofegante quando lá chegou.

— Trago-te os bigodes do leão! — gritou. — Faz-me a poção mágica e o Segab irá de certeza amar-me como a uma mãe.

— Não vou fazer-te nenhuma poção de amor. Aprendeste a aproximar-te do leão. Faz o mesmo com o teu enteado e ele aprenderá a amar-te.

Margaret Read MacDonald
Peace Tales
Arkansas, August House Publishers, Inc., 2005

Uma lição para reis

Conto da Índia

O Rei de Benares e o Rei de Kosala encontraram-se uma vez no caminho. Cada um deles conduzia a sua carruagem pelo meio da estrada e nenhum deles quis dar passagem ao outro.

O condutor do Rei de Benares tentou resolver o problema, deixando passar primeiro o mais velho dos dois reis. Contudo, os soberanos eram da mesma idade.

Em seguida, perguntou-lhes qual era a extensão dos seus reinos. Ambos governavam reinos de trezentas léguas. As suas riqueza e família também eram semelhantes.

Finalmente pensou “Vou deixar passar o mais justo” e perguntou ao cocheiro do Rei de Kosala:

— Que tipo de justiça é a do teu rei?

Este proclamou assim as virtudes do seu rei:

Vence o forte pela força.

Vence o manso pela mansidão.

Conquista os bons pela bondade

E os maus pela maldade.

Tal é a natureza deste rei!

Agora, sai do caminho!

Mas o cocheiro do Rei de Benares não se deixou impressionar e pensou “Se estas são as suas *virtudes*, quais serão os seus *defeitos*?” Começou então a recitar, a propósito do seu soberano:

Conquista a ira com a calma.

Com a bondade a maldade.

Conquista o avaro com prendas,

E com verdade o mentiroso.

Tal é a natureza deste rei!

Agora, sai do caminho!

Quando o Rei de Kosala e o seu cocheiro ouviram estas palavras, desceram da carruagem e deixaram passar o Rei de Benares.

Margaret Read MacDonald
Peace Tales
Arkansas, August House Publishers, Inc., 2005



Levantar o céu

Conto do Pacífico Noroeste

Há muito, muito tempo, o Criador estava a viajar. Enquanto viajava, a sua face brilhava tão intensamente que ninguém conseguia vê-la.

Enquanto caminhava, transportava nas mãos, muitas, muitas línguas, e a cada grupo deu uma língua muito especial. Onde quer que fosse, presenteava os grupos com línguas muito especiais.

Chegou então ao meu país. Olhou em volta e disse:

— Esta terra é tão, tão bonita que não preciso de ir mais longe. Posso parar aqui mesmo, porque esta é a terra mais bonita do mundo.

Nas suas mãos transportava ainda muitas, muitas línguas. Atirou-as, então, em todas as direcções. As pessoas deixaram de se compreender umas às outras. Havia línguas a mais e o céu estava tão baixo que as pessoas altas tocavam com a cabeça no firmamento. Algumas subiam mesmo até ao Mundo do Céu, o que não era de todo apropriado. Havia uma altura certa para entrar no Mundo do Céu; não se podia fazê-lo quando se queria.

As pessoas pensavam, preocupadas “Como havemos de resolver este problema? O Criador colocou o céu muito em baixo e nós não nos entendemos uns aos outros. Como poderemos solucionar este problema, se não falamos uma língua comum?”

Os sábios reuniram-se e disseram aos que os escutavam:

— Existe uma saída. Podemos aprender todos uma palavra...uma palavra: YA-HOW, que significa continuar, caminhar em frente. Se cada um de nós arranjar um pilar bem comprido, podemos solucionar este problema. Ainda há árvores que se podem transformar em pilares bem compridos. Cada um deve cumprir a sua parte. Todos conhecem a palavra. Faremos quatro tentativas, porque quatro é o número mágico.

Todas as pessoas se juntaram. Todas conheciam a palavra.

— Ora vamos lá pôr de pé os pilares. Todos ao mesmo tempo...YA-HOW!

O céu levantou-se um pouco.

— Toda a gente a empurrar os pilares. YA...A...A...HOW!

O céu levantou-se um pouco mais.

— Quem é que não está a empurrar como deve? Temos de empurrar com mais força. E

talvez tenham de gritar mais alto. YA...A...A...AHOW!

O céu levantou-se um pouco mais ainda.

— Esta é a quarta tentativa. Talvez ainda haja alguém que não está a empurrar como deve. YA...A...A...A...HOW! CONSEGUIMOS!

Porque todos trabalharam com um só coração, uma só mente, um só objectivo, levantaram o céu até onde ele está hoje. No entanto, enquanto algumas pessoas faziam isto, havia caçadores a perseguir alguns alces, que não estavam a prestar atenção alguma ao que se passava em redor deles. Os alces subiram para o Mundo do Céu enquanto o céu estava a ser empurrado e os caçadores foram atrás deles. Ficaram lá presos e formam hoje a Ursa Maior.

Também havia alguns pescadores, que estavam a pescar e que não estavam a prestar atenção ao que se passava em redor deles. Quando o céu estava a ser levantado, ficaram presos no Mundo do Céu e tornaram-se na raia que o habita.

Por isso, ouvimos dizer muitas vezes:

— Estejam sempre atentos...Estejam sempre atentos...Trabalhem juntos, trabalhem por uma causa comum e podem fazer muito com uma só palavra.

Margaret Read MacDonald
Peace Tales
Arkansas, August House Publishers, Inc., 2005

Os rebentos do umbuzeiro

Assim que entrei no consultório, o Jorge disse-me:

— Tenho uma história para te contar.

— Uma história? Porquê?

— Não sei, achei que te podia ajudar.

— Está bem — disse eu, confiando nele.

Era uma aldeia muito pequena.

Tão pequena que não figurava nos grandes mapas nacionais.

Tão pequena que tinha apenas uma praça diminuta e, na sua única praça, uma única árvore.

Mas as pessoas adoravam a sua aldeia, amavam a sua praça e a sua árvore: um enorme umbuzeiro que se encontrava precisamente no centro da praça. E também no centro da vida quotidiana dos habitantes da aldeia: todas as tardes por volta das sete, depois do trabalho, os homens e as mulheres da aldeia encontravam-se na praça, recém-lavados, penteados e vestidos, para dar duas voltinhas ao umbuzeiro.

Durante anos, os jovens, os pais dos jovens e os pais dos pais dos jovens cruzavam-se diariamente à sombra do umbuzeiro.

Ali se haviam fechado negócios importantes, se haviam tomado decisões relativas ao município, celebrado casamentos e recordado os mortos durante anos e anos.

Um dia, começou a acontecer uma coisa diferente e maravilhosa: numa raiz lateral, saído do nada, brotou um raminho verde com duas únicas folhas viradas para o sol.

Era um rebento. O primeiro rebento que o umbuzeiro dera, desde sempre.

Depois da comoção, criou-se um comité para organizar uma festa em honra daquele acontecimento.

Para espanto dos organizadores, nem toda a gente da aldeia correu à celebração. Havia quem achasse que o rebento traria complicações.

A verdade é que, uns dias depois de ter aparecido o primeiro rebento, começou a brotar outro. E, no espaço de um mês, mais de uma vintena de raminhos verdes tinham assomado das velhas raízes do umbuzeiro.

A alegria de uns e a indiferença de outros iam durar pouco.

O alerta foi dado pelo guarda da praça. Algo se passava com o velho umbuzeiro. As suas folhas estavam mais amarelas do que nunca, estavam frágeis e caíam facilmente. A cortiça do tronco, que outrora era carnuda e macia, ficara ressequida e quebradiça. O guardião fez o seu diagnóstico.

— O umbuzeiro está doente.

E talvez morresse.

Nessa tarde, durante o passeio vespertino, estalou a discussão. Alguns começaram a dizer que a culpa era dos rebentos. Os seus argumentos eram concretos: tudo estava bem antes de eles aparecerem.

Os defensores dos rebentos diziam que uma coisa não tinha nada a ver com a outra e que os rebentos asseguravam o futuro, se acontecesse alguma coisa ao umbuzeiro.

Expostas as diferentes opiniões, formaram-se dois grupos claramente antagónicos. Um que defendia o velho umbuzeiro, outro que defendia os novos rebentos.

Sem saber como, a discussão tornou-se cada vez mais calorosa e os dois grupos distanciaram-se cada vez mais. Chegada a noite, decidiram tratar o assunto na reunião municipal do dia seguinte, para acalmar os ânimos.

Mas os ânimos não se acalmaram. No dia seguinte, os Defensores do Umbuzeiro, como começaram a apelidar-se, disseram que a solução do problema era voltar atrás. Os rebentos estavam a tirar as forças ao velho umbuzeiro e a actuar como parasitas da árvore. Tinham, portanto, de destruir os rebentos. Os Defensores da Vida, como se havia baptizado o segundo grupo, escutaram alvoroçados, porque também eles se tinham reunido para encontrar uma solução. Tinham de arrancar o velho umbuzeiro, que na verdade já cumprira o seu ciclo. A única coisa que estava a fazer era atirar sal e água aos recém-nascidos. Além disso, era inútil defender o umbuzeiro porque, de qualquer forma, a velha árvore já estava praticamente morta.

A discussão terminou em briga e a briga em escaramuça, onde não faltaram gritos, insultos e pontapés. A polícia pôs fim à contenda, mandando toda a gente para casa.

Os Defensores do Umbuzeiro reuniram-se nessa noite e decidiram que a situação era desesperada, já que os seus estúpidos adversários não iam ouvir os seus argumentos e, como tal, decidiram agir. Armados com tesouras de podar, paus e picaretas, decidiram atacar: destruídos os rebentos, a situação a negociar seria diferente.

Chegaram à praça todos contentes.

Ao aproximarem-se da árvore, viram que um grupo de pessoas estava a empilhar toros à

volta do umbuzeiro. Eram os Defensores da Vida, que planeavam lançar-lhe fogo.

Ambos os grupos de defensores embrenharam-se noutra discussão, mas desta vez as suas mãos estavam armadas de ódio, rancor e vontade de destruir.

Vários rebentos foram pisados e danificados durante a escaramuça.

O velho umbuzeiro também sofreu danos graves no tronco e nos ramos.

Mais de vinte defensores de ambos os bandos acabaram a noite internados no hospital, com feridas de maior ou menor gravidade.

Na manhã seguinte, a praça tinha um aspecto completamente diferente. Os Defensores do Umbuzeiro tinham levantado uma cerca à volta da árvore e guardavam-na permanentemente com quatro pessoas armadas.

Os Defensores da Vida, por seu lado, tinham cavado um fosso e instalado uma vedação de arame farpado à volta dos rebentos que restavam, a fim de repelir qualquer ataque.

No resto da aldeia, a situação também se tornara insustentável: cada grupo, determinado a conseguir mais apoio, politizara a situação e obrigava o resto dos habitantes a tomar uma posição. Quem defendia o umbuzeiro era inimigo dos Defensores da Vida e quem defendia os rebentos tinha, por conseguinte, de cultivar um ódio de morte pelos Defensores do Umbuzeiro.

Por fim, decidiu-se deixar a decisão ao juiz de paz — que cumpria também as funções de sacerdote da pequena igreja da aldeia — que deveria dar o seu veredicto no domingo seguinte.

Dividido o público por uma corda, os dois bandos agrediam-se verbalmente. A gritaria era terrível e ninguém se conseguia fazer ouvir.

De repente, abriu-se a porta e, pelo corredor, seguido pelo olhar de ambas as partes, avançou o Velho, apoiado na sua bengala.

O Velho, que devia ter mais de cem anos, fundara aquela aldeia na sua juventude, planificara as suas ruas, sorteara os lotes de terreno e, claro está, plantara a árvore.

O Velho era respeitado por todos e a sua palavra conservava a lucidez que o acompanhara durante toda a sua vida.

O ancião afastou os braços que se ofereciam para o ajudar e, com dificuldade, subiu ao palco e falou.

— *Seus tontos!* — disse. — *Autoproclamam-se Defensores do Umbuzeiro, Defensores da Vida... Defensores? Vocês são incapazes de defender seja o que for, porque a vossa única intenção é prejudicar todos aqueles que pensarem de maneira diferente da vossa.*

Não se apercebem do vosso erro e tanto uns como os outros estão equivocados.

O umbuzeiro não é uma pedra. É um ser vivo e, como tal, tem um ciclo de vida. Esse ciclo inclui dar vida aos que continuarão a sua missão. Isto é: inclui preparar os rebentos para fazer deles novos umbuzeiros.

Mas os rebentos, seus estúpidos, ainda mal são umbuzeiros. Por isso, não poderiam viver se o umbuzeiro morresse e a vida do umbuzeiro não teria sentido se não fosse capaz de transformar-se numa vida nova.

Preparem-se, Defensores da Vida. Treinem e armem-se. Em breve chegará a hora de deitar fogo à casa dos vossos pais com eles lá dentro. Porque em breve eles envelhecerão e começarão a estorvar o vosso caminho.

Preparem-se, Defensores do Umbuzeiro. Pratiquem com os rebentos. Devem estar preparados para pisar e matar os vossos filhos quando eles quiserem substituir-vos ou superar-vos.

E autoproclamam-se vocês «Defensores»!

Vocês só querem é destruir.

E não se apercebem de

que destruindo,

destruirão também,

inexoravelmente,

tudo aquilo que pretendem defender.

»Pensem!

Não vos resta muito tempo...

E dito isto, desceu lentamente do palco e caminhou para a porta, perante o silêncio de todos.

... E foi-se embora.

O Jorge ficou calado. Eu não consegui evitar que as lágrimas me caíssem dos olhos. Levantei-me e fui-me embora, em silêncio, cansado e com as ideias claras...

Havia tanto que fazer!

Jorge Bucay
Deixa-me que te conte
Cascais, Editora Pergaminho, 2004

Os paus da discussão

Conto iroquês

Dois rapazes iroqueses estavam a discutir. Nenhum deles queria admitir que estava errado. Estavam prestes a bater um no outro, quando a mãe lhes deu três paus e disse:

— Estes Paus de Discussão são especiais. Vão resolver a vossa disputa. Coloquem-nos na floresta, encostados uns aos outros, para que se mantenham de pé. Deixem-nos lá durante um mês. Se caírem em direcção ao norte, o que tiver erigido o pau do norte ganha a disputa. Se caírem em direcção ao sul, o que tiver erigido o pau do sul é que tem razão.

Os rapazes levaram os paus para a floresta e puseram-nos de pé. Achavam que isto iria resolver a sua querela. Um mês mais tarde, lembraram-se dos paus e foram à floresta ver quem tinha ganho a disputa.

Os paus tinham caído uns em cima dos outros e estavam a apodrecer. Não havia vencedor. A verdade é que os irmãos já nem se lembravam por que razão tinham discutido.

Margaret Read MacDonald
Peace Tales
Arkansas, August House Publishers, Inc., 2005

Olhar o inimigo de frente

Conto americano

Eis uma técnica de paz que resultava com uma mãe em Indiana. A filha conta:

Tenho duas irmãs mais novas. Se alguma de nós se envolvesse numa luta enquanto brincávamos, a minha mãe resolvia o conflito da seguinte forma:

Ordenava que as duas adversárias se sentassem frente a frente em duas cadeiras, separadas apenas por alguns centímetros. “Têm de olhar uma para a outra durante cinco minutos”, ordenava a minha mãe, e certificava-se de que o fazíamos ficando junto de nós. Às vezes, dizia “Jennifer, olha para a tua irmã”, naquele tom de voz de uma mãe que não admite desafios. Com a expressão cerrada, lançávamos um olhar gelado aos braços cruzados da outra. “Olha para a cara dela. Olha-a nos olhos”, ordenava a minha mãe. Obedecíamos-lhe a contra-gosto, tentando manter os nossos olhares carrancudos, tentando não rir da expressão hilariante que se formara na cara da outra. É claro que estes esforços resultavam em trejeitos ainda mais hilariantes, o que tornava impossível não nos rirmos uma da outra. De repente, sem nos darmos conta, já estávamos a rir em voz alta, de nós mesmas e da outra. A nossa juíza severa sorria e tentava ela mesma não desatar a rir. “Podem ir agora”, dizia, da forma mais solene que podia, e ia para a cozinha, rir sozinha, enquanto nós voltávamos à brincadeira.

Nunca tivemos de ficar sentadas durante os cinco minutos por inteiro.

Acredito que esta abordagem não resulta com todos os conflitos. Lembro-me de que havia ocasiões em que éramos punidas, sobretudo se tínhamos magoado uma irmã fisicamente. Mas lembro-me de me torcer naquela cadeira, de tentar continuar zangada e de ver que não podia fazê-lo, se de facto olhasse de frente a pessoa com quem estava zangada.

Margaret Read MacDonald
Peace Tales

Arkansas, August House Publishers, Inc., 2005

Buda impede uma guerra

Conto da Índia

Certa vez, Buda impediu uma guerra iminente entre os Shakyas e os Kolis. No rio Rohini, que separava as cidades de Kapilavastu e Koli, tinha sido construída uma barragem que permitia àqueles dois povos irrigarem os seus campos. Acontece que houve uma grande seca e que os agricultores de ambos os lados do rio reclamaram como seu o direito de utilizarem a pouca água que restava. Insultaram-se da pior maneira. O litígio, em muito exagerado pelos rumores que circulavam de ambos os lados, chegou aos ouvidos dos monarcas reinantes e levou a uma declaração de guerra. Os exércitos dos Shakyas e dos Kolis acamparam face a face em margens opostas do rio.

Nesta altura, apercebendo-se do que se estava a passar, Buda deslocou-se até ao campo de batalha. Os Shakyas baixaram as armas, em sinal de respeito por aquele a quem consideravam a jóia da sua raça, e os Kolis fizeram o mesmo. Buda perguntou se estavam ali reunidos para celebrar um festival da água. Quando lhe disseram que se tratava de uma guerra, Buda quis saber a causa do conflito. Os príncipes disseram que não sabiam e foram perguntar aos generais. Estes, por sua vez, perguntaram aos oficiais subalternos. As perguntas continuaram até chegar aos agricultores que tinham dado origem ao conflito.

Quando finalmente soube a causa da disputa, Buda perguntou qual era o valor da água. Disseram-lhe que era pequeno. Buda perguntou, então, qual era o valor dos homens. Foi-lhe respondido que era enorme.

— Porque quereis esbanjar o que é de tão grande valor, por causa do que é de tão pouco?

Este argumento foi o suficiente para convencer as facções a desistirem da guerra.

Margaret Read MacDonald
Peace Tales
Arkansas, August House Publishers, Inc., 2005

Manhã de Junho

Talvez, talvez sejam os últimos
dias. Se for assim, são um esplendor.
Apesar dos aviões da Nato despejarem
bombas e bombas no Kosovo, a perfeição
mora neste muro branco
onde o escarlate
da flor da buganvília sobe ao encontro
da luz fresca da manhã de Junho.
A beleza (não há outra palavra
para dizê-lo), desta manhã
é terrível: persiste, domina –
apesar dos aviões, mesmo com
bombas a cair e crianças a morrer.

Eugénio de Andrade

Porto, Fund. Eugénio de Andrade, 2000

